FON FON

ANNO XXIII — Nº. 32
Rio, 10 de Agosto de 1929
— Preço: 1$000 —

O conto brasileiro

O FORRÓ

(Scena popular cearense)

POR VALDEZ CORRÊA

NOS annos de bom inverno, quando não lhe tem a torturar o espirito a calamidade das seccas, ninguem mais do que o caboclo cearense é folgazão e feliz.

A sua alma simples, em que predominam como traços atavicos o mysticismo do negro e o delirio do indio, então, se expande em noitadas de terços, novenas e danças. E, aos sabbados, não ha povoação, villa ou fazenda onde não se exalte um sitio e se realize um *forró*.

Assim como os violeiros, ha os tocadores celebres, afamados.

A's vezes são reclamados de longe, de leguas, para darem ás festas o exito que o simples prestigio de seus nomes assegura, decide.

Vêm escarranchados no lombo da pileca, sob a rutilação vibrante do sol, a sanfona amarrada no sacco, pendurada nas costas, á moda japoneza.

Mais que o lucro pingue da collecta barata, paga-lhes o sacrificio a exaltação do amor proprio, a vaidade satisfeita.

São typos conhecidos, populares. Quando passam, vão deixando atrás uma admiração e uma pergunta:

— O "Senhor", da Jabaya, passou hoje por aqui. Onde irá elle tocar?...

* * *

Chapéo agaloado sobre a testa, num requinte de faceirice, o collarinho de celluloide, amarellado, a enforcar-lhe o pescoço, as botinas numa mão, o cacete de jucá na outra, — assim nessa indumentaria bizarra o caboclo vae á festa.

Nem sequer sabe ao certo onde é. Disseram-lhe, apenas, laconicamente:

— E' lá para as bandas da Mucuna...

Com esta simples indicação, vaga, tão imprecisa, toma o caminho, ganha o matto. Anda, ás vezes, leguas e leguas, a pé.

Lá adeante broxuleia uma luz: — é uma casa.

Chega, bate palmas, pede agua a pretexto, indaga. O outro informa, esticando o beiço:

— E' lá na casa do sô *Kilicéro. Num tem errada. Meçê* vae por aqui. Lá *adiente é o corgo, adespois* a casa da Guiripina. Quando *chegá* no pé de massaranduba, tome a *dereita: — a tria* vae *morrê* no terreiro.

Retoma a marcha.

No corrego lava os pés, calça-se. Sae pisando desageitado, esquisito. Passa a casa da Agripina, no pé de massaranduba faz alto. Ali está a trilha que vae *morrê* no terreiro.

Sacode a poeira da roupa, ageita o collarinho, sorrindo do effeito que certamente vae despertar no espirito matuto das moças.

E parte.

O *forró* está "fervendo".

A sala, apertada, fervilha de morenas, numa alegria ruidosa e expansiva.

Mas, o caboclo não entra logo. Fica, de fóra, *assumtando*. Até que, galvanizado pelo enthusiasmo envolvente da dança, se aproxima da porta, indaga:

— Quem é o festeiro?

— E' sô *Kilicéro. Qué falá cum elle? O' sô Kilicéro?...*

— *O'...*

— Aqui tem um *cunvidado...*

O Glycerio é a pessoa mais em destaque naquella noite. Vem de lá todo importante, *assoberbio:*

— *Bôs noite.*

— *Bôs noite.*

— Quanto é a entrada?

— Dois *mil rés.*

Dois mil réis?!! E' muito. Regateia. Deante da negativa do outro, baixa a cabeça, os olhos fitos no chão, vacillante. Chupa o cigarro com força, sopra a fumaça na cinza, hesitante ainda. Mas, não se contém: — Paga...

Entra, encosta-se á parede.

Naquelle ambiente poeirento, suffocante, os corpos agitados tresandam um insupportavel mau cheiro.

(Continúa na pagina 78)

O COMMENTARIO

* * *

O desapparecimento inesperado e prematuro da distincta individualidade do dr. Demosthenes de Carvalho abriu na actual situação dominante no Ceará uma vaga importante: a de vice-presidente do Estado. Esse cargo era outróra apanagio dos grandes chefes politicos do interior. Fôram vice-presidente o padre Cicero e o coronel Gustavo Lima. O sr. Mattos Peixoto rompeu com essa praxe, escolhendo para o cargo o dr. Demosthenes de Carvalho, seu amigo pessoal, moço de cultura e de alto valor moral, absolutamente afastado da politica.

Novamente vaga pelo doloroso acontecimento, a vice-presidencia, o chefe do executivo cearense renovou os seus propositos de purificação do ambiente politico do Estado. Não foi buscar o successor do dr. Demosthenes na politica profissional matuta ou litoranea. Appellou para a juventude e para a intellectualidade. E escolheu para a alta investidura o dr. Benedicto Augusto Carvalho dos Santos, professor de nomeada, intellectual de valor, jornalista, escriptor, mais conhecido pelo nome singelo de Beni Carvalho, cujo vida é um exemplo vivo de dignidade, de estudo e de altivez.

Louvamos o sr. Mattos Peixoto por essa excellente escolha. O saudoso dr. Demosthenes de Carvalho merecia um successor como esse.

— A proposito, que me dizes de Mariot?

— Mas, como? Não o sabes? Está louco... em um manicomio... não sei onde...

— E' possivel!?... Mariot tão alegre, tão intelligente...

— Sim, rapaz... Assim é tudo.

Eu falava com Gobert, a quem, depois de dez annos de ausencia, havia encontrado casualmente na rua, quando sahia de seu gabinete ministerial.

Sentados no terraço de um café, conversavamos sobre os camaradas dispersos de nossa juventude já remota. Esses companheiros se tinham perdido de vista. Alguns, por terem ficado ricos, outros, por terem ficado pobres. O nucleo das amizades se reduzia cada anno.

Eu regressára do Brasil havia poucos dias e bemdizia a casualidade que me surprehendêra com o encontro com Gobert, meu amigo fraternal de outro'ora.

— De modo que Mariot...?

— Louco. Coitado! Lembras-te das suas cousas, daquellas mentiras que costumava gastar e que era elle o primeiro a celebrar?

De facto, eu me lembrava dellas. Mariot estivéra empregado commigo no Ministerio do Trabalho, e era, aliás, um funccionario pouco exemplar. Fazia seu trabalho. Mas, de vez em quando, tomava ás de Villa-Diogo, ou deixava vagar sua imaginação.

Um dia, teve a idéa de telephonar para seu chefe, mandando-o ir ao palacio dos *Champs Elysées* para dar conta de um insignificante choque de trens.

O director pôz o sobretudo e o chapéo de feltro e foi falar com o presidente da Republica, que se mostrou pouco amavel, bastante áspero e um tanto sarcástico, e que, por fim, lhe perguntou, com toda a suavidade possivel, si ficára maluco...

Outra vez, fez publicar, na secção *Necrologicas* dos grandes diarios, a noticia da morte de um tio imaginario, o que lhe valeu dez dias de licença.

Em certa occasião, rogou ao ministro que fosse padrinho de um filho seu. O tal filho era puramente phantastico, como podeis suppôr. O ministro acceitou benevolamente, e a cerimonia se realizou um domingo, tendo o titular comparecido pessoalmente e sustentado em seus braços um menino qualquer, sem procurar verificar os nomes que se registavam na partida que firmava.

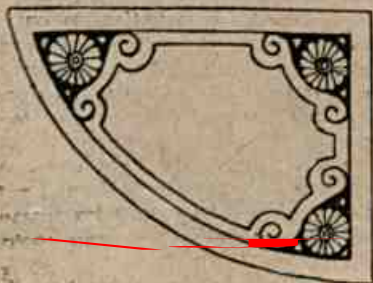
Poderia contar-vos muitos outros casos identicos.

Foi naquelle tempo que Mariot conheceu uma joven encantadora, com a qual se casou. Encantadora é um adjectivo vulgar, mas optimamente adequado a uma mulher que, como essa, tem o dom prodigioso de agradar.

Mariot adorava-a. Adorava-a, mas sem chegar a renunciar, por ella, a nenhuma de suas manias, nem mesmo a essa affeição desastrada que tinha pelas mentiras, pelas pilherias, nas quaes elle era mais uma victima e talvez a primeira.

Occorria ás vezes que, si chegava tarde para o jantar, não vacillava em dizer a sua esposa que fôra mordido por um cão damnado e tivéra que ir ao Instituto Pasteur para que lhe applicassem uma injecção de virus anti-rabico. Ou então se atirava — eu o vi com meus proprios olhos — ao tanque do Luxemburgo e ia depois tiritando para sua casa, afim de contar que, passeando pela dóca, vira um desesperado atirando-se ao rio e que conseguira salval-o. E fazia isso por nada, simplesmente por prazer, e para que a pobre e infeliz esposa, que o queria muito, vivesse em continuo sobresalto, temendo que um dia lhe levariam o marido feito em pedaços.

Quando não ia á repartição, dava sempre desculpas distinctas. Algumas vezes, era sua mulher que cahia da escada; outras, porque a companheira estava muito mal e elle, Mariot, tinha que pas-

sar as noites em casa, á cabeceira da enferma. Eu o vi pintar olheiras com uma cortiça queimada, para que o chefe tivesse pena delle...

— Por que fazer isso? — perguntei-lhe.

— Porque a cara compassiva de todos os imbecis me causa riso...

Uma manhã, chegou á repartição com o semblante muito alterado.

— Minha mulher fugiu com o bailarino de um *dancing*.

Acompanhamol-o dois dias, para evitar que elle se atirasse ao Sena. Costumavamos dizer-lhe:

— Não te preoccupes, homem... Não te lembres mais della... E' indigna de teu amor...

E tres dias depois, o chefe encontrou, á noite, Mariot com sua esposa, assistindo, tranquillamente, a um espectaculo na Comedia.

Seis mezes depois, Mariot, um dia, nos communicou, por telephone, que sua mulher morrêra durante a noite. Veiu á repartição passados alguns dias, e nós nos rimos na sua cara. Mandára cartões a uns e a outros, e ninguem se déra ao incommodo de respondel-os, sentimentando-o.

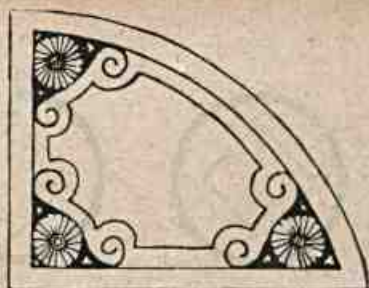
— Mais uma das suas! — era o que todos diziam.

Todos os seus amigos julgaram tratar-se de uma farça e ninguem teve a idéa de vir perguntar na porta de sua casa. Mariot não deixava de mostrar-se afflicto, pesaroso, triste, e até o viram chorando... Um dia, eu lhe disse, particularmente:

— Escuta. O que estás fazendo passa dos limites...

— Mas, não! Juro-te que minha mulher morreu! — respondeu-me soluçando.

— Eu sou bastante amigo — exclamei — para que tambem me queiras tomar como victima de tuas pilherias de máo gosto.

Quantos o conheciam se negavam a crêl-o. Mariot era victima por sua vez, de troças odiosas. De vez em quando lhe telephonavam da parte de sua mulher...

— E soubemos — disse Gobert — soubemos que, com effeito, ella havia morrido, quando se recebeu um officio do commissario do districto, communicando ao chefe que Mariot fôra internado em um manicomio como louco furioso. Indubitavelmente perdêra a razão porque, deante de sua verdadeira dôr, não encontrára sinão semblantes de troça. Deve ter-se sentido tão só no mundo, tão indifferente aos outros com a sua grande magoa, que seu cerebro se transtornou...

E Gobert acrescentou, concluindo:

— Minha opinião é que elle nunca teve juizo...

M. O.

— Está louco... em um manicomio... não sei onde...

O CUMPLICE

J. Jacoby

DELUC teve apenas tempo de saltar sobre o estribo de um vagão de primeira classe de um trem que partia com grande barulho de apitos.

Com sua valise na mão, Deluc seguiu pelo corredor, balanceando-se com as oscillações do carro. Na penumbra azulada dos compartimentos, todos os passageiros pareciam dormir. Deluc viu que um dos compartimentos parecia vazio, e empurrou a porta de vidro. Uma careta de desencanto pregou seus labios; sobre um assento estava extendido um homem de cara para a parede. A' escassa claridade, o viajante poude observar uns calçados bonitos, um traje correcto, e, na rêde de arame, uma valise com applicações de brilhante bronze.

— E eu que comprei passagem de primeira classe para viajar sózinho! — disse comsigo, mal humorado, Deluc.

E sentou-se em um recanto. A semi obscuridade, a noite, a musica monotona dos eixos — tudo lhe trazia uma certa somnolencia, e pouco a pouco lhe foi invadindo uma impressão estranha: a densa escuridão em que mergulhava a paizagem, a luz tenue do "abat-jour", a canção das rodas, sempre a mesma, a aquelle grande corpo immovel sobre o assento lhe pareceram imagens desconcertantes de um pesadelo que elle se esforçava em dissipar.

Abriu os olhos e olhou seu companheiro, notando então, pela primeira vez, que o desconhecido não fizéra o menor movimento.

Aguçou o ouvido e percebeu, através da trepidação do trem, os mil ruidos imperceptiveis da vida: sua respiração, o rugir de uma sola do sapato, o tic-tac de seu relogio... Mas, no outro assento, havia apenas um silencio de morte.

Deluc levantou-se vivamente e inclinou-se sobre o viajante. Sobresaltado, recuou, mas depois novamente se aproximou. Por sob o gorro de viagem daquelle homem, cahido sobre os olhos, corria um fio de sangue, que descia pela face até perder-se no pescoço. Deluc tocou o desconhecido no hombro, sacudiu-o a principio suavemente, depois com mais força. O gorro cahiu, deixando a descoberto um grande ferimento na face. O desconhecido estava morto, não havia a menor duvida. Como não havia signaes de lucta, devia ter sido assassinado durante o somno.

Roubo? Vingança?

Uma vertigem de pensamentos passou pelo cerebro de Deluc. Elle iniciou um movimento para a campainha de alarme, outro para a porta, e seu olhar cahiu sobre uma carteira que emergia de um dos bolsos do traje da victima. Apanhou-a e abriu-a. Continha o retrato de uma mulher joven e bonita, um recorte de jornal e um maço de notas de banco.

A partir daquelle instante, a agitação que sentia Deluc foi substituida por uma calma estranha, e seus movimentos foram calculados, precisos. Metteu as notas no bolso e poz a carteira em seu logar. Estava transpirando, e afastou com gesto displicente os cabellos que lhe cahiam sobre a testa. Vendo as proprias mãos, notou que estavam manchadas de sangue e as limpou com as cortinas das janellas.

Em seguida, tomou sua valise, e abrindo, com grandes precauções, a porta, sahiu para o corredor deserto. Ali, tirou o relogio. Eram doze e vinte e cinco. Dentro de quarenta minutos estariam em Paris. Todos os passageiros dormiam. De sorte que não havia testemunhas. E, de repente, um terrivel pensamento o fez estremecer. O assassino!... Si elle estivesse ali!... Si, uma vez perpetrado o crime, se houvesse installado tranquillamente em outro vagão!... Ah!... De certo, não dormia. Vira Deluc entrar no compartimento onde estava o morto e esperar, angustiado, o som da campainha de alarma, ao despertar sobresaltado dos viajantes, a luz e a perseguição do criminoso. Talvez, occulto, observasse seu involuntario cumplice. Deluc não se atrevia a mover-se, pesando até em seus menores detalhes o que lhe restava por fazer. A canção das rodas mudava de cadencia, o trem ia detendo-se e appareceram luzes pontilhando nas trevas. Os compartimentos se illuminaram um a um e varios viajantes sahiram ao corredor, misturando suas vozes.

Fóra, os ruidos de Paris, o resplendor das luzes de um grande café, aberto ainda áquella hora tardia — toda essa decoração familiar para elle, havia annos, o fez voltar á realidade. Tomou um taxi e deu ao "chauffeur" o endereço. Uma vez dentro, Deluc sentiu que o horor o envolvia como uma maré cheia. Procedêra como em um máo sonho, impellido por uma vontade estranha. De que torvas e desconhecidas profundezas havia surgido bruscamente aquelle instincto do crime que dirigira seus actos com a precisão de uma longa experiencia?

No dia seguinte, Deluc se despertou com o energico desejo de varrer de seu espirito a recordação daquella horrivel noite. Pôz-se a contar a sua esposa, com grande luxo de detalhes, o negocio que fizéra em Melun.

— Sim, querida: Marechal acceitou e já me entregou a commissão. Mil e quinhentos!... Toma. Junta-os a tuas economias.

Puxou a carteira e della tirou um maço de notas.

E, de repente, suas mãos começaram a tremer convulsivamente: a notas de mil se extenderam sobre a mesa. Havia mais de vinte.

Reinou um penoso silencio. Marido e mulher se olharam, e o mesmo terror brilhava no fundo de seus olhos.

— Escuta. Vou explicar-te — disse Deluc. Esta é uma quantia que me confiou Marechal... Sim: para seu corretor... Bem sabes que esse em-

O CUMPLICE

(Conclusão)

diabrado homem negocia na Bolsa... Mas, não digas nada. Elle pediu-me a maior discreção...

E, sorrindo desconfiadamente, ajuntou:

— Vou sahir, querida. Espera-me para o jantar.

Beijou sua mulher na fronte, e sahiu. O dia transcorreu interminavel, matizado por conversações, pilherias de companheiros, mil pequenos gestos habituaes.

Um pensamento o obsecava: vêr-se livre do dinheiro. Antes da noite, as notas reveladoras deviam desapparecer. Mas, como?

E pensava nisso tomando chá com um collega que lhe falava de sua dispepsia.

Suppoz, afinal, ter encontrado o meio: entrou em uma agencia do correio, comprou um enveloppe sellado, dobrou bem as notas para que não avultassem fechou o enveloppe e o poz na caixa.

Assim, nada ficava do crime. Fôra apenas um máo sonho. Nada mais. Um máo sonho cuja recordação se iria apagando pouco a pouco, para adquirir, afinal, os contornos esfumados de uma aventura longinqua e curiosa. Essa idéa o enchia de alegria e confiança. Apenas lhe restava, agora, a má lembrança de ter assustado sua esposa. E pensou com ternura no jantar que o esperava na pequena sala abrigada e familiar. Um jornaleiro extendeu-lhe uma folha.

Elle comprou-a machinalmente, e, ao desdobral-a sentiu que lhe tremiam as pernas. Em grandes titulos vinha uma sensacional noticia: *O crime do expresso de Lyon.*

Seguiam-se vinte linhas onde se annunciava que a victima não pudéra ser identificada e que o assassino ainda permanecia ignorado.

Deluc dobrou cuidadosamente o jornal e o guardou no bolso. Ao subir a escada de sua casa, seu rosto se serenou e elle esfregou as faces para lhes dar calor. Ao vel-o, sua mulher se levantou livida com olhos de espanto. Um jornal tremia-lhe nas mãos.

Deluc precipitou-se para ella, soltando um grito de angustia.

— Não, querida! Isso não, isso não!... Juro-te... Não fui eu quem assassinou!...

Mas no olhar de sua esposa leu, com profunda angustia, que ella não acreditava nelle... jamais e acreditaria...

M. C.

O que nem todos sabem

Nos logares pantanosos do Prata existe um sapo venenoso que, apesar de ser pequeno, causa victimas entre os cavallos e outros animaes aos quaes morde. Permanece occulto na lama, deixando de fóra apenas seus grandes olhos amarellos. E quando morde, fica pendurado com os dentes, envenenando a ferida com sua saliva. Segundo parece, é essa a unica especie venenosa entre todos os sapos e rans do mundo.

•

Os persas consideravam um acto mortal deixar que as unhas ou o cabello, ao ser cortados, cahissem ao chão. Deviam ser sempre atirados ao fogo para conjurar os males.

•

Em certas provincias do norte da Russia, os bois e carneiros usam grandes oculos, pelo inverno. Os camponezes russos verificaram que o seu gado soffria horrivelmente, no agudo inverno do norte, com a reverberação da neve, que provoca terriveis ophtalmias. Para evitar esse mal, que dizimava ou inutilizava os rebanhos, resolveram os "moujiks" adoptar para os seus animaes essa pratica civilizada de oculos, que, no caso, são folhas de malacacheta presas a um simples arame...

•

O maior jornal que se edita no mundo é de Nova York e tem este titulo original *Illuminated Quadruple Constellation*. Mede oito pés e meio de altura e seis de largura, e não contém annuncios.

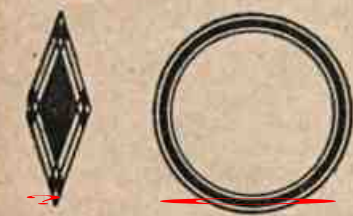
Sua tiragem é de 28.000 exemplares, que são vendidos a meio dollar cada um. A materia de cada numero poderia formar um volume in-quarto, de 4.000 paginas.

Esse gigantesco periodico não circula frequentemente. Apparece apenas uma vez em cada seculo. O proximo numero do *Illuminated Quadruple Constellation* sahirá no anno de 1959.

•

Na Allemanha, os carros dos trens do Estado são pintados da mesma côr dos bilhetes das respectivas classes. Os de primeira classe são amarellos; os de segunda, verdes, e os de terceira, brancos, que são as mesmas côres dos bilhetes.

•

Diz-se que as abelhas enxergam de enorme distancia. Quando estão fóra de sua colmeia, e a ella querem voltar, vôam para cima, até que vêem sua casa, e então se dirigem, em linha recta, para ella.

O PREMIO

A. VERAINE

O grande actor dramatico, accommodando-se na cadeira do circulo onde nos encontravamos, me disse, com ar de cansaço e de tristeza:

— Não me ouviu o senhor contar o que se passou commigo uma vez em que prestei um grande serviço a uma mulher muito formosa e que estava na imminencia de morrer?

— Não. Ou não mo contou, ou eu não me lembro. A menos que se trate do salvamento daquelle menino que, sem o senhor, teria parecido afogado.

— Não. Não se trata, agora, daquelle menino.

— Então ignoro o que quer referir.

O grande actor levou á bocca a taça do fumegante "moka" que acabavam de servir-nos, e permaneceu um instante silencioso. Eu temia que elle acabasse relatando-nos o successo cuja ennunciação me havia interessado, e roguei-lhe que me contasse o que lhe havia acontecido com aquella belleza em perigo.

Como unica resposta, moveu a cabeça, e começou, com amargura:

— Ha muitos annos, me achava eu á frente de uma companhia, na qual interpretava o papel de Hamlet. Toda Londres accorria a vêr-me e a applaudir-me. As entradas eram vendidas a preços elevados, e havia sempre muita gente á frente da bilheteria do theatro. De sorte que as entradas chegaram a alcançar um preço fabuloso. Para se adquirir uma, eram precisos até empenhos e mesmo influencia.

"Pois bem: uma noite em que, terminado o espectaculo, regressava eu a meu apartamento, vi que uma senhora era assaltada por uns malfeitores. Avancei decididamente para elles, e, sempre disposto a dar minha vida para salvar a daquella mulher, os intimei a se retirarem, si não queriam medir suas forças com as minhas.

"Elles zombaram de minhas ameaças. Agi, então, energicamente, e não me foi difficil pôl-os em fuga.

"A senhora havia desmaiado, e quando voltou a si, procurei tranquillizal-a da melhor maneira possivel, fazendo-lhe vêr que já havia desapparecido todo o perigo. Ella se mostrou muito agradecida para commigo. Como era tarde, me offereci para acompanhal-a até sua casa, uma vez que, além de se achar muito nervosa, não estava livre de ser victima de um novo attentado. A joven, pois era joven e formosa, acceitou meu braço com grande alegria.

"Quando chegámos a sua casa, que, diga-se de passagem, não era muito longe do logar onde se déra o assalto, ella me convidou a subir até seu appartamento, ao mesmo tempo que, carinhosamente, me dizia que queria dar-me uma recompensa por meu heroico e nobre comportamento. E' excusado dizer-lhe a illusão que me embargou naquelle momento. Mas minha illusão durou pouco. Com effeito, ella se introduziu em um dos compartimentos de seu andar, não sem pedir-me antes suas desculpas, e reappareceu pouco depois, com um enveloppe na mão, rogando-me o acceitasse como uma pequena mostra de seu profundo agradecimento."

O grande actor fez um alto em sua narrativa e inclinou a cabeça com signaes evidentes de confusão. E proseguiu, depois:

— Já sabe o senhor que nós os comicos, não desfructamos de uma vida desafogada, apesar de nosso constante trabalho. E a crise para a nossa arte era, naquelle tempo, tão grande, que, ás vezes, nos reduzia á miseria mais espantosa. Por essas razões, embora não deixe de comprehender minha ruindade, eu me inclinei deante daquella mulher e tomei o enveloppe que me extendia ella...

— Fez muito bem — disse-lhe eu. — Não acho que houvesse inconveniente algum para que o não acceitasse. E que continha?

O grande actor olhou-me de uma triste maneira, e respondeu-me:

— Que continha? Imagine o senhor! Duas entradas para que eu fosse vêr a mim mesmo, em *Hamlet*...

MALVA (Capital) — Não julgue antes de conhecer os factos. Grosseria não, o direito de não me submetter á caceteação de um trote sem graça e irritante. Eis ahi! Isto sim! Mas, para lhe dar uma prova de que me julga mal, espero a sua "visita telephonica" como a classifica. O numero do telephone daqui está ao pé desta secção. Expediente de 1 ás 5 horas.

MARIETA (Minas) — Queira dirigir-se á Livraria Alves, á rua do Ouvidor, n.º 166. Encontrará nesse estabelecimento todos os livros que desejo obter.

SEDICIA (?) — Li os seus versos. Elles não são adaptaveis a uma revista mundana, como o FON-FON, mas a uma publicação scientifica. O senhor canta o telescopio, a sua cidade natal, etc. Ora, os motivos que preferimos são os frivolos, mundanos, etc., compativeis com o nosso programma.

Não quer isso dizer que só publiquemos versos que estejam dentro daquelle dominio de idéas; mas não gostamos dessa poesia gongorica, cheia de termos empolados.

Em todo caso, vou publicar algumas das suas poesias.

Queira esperar a sua vez.

LAGRIMA (Capital) — Pois sim. Espero que cumpra a sua promessa. "Res non verba". Factos; palavras não adeantam.

Que diz?

MIGUEL MOREYRA (S. Paulo) — Sim. Será attendido.

LYSE (S. Paulo) — Como V. Ex. me escreveu unicamente para saber do destino dos seus versos, devo declarar que elles serão publicados opportunamente.

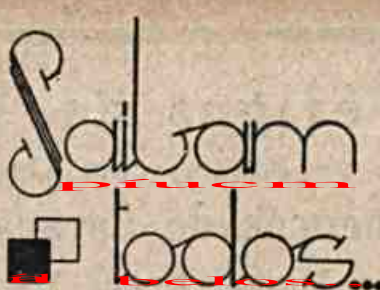
E é só.

EDUARDO WEYNE (Ceará) — Ahi está! Ha muita gente que suppõe ser eu o autor dos máos versos que publico nesta secção, acompanhados de cartas que fazem rir pelo seu conteúdo.

Em parte, esse juizo é perfeitamente acceitavel. Porque não se concebe, em verdade, que alguem seja capaz de se dar ao ridiculo de pretender fazer litteratura, quando devia cursar o grupo escolar.

No emtanto, a verdade patente é que ha cavalheiros nestes Brasis, que não trepidam em pegar da penna para se dirigir a um redactor de revista, pedindo a publicação de moxinifadas que são de um deploravel ridiculo.

A prova está aqui nesta carta:

"Meu caro Yves — Modesto poeta de provincia, ouso enviar-te um despretencioso soneto de minha lavra, para que, se achares digno de ser publicado no "FON-FON", o faças.

Eil-o:

RECORDAÇÃO

De manhã quando o sol alegre [nasce
Eu no meu leito a meditar me [ponho,
Recordo o beijo que te dei na face
Realizando assim o almejado so-[nho...

Foi numa tarde formosa d'Outom-[no.
O sol pendia... a viração passava...
E eu como do teu rostinho dono
Matando meus desejos te beijava...

Tudo neste momento nos sorria!
O céo, o campo, a viração, as flores.
Por isto eu digo, nosso amor Maria
E' o amor de todos os amores...

Como foi bôa aquella tarde, aquel-[la...
Hoje longe de ti, triste me lembro
Do beijo que te dei, feliz naquella
Tarde feliz e bella de Setembro.

Antecipadamente grato por tua bondade, subscrevesse, o poeta. — *Eduardo R. Weyne.*"

E' edificante! O sr. se propõe a collaborar em revista, mesmo sem saber distinguir umas pretensas estrophes de um soneto.

O sr. dá a impressão dessas melindrosas pobres de espirito (desculpe o pleonasmo) que lêem uma ode, uma elegia, uma canção, e declaram convencidas: "Sabe, doutor, li o seu soneto. E' muito bonitinho..."

Oh, sr. Weyne, faça o favor de tomar um professor de litteratura...

LITA (Sergipe) — Palavra de honra! Nunca suppuz que em Sergipe houvesse uma joven de espirito tão interessante. Até agora, — a julgar pela correspondencia que recebo — vivi na supposição de que só as paulistas é que se dedicassem, com enthusiasmo, a esse prazer das bellas letras. Vejo agora que commetti uma injustiça, em relação ás nortistas. Muito bem.

Escreve V. Ex:

"Sr. Yves: Saúde e tranquillidade. — Acordei-me hoje ao despontar da "Aurora". Fazendo a minha "Oração matutina" "O meu primeiro pensamento" foi para o sr. Implorei a Sta. Therezinha que desprenda sob a sua cabeça uma "Milagrosa" "Rosa desfolhada" das das suas, para que o sr. tenha paciencia de tolerar os consulentes marca "Lobishomem" e consiga tambem a Immortalidade.

Se estás a dizer "Deixa de chiquê". "O que tu queres... eu sei", não lh'o desdigo, pelo contrario afirmo-lhe que, aqui, estou, mui *perditoria*. Quizera possuir um seu retrato para olhar sempre as "Tuas covinhas"; se não m'o der juro "Por teu amor" que derramarei "Lagrimas de Pierrot", darei uma infinidade de "Suspiros", odiarei "Ramona" como mensageira de azar, (Que pena! uma musica tão melodiosa! hein?) porém, se o meu ambicionado desejo fôr satisfeito, tocarei "Resurreição" cantarei "Ramona" em homenagem a Musa do sr.; seja ella uma "Malandrinha", "Cigarras" ou mesmo uma attrahente "Cigana". — Quero tambem mandar-lhe um album para o sr. iniciar a copia de poesias com uma de sua esplendida lavra, sim ou não? Diz-me "A voz do coração" que sim. Não posso crêr que o sr. tenha a "Alma Indifferente" para quem lhe tem tanta sympathia.

Puz no correio, hontem, alguns jornaes e um panninho feito por mim, para o sr. cobrir algum dos seus livros... Talvez não creia mas o sr. é o meu "Eterno Enlevo."

Quiz endereçar-lhe esta, utilisando-me dos nomes das musicas que toco, n'um velho piano "Pleyel"; e caso estejam mal collocados não faça "Ironia" e sim conceda-me "El perdon". A amiguinha (ou ainda não tenho esse direito?) sinceramente grata. — *Lita.*

P. S. — O bico do panno está mal feito e um pouco crême porque é o primeiro que faço; não lavei-o p'ra não parecer usado, sim?"

Oa, por ahi se vê que V. Ex. tem tanto espirito que é capaz de fazer uma carta de trocadilhos... sonóros... porque sobre motivos musicaes. Não ha duvida: V. Ex. é intelligente — apezar de ser professora... Parabens.

Parabens a V. Ex. e a Sergipe — e ao professorado de sua terra.

Admirei o seu trabalho de agulha. E' delicado. Denota que, as mulheres modernas, apezar de accentuarem as suas preferencias pelas profissões masculinas, ainda são capazes de certos serviços domesticos.

Lisonjeou-me a preoccupação que teve em bordar as minhas iniciaes no seu panno de mesa.

Muito agradecido. Vou guardar

o seu bello presente no cofre das minhas recordações mais amaveis. E viva Sergipe!

ROXANE (Capital) — Que coincidencia! Sei de uma fabula que V. Ex. póde contar ás suas companheiras de trabalho.

Quer ouvil-a? Lá vae:

No tempo em que os animaes falavam, havia, uma floresta virgem, uma coruja e um simio.

Moravam perto um do outro, mas não se conheciam.

O trepador chamava-se Cyrano e a coruja Roxane. Esta ouvia falar do macaco de quem se affirmavam diabruras terriveis. Era extraordinario. Fazia proezas de toda sorte. Diziam até que sabia lêr e escrever. E quem sabe? O macaco foi sempre muito intelligente. Dahi a theoria de Darwin. De resto, que indica o espirito de imitação que se observa na mulher? Tudo indica que o homem e principalmente ella, vieram dos orango-tangos.

Afinal, tantos elogios teceram a Cyrano que Roxane desejou conhecêl-o pessoalmente.

Um dia mostraram-lhe o retrato do seu companheiro de reino.

— "E' esse *bicho* feio o Cyrano? Que horror!

Roxane ficou apavorada.

Quem lhe havia mostrado o retrato fôra um tico-tico intrigante. Ouvindo a exclamação da Roxane, o passarinho foi contar o occorrido ao simio.

Este, superiormente, sorriu. Depois voltou-se para o tico-tico e ironizou:

— "E' verdade! Eu, como macaco, que sou, não podia ser bonito. Era de esperar que a minha cara causasse um certo espanto. Mas eu gostaria de conhecer essa Roxane para julgar tambem, a meu modo, a sua belleza de corujinha...

E arrematou, fixando o tico-tico, que erguera o bico para o ar, soltando uma gargalhada:

— Não creio que a belleza de uma coruja, que se chama Roxane, lhe dê direito a espantar-se da "fealdade de um macaco, que sabe olhar para a sua cauda...

O tico-tico teve este commentario feliz:

— Nesse caso, ella, como coruja vaidosa que é, não olha para a sua cara...

Aqui termina a fabula. V. Ex. poderá litteratizal-a á vontade e applicar ao caso das suasa collegas a parte que melhor se lhes ajustar.

Ha ainda um proverbio que encerra um ensinamento muito adaptavel ao facto — o rôto rindo do esfarrapado...

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

* * *

SONIA — (São Paulo) — Quizera poder expandir-me nesta pagina. Infelizmente, sobre ella caem milhares de olhos...

Em todo caso, aqui vão as respostas que lhe devo:

1.° — Estou de accordo com o que diz quanto á diplomacia. Realmente. Julgo por mim: todas as vezes que me vejo forçado a ser diplomata, reajo contra a impulsividade do meu temperamento, geralmente vibrante, e inclinado aos gestos de liberalismo, amplitude e sinceridade. A diplomacia é a arte de mentir, convencionalmente, na certeza de que essa mentira deve ser tomada como verdade — porque "noblesse oblige". Eis porque só uso de diplomacia com as pessôas a quem desejo ludibriar ou que não me interessam de todo... 2.° — "Malgré tout", as nossas relações ainda são diplomaticas — porque intellectuaes. São duas coisas semelhantes, deploravelmente parecidas: diplomacia e intellectualismo. Por isso, as unicas relações que me agradam são as do coração. Mas é difficil dizer quando estas são sinceras ou diplomaticas... 3.° — Sim. E' verdade. Estou procurando vêr si o meu proximo romance *Uma garçonne carioca* apparecerá em setembro vindouro. Mas que luta! Como é cacête escrever! 4.° — Pergunta si tenho lido? Leio constantemente. Ultimamente recebi um bello presente: livros japonezes, vertidos para o francez e alguns italianos. (Prosa e verso). De modo que me estou deleitando com essas novidades.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú', .

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON 10-8-929

Data da consulta ....

....

Nome do consultante ....

Gosto muito dos modernos escriptores italianos, cujo principe, na minha opinião, é Pitigrilli. Estou cansado da literatura franceza. Entretanto, leio os novos com immenso prazer — e rçecordo os antigos com a mesma satisfação. Ha dias, recebi um Molière. 5.° — Theatro? Nada sei. As minhas noites, quando não ha uma festa, consagro-as ás paginas do meu livro, que já anda pelo XVIII capitulo. Quanto ao mais, queira acceitar a expressão da minha sympathia.

NAIR (?) — Muito embora esteja quasi certo de que a sua carta não é de uma Eva, e sim de um Adão — e Adão de máo gosto, a julgar pela graphia — vou responder-lhe como si, de facto, *Nair* fosse um *Nair* de saia...

Antes, porém, vamos a sua carta. Eil-a, com todos os pontos nos *i i*:

"Illmo. Senhor Yves — Saudações — Sou leitora assidua de sua secção no FON-FON, pois aprecio muito esta Revista. Não mando pedir minha graphologia, porque sei que é graphologo e então vou fazer de você conselheiro. E' um caso que vou lhe contar e vae me tirar desse embrulho em que estou mettida. Lá vai: Sou môça bonitinha e tem um rapaz moreno que gosta muito, mas muito mesmo de mim de e eu não gosto delle. Já fiz caretas para elle, e etc., mas anda a perseguir-me como si eu fosse uma criminosa. Meu coração não ama o delle, mas elle (meu coração) sabe que o delle me ama. Sempre encontro-o casualmente. Tenho umas amigas que me ajudam a mexer com elle. Agora elle viu que eu não gosto delle anda meio "off side". Qual, Yves, a sua solução? Bem já está terminada a historia. Passo a perguntar-lhe sobre "Uma Garçonne Carioca". E ella, quando nascerá para deliciar-nos com sua leitura? E o "Senhor Suave Enlevo" como vae? Fou dar o "Finis" agora e para terminar como poderia enviar para ser publicado no FON-FON uma photographias das senhoritas da sociedade daqui de onde moro? E' difficil?

Aqui tem muitas moças bonitas.

Adeus, Yves Máu.

desta menina que poe os corações dos moços ás avessas. *Nair.*

De onde moro, 14 de Julho de 1929.

P. S. Peço responder-me com urgencia. — *Nair.*"

Agora, a resposta:

A solução que me pede não adeantará nada a V. Ex., mas unicamente ao rapaz.

Quer dizer, si V. Ex. continúa a fazer-lhe caretas, assim como quem se vende caro, elle deverá arranjar uma outra, superior a V. Ex. em tudo: em espirito, em posição social, em situação monetaria, em apparencia physica, etc. Uma vez conseguido isso, e estando V. Ex. certa de que ficou em plano inferior a ambos, é claro que se venderia mais barato. E em tudo elle é que ganharia no caso.

Como vê, a solução, que me parece razoavel, só aproveitaria ao rapaz, a que, V. Ex., num bello *training*.... simiesco, já deve, a estas horas, ter dado a impressão de ser carateira magistral...

Quanto ao meu romance, elle apparecerá em setembro; e com relação ao *O Suave enlevo*, encontral-o-á na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166.

BRAZ DI FRANCESCO (S. Paulo) — Não é possivel julgar os seus trabalhos pelo titulo. Só depois del-el-os é que poderemos dar a nossa opinião sobre elles.

INNOCENCIO MAZZUIAS (São Paulo) — Qual, poeta! Desista de publicar o seu soneto. E isso pe-

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

. . .

la simples razão de não vêr o seu affecto prejudicado, pela inprudencia de ter perpretado um máo soneto.

Sim, meu caro, estou certo de que, si a sua amada lêr o seu *Noivado*, tratará de desfazer o dito. E sem duvida, ainda zombará do sr., perguntando-lhe: "O' Innocencio, serás tão innocente, em materia de biologia, que concebas um colibri morto voando?" E certamente ella terá razão, porque o sr. diz que " a sua alma, qual vivo colibri, canta o amor feliz..."

Ironica, é possivel que a sua predilecta, achando esquisita a sua concepção e, ao mesmo tempo, muito curiosa a sua personalidade de poeta, proponha empalhal-o, como se faz aos colibris dissecados, afim de que o sr. figure num museu de.... poesia.

Mas, o gozo para uma alma vadia, como é esta minha, esta é na delicia deste seu soneto, que aqui apparece na integra. Lá vae elle:

NOIVADO...

Tempo doce e feliz o do noivado —
Esse tempo em que tudo canta e ri
E' que sentimos junto ao sêr ama-
[do.
Essa cousa chamada frenesi.

Oh! Que dias de prazer tão deli-
[cados
Em que a alma vôa, qual vivo co-
[libri,
Cantando amor feliz, amor sa-
[grado.
Emquanto a vida... placida sorri.

Doce poema feliz, da nossa vida
Que no peito guardamos com fer-
[vor.
Só mostrando á deidade tão que-
[rida

A sua força, seu brilho e seu fer-
[vor.
E em meio de alegria tão desme-
[dida
E' que vemos a fé do nosso amor.

INNOCENCIO MAZZUIAS.

ARNALDO MACHADO (Bahia) — A sua chronica *Anselmo e o silencio* não pode ser publicada.

YVES.

DAVAM doze horas. O silencio da noite era interrompido pelo rythmico som da machina de costura. Joanna se apressava para terminar seu trabalho, quando soou a campainha.

— Uma visita a esta hora? Sem duvida, ha de ser alguém que se enganou...

Mas, não. A chamada era cada vez mais imperiosa.

Inquieta, Joanna se dirigiu para a porta, levando na mão uma lamparina de petroleo. Abriu.

— Que desejava, senhor. Quer ter a bondade de entrar?

— Joanna!

— Meu Deus! Paulo! Depois de quinze annos! ... E' possivel que sejas tu?!...

— Perdão!

— Entra. Aqui não, que é o dormitorio de Henrique. E elle dorme tranquillamente. Deixemol-o dormir. Vamos á sala de jantar. Agora, Paulo, dize-me: por que voltaste?

— Perdão, Joanna!...

— Por favor, fala baixo. Elle poderia ouvir-te, o pequeno. Não o despertes. E' possivel que sejas tu?

— Sim... e não. Sou eu e não sou eu. Aquelle louco morreu nestes quinze annos. Outro homem nasceu. Outro homem, que quer pagar as dividas daquelle — daquelle máo homem. Vim resolvido a saldal-as. Venho pedir-te perdão...

— Perdoar!... E' tanto... tantissimo tempo quinze annos! ... De mim posso dizer-te que nos primeiros tempos chorei até seccar meu coração. Amaldiçoei-te!... Agora, porém... agora, para que?... Então, ao nascer teu filho — o filho que nunca viste —, era preciso viver. Pouco tempo resta para gemer, quando se está obrigada a inadiavel tarefa. A principio, só não morremos de fome, porque, trabalhando dia e noite, sempre se vae para deante. Agora, tenho o apoio moral de possuir um filho já crescido, e sua amada presença me faz esquecer o passado...

— Então, que pensas, Joanna? Actualmente, que fazes?

— Viver, bem o vês, e não de todo mal. Pude fazer meu filho cursar o Nacional, e aprender. Está, agora, terminando sua carreira... Artes e officios, talvez saibas tu o que é... Meu filho é toda minha vida. Si elle está contente, eu me sinto feliz. Tenho saude. Meus chefes são bondosos e tolerantes para commigo; e, juntando daqui e dali, tenho o sufficiente, e pouco à pouco vou chegando onde me propuz.

— Joanna, acredita no que te digo!... Foi um vento de loucura que me arrastou para longe de ti... Sem duvida nasci para correr aventuras e por isso, uma noite parti e não voltei mais! Para que dizer-to... si melhor do que eu o sabes?... Muito chorei minha loucura, ao cahir-me a venda dos olhos da razão. Mas já não havia remedio... A vergonha, o remorso... Arrastado pela corrente, não pude voltar atrás. Agora, porém, venho a ti, Joanna. Purgarei meu crime. Far-te-ei tão feliz, que os máos dias transcorridos chegarão a parecer-te um pesadello... Sou rico e venho offerecer-te minha fortuna. Joanna, perdôa-me; de joelhos te peço! Si soubesses quantas vezes invoquei tua imagem, quando minha misera vida se arrastava pelo lodo! ... Sem ti, eu me sentia morrer!

— Supplico-te, Paulo, que partas novamente. Para que me queres fazer soffrer de novo?...

— Aquelle homem morreu. Juro-te! Partir novamente? Nunca!... Preciso de um lar, de dias tranquillos, e preciso, sobretudo, de teu perdão. Joanna. Minha querida Joanna, lembra-te de nosso amor! ...

— Cala-te, Paulo!

— Por que queres que eu me cale?

— Si soubesses quanto soffri em meu amor, quanto tive de lutar contra elle!... Pensa até que ponto me despedaçaste o coração. O resto não era nada...

— Dizes que lutaste contra o amor. Conseguiste vencêl-o?

— Creio que não...

— Então?...

— Meu Paulo querido!...

— Amor de minha vida!... Convence-te de que isto foi só um pesadello. Has de ver o quanto seremos felizes e o quanto nos vamos querer!... Outróra, não nos soubemos querer, porque não havíamos soffrido. Mas agora... Verás como é bella a vida. O caminho encantado que não trilhámos quando jovens, agora ambos juntinhos, passo a passo, estreitamente abra-

O Nariz das Senhoras em Perigo

A "RINITE SICCA POSTERIOR"

MUITO PEOR QUE A TERRIVEL "OZENA", É PROVENIENTE DO USO DE CERTOS PÓ DE ARROZ, QUASI SEMPRE CAROS E POMPOSAMENTE ANNUNCIADOS.

O USO E MESMO O ABUSO DO FAMOSO PÓ DE ARROZ **LADY**, JUSTIFICA-SE, PORQUE, PELOS EXAMES MEDICOS FEITOS EM PESSÔAS QUE O PREFEREM E ADOPTAM HA LONGOS ANNOS E NAS OPERARIAS QUE O FABRICAM E MANUSEIAM DIARIAMENTE, ESTÃO COM AS SUAS NARINAS SÃS, SEGUNDO OS ATTESTADOS DO ILLUSTRE ESPECIALISTA DR. MAURILLO DE MELLO.

PÓ *Lady* *QUE É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO, DE PERFUME AGRADABILISSIMO DE FLÔRES, OFFERECE-VOS AS MELHORES GARANTIAS DE BÔA SAUDE E BELLEZA.*

NÃO *SE ILLUDAM COM OS PÓ DE ARROZ,* (QUE DE PÓ DE ARROZ SÓ TEM O NOME) *BARATOS OU CAROS MAS QUE, NA VERDADE, NÃO SÃO OS MELHORES.*

USEM POIS COM ABSOLUTA CONFIANÇA O EXPERIMENTADO E FINISSIMO PÓ **LADY**, O QUAL DESAFIA CONFRONTO COM OS MELHORES FEITOS PARA *"L'EXPORTATION POUR LE BRÉSIL"*

PERFUMARIAS LOPES

OFFERECEM-VOS TODAS AS GARANTIAS

O FILHO

(Conclusão.)

gados, percorreremos, e os annos terão, para nós dois, doze mezes de plena felicidade.

— Nunca deixei de amar-te, meu Paulo!

— E agora, para complemento de nossa ventura, já não estamos sós. Tenho um filho! Só por elle, te quero duas vezes mais, meu amor! Que lhe disseste de mim?...

— Nunca lhe falei sinão das horas de felicidade, e elle não suspeita de nada.

— Minha querida Joanna! ... Pois, desde agora, Henrique (chama-se Henrique, não é?) será tão meu quanto teu. Serei para elle um irmão mais velho, a quem tudo se confia. Seguil-o-ei passo a passo, cada dia, cada minuto. Seus pensamentos serão meus, e elle depressa esquecerá que poude viver sem mim. Fal-o-ei rico, e, como reparação, tambem por amor, o mimarei como menino algum foi mimado.

— Nunca! ...

— Joanna!... Que tens?...

— Vae-te embora, Paulo! Que eu te perdôe, é natural, já que tanto te amei. Mas elle, meu pequeno Henrique, meu filho, que nem siquer conheceste, dividir comtigo o amor que me tem?... Nunca!... Estás ouvindo?... Nunca!... Pensas tu que depois de lutar dia e noite, durante quinze annos, por seu bem-estar, e de ter perdido minha juventude, e de haver-lhe dado o sangue de minhas veias, para vêl-o feliz, vou consentir que venhas, agora, arrebatar-mo?... Elle é meu! Só meu! Estás ouvindo, Paulo? Elle não te conhece, do mesmo modo que tu o ignoras a elle, e eu não quero que mo tires. Para seu bem, dizes? Mas si fui eu quem, com paciente e amoroso esforço, lhe lavrou a vida, e assim hei de continuar até o fim! Quanto mais me faça soffrer, tanto mais o quererei. Porventura pensaste nelle quando, como dizes, te arrastavas no lôdo. Porventura estiveste em sua cabeceira quando, presa de enfermidade terrivel, eu lutava para arrancal-o á morte? Estiveste aqui para escutar-lhe os primeiros balbucios, as primeiras canções, as primeiras confidencias?... Não! Não é verdade?... Pois bem, elle não é teu, e eu não permittirei que gozes das alegrias de seu coração sensivel e ardente. Não quero que saibas nada de sua alma, que eu modelei. Arruinaste minha vida, mallograste minha juventude. Por mim, te perdôo. Mas meu soffrimento exige seu resgate. Meu filho! Só pelo que chorei, elle me pertence, elle é inteiramente meu. Tu, que és o intruso, pretenderás poder amal-o como eu? Nunca!... Será esse teu castigo! Adeus, Paulo!

— Joanna, por Deus!

— Adeus, Paulo! Perdôo-te esta noite as tristes recordações que com tua presença trouxeste, assim como atirei ao esquecimento a miséria que passei e meu amor espesinhado. Tudo! Tudo te perdôo. Mas, vae-te embora... Devagarinho... com muito cuidado... com muito cuidado... Não quero que Henrique possa ouvir-te e suspeitar... Sae sem fazer barulho, Paulo... Adeus!

CABELLOS BRANCOS

Completei mais uma grande illusão... E, hoje, a um clarão dublo de sol reflectido no espelho, vi um fio de luar, cheio de belleza e de melancolia, docemente brilhar entre a seda castanha dos meus cabellos lisos, que, timidos e pesarosos, procuravam occultar o meu primeiro raio de luar...

Deixae-o surgir, meus amigos! Sêde bemvindos, fios de luar que vindes embellezar o crepusculo da minha mocidade!

Um fio de prata... Outro, logo após, irmanou sua tristeza suave, sua belleza dolente, á do primeiro, e ambos me sorriram, o seu dublo sorriso de melancolia e de gloria.

Vês, amor da minha alma? O doloroso e suave amor que me inspiraste semeou-me a cabeça de invisiveis mas reaes sementes argenteas... E começam a brotar como flores exiguas de luar, flores de prata, flores de magoa e de ternura, os meus primeiros cabellos brancos!

Eu os conservarei, orgulhosa e serena.

Eu os conservarei em teu louvor, porque elles me dizem do meu estoico soffrimento e do meu doloroso e dulcissimo amor.

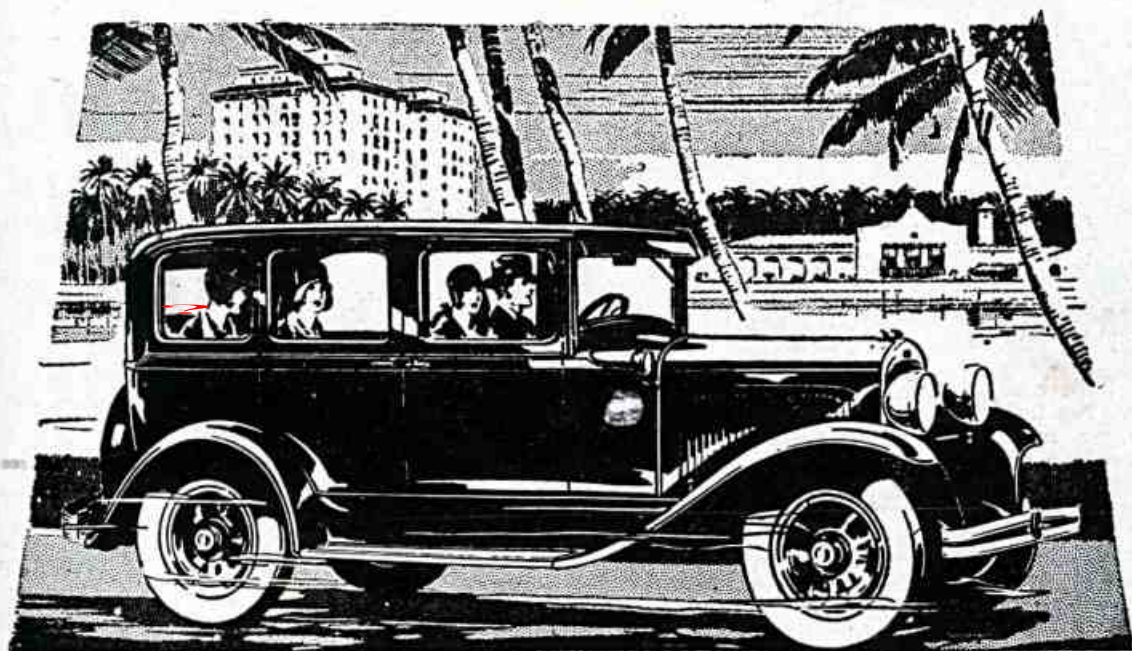
Elles me cantam á alma a epopéa divina desse grande e torturado amor! Elles me suavizam, com a sua gloriosa presença, a dôr de amar-te em vão, mas sempre com a mesma immorredoura alegria de querer-te, só a ti, na mesma volupia esquisita de ser triste!...

Oh! Com que ternura o meu olhar saudou essa argentea alvorada da maturidade — preludio sublime da velhice!

Com que emoção deslisei sobre os meus fios de luar os dedos calmos! Com que alegria repito a todo o momento, a mim mesma, na sombra e no silencio da minha alma, que envelheço por ti, só por ti, e que envelheço sorrindo!

Bemdito seja o crepusculo divino da minha vida, porque tu foste o sol que a illuminou e és agora a penumbra doce que a envolve toda! Desce, amor, sobre essa minha vida toda tua, a tua sombra amada! A velhice me sorrirá como uma louca primavera de sonhos... de sonhos que se foram... e de sonhos mais lindos que florescem na mocidade eterna do meu coração e do meu espirito!...

BARONEZA DE BRANCCION

Considere este valor

SALÃO CHRYSLER "65" DE 4 PORTAS

Tratando-se de automoveis, o valor é sempre relativo. O facto do preço ser modico nada significa se a qualidade for baixa; mas quando applicado a um automovel do prestigio e categoria do Chrysler "65," assume uma importancia digna de consideração.

Interpretando na fórma de um novo e moderno typo de belleza os principios da antiga arte classica que os seculos não têm podido offuscar ou abalar—o Chrysler "65" é uma prova de que a verdadeira arte pode tambem ser encontrada no rigido metal.

Ao mesmo tempo, a inventiva mechanica e a pericia fabril enriqueceram este esplendido automovel com o motor "Silver-Dome" de alta compressão, veio motor de sete chumaceiras, freios hydraulicos nas quatro rodas e amortecedores de choques hydraulicos—caracteristicas que collocaram o "65" muito acima de todos os automoveis de preço igual ou approximado.

Compare o Chrysler "65" não só com carros da mesma classe de preço, mas com carros muito mais caros. V.S. verá então como a excellencia deste carro faz com que o seu baixo preço pareça ainda mais baixo.

CHRYSLER "65"

 PRODUCTO DA CHRYSLER MOTORS

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1744-2407

A cabana do lenhador

Por GERMANA BEAUMONT

ANOITECIA quando Christina chegou ao bosque de... Chamemol-o Pomponne. A guia indicava que era um bosque magnifico, mas Christina não achou nada extraordinario. Além disso, Christina não gostava dos bosques, em geral. Elles causavam-lhe terror, sobretudo á noite. Mas como era aquelle o unico caminho transitavel que conduzia á praia, aonde Christina se dirigia, e era impossivel evitar atravessar o dito bosque, a moça, fazendo bôa cara em máo tempo, agarrou fortemente o volante e começou a cantar uma canção popular, para se distrahir e não notar o silencio sepulchral que ali reinava.

Accendeu os pharóes do auto, e apertou os dentes. Sentia infinitamente não ter dito a seu marido ou a alguma amiga que a acompanhasse. "Nunca mais demonstrarei que não tenho médo de nada" — pensava. E olhava aterrada a sombra das arvores, que augmentava as sombras da noite.

Havia no ambiente um agradavel cheiro de terra humida. Mas Christina não gostava daquillo. As arvores seculares occultavam o céo. Mas Christina preferia a paizagem melancolica que ali desfructava a monótona estrada poeirenta.

Mas, como não havia outra solução sinão seguir, seguia. A luz que irradiava dos pharóes fazia a noite parecer mais negra. Christina continuava sua marcha sem olhar para lado algum, pensando que ainda tinha a percorrer poucos kilometros para terminar seu supplicio.

De repente, pan!... Christina fez uma rapida manobra para evitar que o auto fôsse de encontro a uma arvore. Mas não pôde continuar: havia-se-lhe rebentado um pneumatico.

Desceu e verificou que fôra um ferro cortante com uma foice que lhe estourára o pneu do carro.

Christina ficou aterrada e afflicta. Uma hora antes já havia mudado o sobresalente que trazia, e, portanto, não tinha outro remedio sinão esperar, entre aquellas sombras, que passasse outro automovel que a soccorresse ou rebocasse, porque arriscar-se a ir a pé até a estrada, em plena noite, não poderia nem pensar nisso.

Sentado em seu auto, com a cabeça occulta entre as mãos, morta de fome e de médo, Christina meditava havia meia hora, quando um cheiro vago e incomprehensivel naquelle logar chegou até ella. Pareceu-lhe impossivel... Julgou que houvesse enlouquecido... No bosque, cheiro de guisado! A moça, faminta, seguiu para o ponto de onde lhe parecia vir aquelle delicioso aroma, e chegou á cabana de um lenhador.

Era uma cabana humilde, acolhedora e limpa. Ao chegar ao humbral da porta, distinguiu a silhueta da lenhadora, que estava servindo em uns pratinhos de barro, para seu marido, para seu filho e para ella, o esquisito guisado que attrahira Christina.

A bôa gente mostrou-se carinhosa. Christina jantou com elles. Depois lhe cederam a cama do casal, modesta, mas limpa.

No dia seguinte, passou um automovel, que soccorreu Christina. Antes de partir, perguntou esta aos lenhadores:

— Quanto lhes devo?

— Nada.

— Isso não é possivel... Permittam-me, ao menos...

— Desde que insiste, dê cinco francos ao menino.

Christina pôz na mão do pequeno um bilhete de cem francos.

*

AO voltar o verão, no primeiro dia que Christina abriu seus salões, trocaram impressões os amigos ali reunidos. Falou-se dos accidentes e contratempos que occorrem ás vezes, quando se viaja de automovel.

— Nem sempre são catastrophes — disse uma senhora. — Vejam o que me succedeu a mim este verão. Vi-me em pleno bosque, sem poder continuar meu caminho, por que me rebentaram dois pneumaticos do automovel. Mas, quando julgava que teria de passar a noite morta de fome e de frio, me encontrei uma uma bôa gente, que me deu hospitalidade e um guisado delicioso, sem querer cobrar-me um céntimo.

— O mesmo me occorreu a mim — exclamou Christina. — Acolheram-me com grande amabilidade em uma cabana de lenhadores. Fiquei sem poder continuar a marcha ao atravessar o bosque de Pomponne. Rebentára-me um dos pneus do auto, ao passar sobre um pedaço de ferro cortante. Guardei-o como recordação. Hei de mostrar-lhes.

— A mim tambem aconteceu o mesmo, no bosque de Pomponne, onde dois pneumaticos se me rebentaram do mesmo modo.

— E commigo tambem se deu exactamente o mesmo — disse um rapaz que estava presente. — Tambem conservo o ferro. Fui hospedado na cabana de um lenhador.

— Eu dei cem francos a essa pobre gente — exclamou Christina.

— Eu tambem — murmurou sua amiga.

— E eu igualmente — acrescentou o joven.

Os tres amigos se olharam e se puzeram a rir.

— E' um bom negocio — disse Christina — pôr ferros cortantes para que rebentem os pneumaticos, e appareçam logo os philantropos...

— Sim — ajuntou o moço. — Mas convenhamos que o guisado era bom. Porque, si fôsse ruim, o teriamos pago pelo mesmo preço...

E' o melhor leite em pó

Para o recem-nascido

E depois do 5.º mez

FARINHA LACTEA NESTLÉ

VITAMINADA

ANTI-RACHITICA

A MINA DE TERRY

conto de P. H. Berreta

— Estás bem certo do que affirmas, Jim?

— Certissimo.

— Não notaste quanto mudou nosso homem, estes ultimos dias? Evita sempre companhias, e isso é indicio de que descobriu alguma cousa.

— Hum!... Não o creio.

— Pois é verdade, Acton.

Jim approximou mais a cadeira e continuou falando em voz muito baixa.

— Havia algum tempo eu notára que Terry sahia sózinho pela manhã, e se dirigia para o Norte, só regressando ao anoitecer. E encerrava-se em sua cabana. Espiei-o por uma das fendas do postigo da janella e vi-o guardando em um saquinho ouro em pó. Sobre uma mesa havia um papel no qual devia estar traçado o plano da mina que descobriu.

— Uma mina de ouro?

— E de grande importancia, a julgar pela quantidade de ouro em pó que elle recolheu.

Jim disse, sombriamente:

— Assim, vamos dar o golpe?

— E depois?

— Depois?... Que tolo que és!... Ninguem saberá nada, e ficaremos proprietarios da mina. Temos a riqueza ao alcance da mão e seria uma estupidez deixal-a escapar.

— Tens razão... E dividiremos tudo equitativamente?

— Tudo, é natural. De maneira que estás decidido?

— Completamente.

* * *

A manhã brumosa já começava, quando um trenó deixava atraz as ultimas casas de Kuska, dirigindo-se para um ponto negro que se notava na planura, e que era a cabana de Terry.

No trenó, puxado por dois cães, iam dois homens envoltos em pelles: Jim e Acton.

A planura era desolada... Neve por toda parte. Nem uma pessôa, nem um passaro se divisavam em toda a extensão. A outros que não fossem nossos viajantes, aquella desolação, aquelle silencio teriam causado desanimo. Mas nossos homens não eram desses que desanimam promptamente... Acostumados ás luctas do viver, estavam já curtidos e podiam resistir a situações mais difficeis que aquella em que os collocava o desejo de apoderar-se do que não haviam conseguido com seu esforço.

Chegados á cabana, os cães se deitaram, radiantes, sobre a neve, e os dois homens avançaram gritando.

— Olá, Terry!... Saúde!...

Abriu-se a porta da choça, e appareceu um homem, ainda jovem e robusto. Por precaução, trazia um revólver na mão.

— Ah! São vocês? — exclamou, ao reconhecer Jim e Acton. — Entrem, entrem!...

E extendeu-lhes, cordialmente, a mão.

Os mineiros entraram e tomaram cheirosas taças de chá que Terry havia preparado.

Nada fazia suspeitar das intenções dos visitantes. Seu aspecto tranquillo, sua maneira de apresentar-se afastaram qualquer receio.

— Que bom vento os traz aqui? — perguntou Terry.

— Um vento dos melhores — replicou Jim. — Fizemos uma importante descoberta: uma mina de ouro, que deve ser riquissima.

— Uma mina? — disse, rindo, Terry. — Que afortunados!

— Deixa-te de pilherias — ajuntou Acton. — E verdade.

— Quizemos confiar-te o segredo, para que nos ajudes a fazer as praticas legaes afim de entrar na posse da mina — insistiu Jim.

— De maneira — proseguiu Terry — que vocês querem que eu os acompanhe á aldeia?

— Exactamente. Mas antes desejamos que venhas vêr nossa mina.

— Vou pôr o abrigo e volto immediatamente.

E Terry dirigiu-se a um angulo de sua habitação. Mas, quando deu as costas para os dois visitantes, Acton, rapido como um raio, sacou um punhal da cintura e o mergulhou entre os hombros de Terry. Este deu um grito e cahiu, comprehendendo em um segundo a armadilha daquelles falsos amigos. Quiz lançar mão do revólver, mas não teve tempo. Um balaço certeiro de Jim atravessou-lhe a cabeça.

— Está morto — disse Acton, empurrando, com o pé, o cadaver.

— Então, mãos á obra — replicou Jim.

E os dois começaram a revistar a cabana. Não lhes foi difficil achar quatro bolsinhas cheias de ouro, que foram repartidas equitativamente.

— Procuremos o plano — disse Jim. — Sem elle, o nosso crime resultaria inutil.

Depois de meia hora de infructifera busca, encontraram, afinal, o plano, escondido sob um ladrilho do chão.

— Tiremos Terry daqui — propoz Acton. — Esta noite os lobos devorarão o cadaver, e ninguem o notará.

— E agora — disse Jim, depois de ter, com seu companheiro, tirado o corpo — vamos para o Norte, para a riqueza...

(Illustração de Marcelo Roberto)

— Que te parece?... Teremos nos enganado na direcção? — perguntou Acton, o qual não estava muito tranquillo.

Parecia-lhe que a sombra de Terry o perseguia por aquella immensa brancura gelada, onde procuravam a mina que completasse a obra a que acabavam de dar inicio na cabana, onde o desgraçado mineiro fôra assassinado pelos que elle julgava amigos.

— E' impossivel — disse Jim: — o plano está muito claro.

O trenó passou junto a uns signaes que Jim reconheceu immediatamente.

— São do trenó de Terry — disse elle. — Para a frente, Acton!... Estamos no bom caminho.

E proseguiram a viagem até chegar a uma especie de monticulo.

— Estamos? — inquiriu Acton.

— Vamos vêl-o — respondeu Jim.

E, tomando um pico, começou a dar fortes golpes na neve endurecida. Seu companheiro o imitava.

Depois de um quarto de hora de trabalho intenso, ficou a descoberto uma profunda cavidade.

— E' a mina! — exclamaram, a um tempo, Jim e Acton.

Este saltou, viu o filão amarellento e começou a batel-o com o pico. Depois, tomou varios punhados de terra, e gritou:

— Ouro, ouro!... Olha, Jim, é...

Não terminou a phrase: uma bala havia-lhe atravessado o coração.

— Que estupido! — disse Jim. — Pensar que eu ia dividir com elle a mina!

E, rindo satanicamente, saltou á cavidade. Olhou durante muito tempo o filão aurifero, e depois começou a bater.

Trabalhava febrilmente, batendo com o pico por toda aquella terra que parecia cheia do aurifero metal que tanto cobiçava. Era um trabalho absurdo, apressado, sem outro desejo, que o de deixar a descoberto as entranhas daquella terra onde estava occulta a riqueza.

Quando cansou, recolheu, aos punhados, as particulas do precioso metal e as examinou attentamente.

— E' ouro puro! — exclamou, com immensa alegria. — Afinal, serei rico!

O sol ia occultando-se e a brisa gelada annunciava uma proxima tempestade.

E beijava freneticamente o precioso metal.

— Que horror!... A noite está cahindo! — murmurou Jim, contrariado.

E começou a encher os bolsos, de ouro. Um barulho proximo o fez estremecer. Approximou-se da beira da mina e se tornou livido. Uma porção de lobos famintos para ali se dirigia.

— Ao trenó! — pensou Jim.

Mas os cães, com a intuição do perigo, se haviam afastado a toda velocidade e o trenó era apenas um ponto negro que desapparecia na distancia branca.

— Estou perdido! — murmurou o "prospector", gelado de espanto e de medo. E, numa desesperada tentativa, começou a atirar sobre os lobos, até esgottar todas as balas.

— A neve, que cahia abundantemente, cobriu os restos sangrentos de Jim e Acton, occultando, com seu immaculado manto, o segredo da mina de Terry.

OS DOIS MODELOS

DE JOÃO RAMOS

— Bom dia, Paulo! Como vaes, meu eterno sonhadôr?!

— Ah, és tu, Carlos?! Bom dia, meu grande bohemio!

E os dois amigos apertaram-se effusivamente as mãos. Via-se-lhes nos rostos jovens um contentamento tão grande, que facilmente se percebia que algo infinitamente dôce e bom lhes embalava suavemente os corações. E de facto: ao dia seguinte, abrir-se-iam as portas da Exposição Annual de Pintura, á qual ambos haviam concorrido, afim de ser dado á publicidade o julgamento por que tanto ansiavam. Justo o dôce sorriso que lhes brincava nos labios e sorria nos olhos, pois grande era a esperança que lhes acarinhava os sonhos. A esperança sorri fagueiramente á velhice, quanto mais á mocidade que, menos affeita ás desillusões da vida, vê tudo por um prisma de côres radiantes!

— Olha, Carlos, senta-te áquelle tamborete; si queres, leva-o para a janella: faz tanto calôr!

— Pois não; bem sabes que não tenho cerimonias comtigo.

— E havia de ter a sua graça!... Então, é sempre amanhã?...

— E' verdade; amanhã é o grande dia! Confesso-te francamente, não estou muito esperançoso. Venho sentindo ultimamente o braço pouco firme, as mãos tremulas...

— E é natural; sempre te disse que a vida dissipada que levas havia de ser, um dia, a ruina da tua arte.

— Ora, qual!... todo o artista é bohemio... Oh, mil perdões! Esquecia-me de que o não és!... Direi melhor: só conheço duas especies de artistas: o bohemio como eu, e o sonhadôr como tu! Ao meu genio, agrada-me mais a primeira. Si a vida tem a ephemeridade de um sonho, si é fragil como o fumo que se dissipa ao menor toque da viração, por que não a saborearmos no que nos proporciona de melhor; por que não a desfrutarmos, auferindo d'ella tudo o que de bom nos possa dar?! Por que nos deixamos, tal como tu, encerrados num tugurio como este, a dar suspiros sem fim, como alguem que permanecesse no fundo de um sepulchro, a ouvir cá fóra o ruido infernal de uma orgia devassa?! Por que, quando o prazer nos chama pela voz das bacchantes, e a vida não é mais do que uma successão de prazeres?! Oh, Paulo, sou eu quem te diz: a vida recatada que levas será a morte da tua arte! Ella é mais propria dos poetas, esses ingenuos que vivem endereçando beijos á lua. O pintor deve ser bohemio! Como bem pintar a lascivia de um beijo voluptuoso, a luxuria de uns olhos sensuaes, quando se viveu sempre num claustro como este, quando nunca se o sentiu, quando nunca si o gozou?! Poderias, acaso, retratar tdoo o sensualismo brutal de uma bacchante, tu que vives preso ás candidas faces d'essa mulher que te serviu de modelo, e que, felizmente, não conheço?! Poderias?... Dize, poderias?

— Oh, Carlos, falas assim, porque não amas; porque não pódes comprehender essa força sublime que arrasta uma alma para outra, fundindo-as, unificando-as! Porque teu coração não conhece esse sentimento sublime que empolga a alma ás ethereas regiões do sonho e da chiméra! A vida é o prazer, disseste; para mim, a vida é o sonho! Sonhar, construir, sobre o alicerce fragil da fantasia, um dôce ninho onde eu e ella, longe de tudo, da falsidade que infamma, da mentira que avilta, da lisonja que enoja, possámos viver a vida calma dos amantes, entre flôres e ninhos, abençoados por Deus, na dôce communhão do mais puro e santo affecto! Viver para uma só mulher, cercal-a de mil cuidados, estar attento aos seus menores desejos, sacrificar-se, seccar num beijo o pranto dos seus olhos, sorrir com ella na ventura, com ella chorar na desgraça, e vêr, mais tarde, a bençam de Deus descer sob a fôrma de um filho, ah, isto sim, é que é a Vida! Amar, amar sempre, perdida, loucamente, sem falsidade, sem ambições!... Ambições!... Julgas, acaso, que eu, si amanhã os céos me concedessem a palma, me sentiria ufano da minha gloria, si ella não lhe pertencesse, si não a desejasse só para ella, e si, sobretudo, essa gloria não me permittisse a realização do sonho por mim tão ambicionado: a construcção do nosso ninho?! Julgas?! Ah, dê-me Deus, amanhã, a sua graça, e verás que, abandonando tudo, com ella me refugiarei num painel mais real, por isso mesmo mais bello! Falas assim, porque nunca tivestes uma mulher como essa, um anjo louro que te fizesse vêr, eternamente, o céo pelos seus olhos! Ah, si a conhecesses...

— A ti o devo unicamente, pois que nunca m'a mostraste, bem como jamais me deixaste vêr o teu quadro, verdadeira obra prima, a julgar pelo sentimentalismo de que está revestido.

— E' verdade; sendo eu tão teu amigo, nunca t'a apresentei, assim como nunca t'o deixei vêr! Perdôa-me; não sei que nome dar a isso; mas confesso que, ainda agora, não desejo fazel-o sinão após o julgamento de amanhã. E, embora me hajas pago na mesma moeda, não me dando a conhecer nem o teu modelo, nem o teu quadro, outra vez te supplico perdão da minha falta; has de conhecel-os, porém.

— Pois olha; eu reparo minha falta, mais rapidamente: apromptа-te; vem commigo; vens conhecel-a hoje mesmo! Verás que mulher docemente loura,

(Conclúe na pagina 66)

TOSSE?
BROMIL

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 32

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1929

Psychologia dos labios femininos

UM dos meus maiores prazeres de espirito é deixar-me ficar ao canto de uma sala, observando os differentes typos femininos. Amo essa analyse paciente, demorada, meticulosa, em que resaltam os detalhes de physionomia e de plastica, isto é, todas as suas caracteristicas physicas. Estudo a *nuance* dos olhos, do cabello, o tom da pelle, as proporções faciaes, as linhas do corpo, todos os traços anatomicos... Que sei eu?

E nessa observação acurada, colho impressões que me divertem e levam a conclusões curiosas.

Por exemplo: a bocca, a fórma dos labios. Ha nada mais expressivo e digno de estudo, do que essa cavidade do rosto? E o que mais impressiona é a variedade geometrica, que soffre a morphologia dos labios das lindas filhas de Eva.

Assim, ha criaturinhas de sala, cuja bocca tem a fórma de um quadrilatero. Si se fôr estudar a sua psychologia, chegar-se-á á conclusão de que ella é pouco intelligente. Os seus labios se fizeram, não como os de Sapho — para dizer coisas lindas, mas para proferir, como os de Calino, coisas banaes e ridiculas.

Ha outras que differem.

Trazem na bocca as linhas de um triangulo equilatero. Essas — podem jurar! — são hystericas, nervosas e irritadiças. Falam pouco. Quando sorriem, só lhes apparecem os incisivos. Difficilmente, se lhes vê um canino. São melancolicas e romanticas.

A mulher que possue labios ellipsoidaes é, geralmente, uma glutona voraz. Come e bebe muito. E' um Pantagruel enfeitado de rendas e de fitas. Prosaica, vulgar, mediocre, o seu espirito nunca tem vôos largos, nem altos: o seu vôo é baixo e rasteiro.

As Evas de labios pentagonaes são as que parecem estar em nivel mental mais elevado. São espirituaes. A sua bocca tem a forma da cravina sylvestre; e, por isso, a impressão que nos dão, é a de que são feitas de espiritualidade e perfume.

São criaturas de physico delicado, frageis, artificiaes como as bonecas de Vienna e as heroinas de Paul Géraldy, de Samain e Guido da Verona.

Labios pentagonaes! Ornam uma bocca talhada em cinco angulos. Póde, portanto, comportar cinco milhões de beijos longos... Mesmo porque é a bocca que melhor se ajusta á outra bocca.

A' mesma categoria pertencem as de feitio hexagonal, isto é, aquellas que se compõem de seis angulos. Lembram uma rosa, uma daquellas rosas como só se encontram nos lendarios jardins de Sevilha.

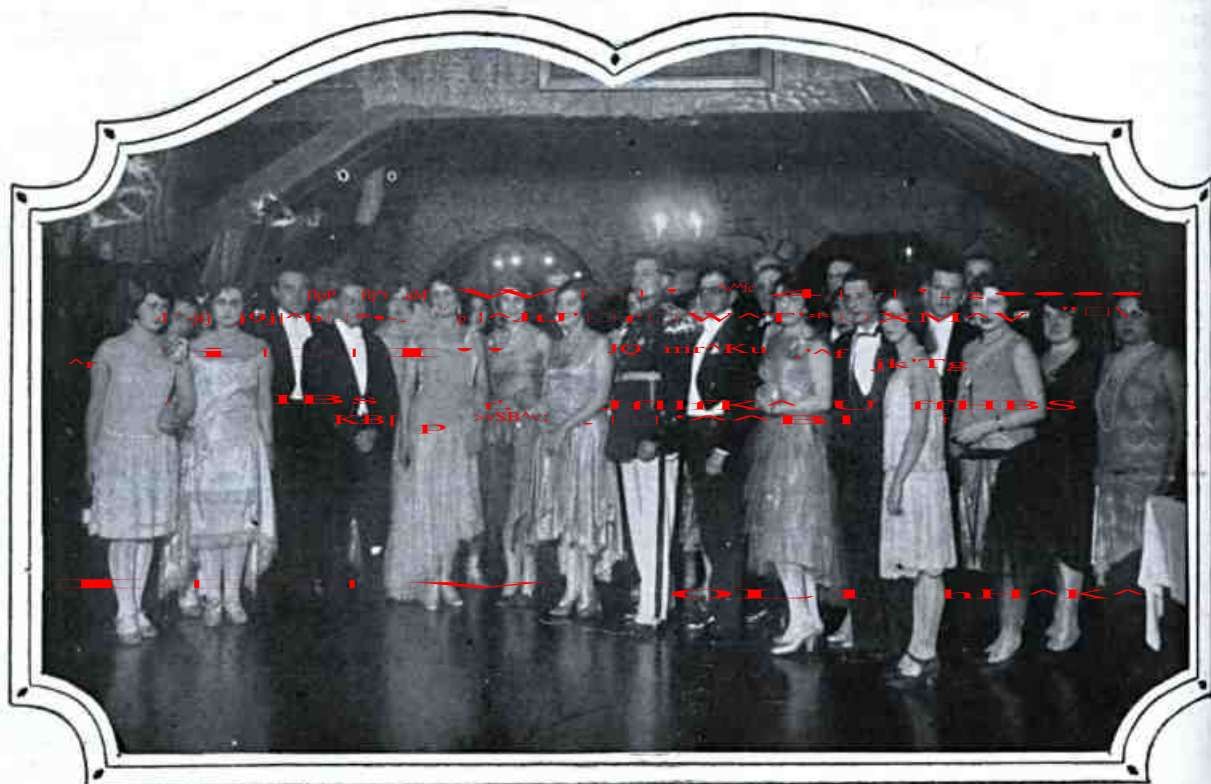
As mulheres em quem se nota essa modalidade labial são authenticamente materiaes. No emtanto, são de uma pronunciada feminilidade. Amam com ardor. E são dedicadas até o sacrificio. São as grandes amorosas, a quem os soffrimentos do coração divinizam.

Ha ainda varios outros typos de labios, que têm a sua significação expressiva. Exemplo: os que parecem um "W", um friso, um coração, um ponto roseo — como aquelle que Rostand chamava "o do "i" do verbo "aimer"... Mas, sobretudo, a que mais me impressiona é a que dá a idéa de um perfeito travo de "rouge". E' a bocca das mulheres vampiro. E' a bocca das Ninon Lenclos, das Manon Lescaut, das Mlles. de La Vallière.

E' a bocca das mulheres feitas de nervos e de sonho.

A essas figurinhas de amor e de graça bem se póde dizer o verso do poeta cubano:

Siento el agraz cortante
[de tu beso bastarda
y la succión plebeya de
[tu mimo labial...

BASTOS PORTELLA

O Club dos Bandeirantes prestou, sabbado ultimo, uma grande homenagem á representante da nossa belleza feminina no concurso de Galveston: offereceu um baile a «Miss Brasil». E baile que teve a presença de figuras da nossa alta sociedade, como póde documentar este flagrante, no qual apparecem a homenageada e directores do Club dos Bandeirantes.

ARABESCOS

O amôr...

Que pena tu não saberes comprehender a verdadeira significação desse motivo de dôr e soffrimento!

Amar, afinal, não é mais que procurar com ansia um gozo, que se traduz em magoa, em sacrificio, em tortura.

O amôr é a rosea mentira da felicidade. E' a atra verdade da dôr suprema. E' a lagrima que não chega a brotar, porque se esvae, se dilue na ardencia da ansiedade e do desejo — duas torturas que o amôr inspira.

E tu, minha doce amada, não sabes nada disso, porque não amas, porque a tua indifferença te anesthesiou a alma — és insensivel como o marmore e fria como elle.

E vês que soffro, e buscas na minha dôr um motivo de prazer intimo, de vaidade feminina.

E só me vens beijar, amorosa e terna, quando comprehendes que me desespero.

Mas o meu coração me diz que essa ternura é falsa. Por ella tu me fazes pagar, depois, dias amargos de soffrimento e duvida.

Costumas dizer que é mais vibrante e mais ardente e mais sincero o amor nos romances de ficção.

E conclues que desejarias amar e ser amada assim.

Creio-te capaz de um tal amôr: de mêra ficção...

Quanto a mim, não sei mais que repetir o drama humano, bem humano, de sacrificar-me por uma mulher que paga as minhas lagrimas com sorrisos de desdem e ironia...

MATTOS ALÉM.

QUE PANDEGA!

Os jornaes andam agora cheios de liberalismo...

O paiz é habitado por gente liberal.

Os politicos, então, fazem questão cerrada de expandir as suas idéas ultra liberaes!

Parece até que isto passou a ser a Republica dos nossos sonhos...

Um pagode!

Mas, afinal, por que tanto barulho?

Trata-se, acaso, de minorar a vida torturada do povo?

Acaso vamos ter o direito de habitar, de comer, de rir no circo?

Ahn!...

A coisa é outra. E' o namoro do Cattete que agita o paiz de norte a sul, que faz tremerem de indignação ou enthusiasmo (ça depend) as gazetas que vivem presas ás arcas mysteriosas dos thesouros publicos.

Politica, politicos...

Santeul recommendava aos seus amigos que se livrassem, sempre, da casa de uma bonita mulher, das unhas de um gato, da retaguarda de uma mula e de um frade por todos os lados.

Santeul, que foi tão cruel para com os frades, esqueceu o politico — o profissional da politica.

COLUMBARIO...

Um estylo de pompas voluptuarias, ao serviço de uma intelligencia clara e limpida, animada de uma cultura sempre nova.

Artista contemplativo e profissional militante. O artista tem de viver e, em vão, tenta esconder-se na actividade do medico pratico. O scientista tem de translibrar-se em extases de arte, e o surto apostolar dos seus estudos e experiencias eleva na mesma ascensão o experimentador e o sonhador.

Ahi está, em vago perfil espumado, Augusto Linhares, prócer joven da clinica oto-rhyno-laryngologica, mestre da bôa linguagem, orador da antiga tempera. Ahi está o autor da encantadora "plaquette" — "Voltando ao Columbario" — animada synopse com que, entre torneios verbaes de puro artificio, o illustre cearense condensa a evolução da imprensa em sua terra, através da trajectoria vital de um dos seus maiores

polemistas — João Brigido — especie de cangaceiro urbano, ferrabraz da justiça e da verdade, compra-brigas impenitente de bem, homem de idéas e sentimentos, luctador de luctas generosas e firme caracter rectilineo, que, ainda morto, quizera conservar a attitude vertical dos gigantes insubmissos.

H.-F.

REVERBEROS

Poucas vezes tenho visto, em São Paulo, um inverno tão amavel. Parece, mesmo, que são as folhas seccas das arvores exoticas a unica coisa que denuncia a estação. Permanecem floridos e perfumados os jardins, o céo mantem-se azul e claro e, ás noites, o brilho das estrellas muito raramente é perturbado pela tenue cortina da garôa ou da neblina.

Coisa nunca vista: um luar de prata, em pleno inverno, romantizando um idyllio á meia noite, num jardim cujas arvores e arbustos rumorejavam ao bafejar muito lento de uma brisa de primavera...

Pois eu vi. Talvez não tenha sido bem isto: um idyllio. Mas deve ser coisa muito parecida. Não crêem?

Foi no jardim dum dos clubs mais aristocraticos da Paulicéa. No jardim, propriamente, não: no seu terraço, circumdado de canteiros verdejantes e com um panorama deslumbrante para enfeital-o.

Elles não me viram. E meus ouvidos innocentes apanharam, sem querer, este dialogo muito suggestivo:

— Então, que é isso? Dormindo!?

— Não. Pensando.

— Pensar á meia noite! Parece impossivel! E em que pensava precisamente você?

— Francamente, nem sei, Sinhazinha. Talvez estivesse apenas sonhando...

— Sim? Mas já que você não quer dançar... Apraz-me tambem este terraço e esta cadeira preguiçosa. Vou sentar-me tambem aqui a seu lado. Posso?

— Ora. Como si você não soubesse que a sua presença me faz tanto bem!

— E' mesmo? E então por que fugiu de mim?

— Que queria você que eu ficasse fazendo a seu lado? Expondo-me ao ridiculo, no meio do salão?

— Ridiculo? Ora! por que? Dançando, simplesmente. Não tocavam, por acaso, o seu tango favorito?

— Prefiro esta paizagem: olhe como ella fica linda, com o luar!

— Você está triste... Magoou-o o que lhe disse, talvez.

— Não, Sinhazinha. Nem tinha o direito de magoar-me.

— Você deve comprehender... Eu realmente lhe prometti que iria... mas si elle não voltasse.

— E então?

— E elle voltou. Você comprehende, não? E' impossivel...

— ...

— Mas você não vae ficar triste por isso, pois não?

— Ora! E por que?

— Mas aquella lagrima...

— Notou?

— ...

— Foi do fumo do cigarro. Os fumantes sempre se expõem a isso. Mas não vá julgar mal: o culpado foi o fumo do cigarro...

FILIGRANAS

Por que essa agua forte de Auguste Leroux me enche os olhos de agua sempre que nellas eu os pouso?

Por que?

Estende-se nella uma planicie núa, com arvores no horizonte atormentadas pela ventura. Um homem primitivo, hirsuto e rude atravessa-a, levando aos hombros, como leve e precioso fardo, o corpo nú de uma mulher divina. As formas curvas e brancas brilham sob uma réstea de sol. Os cabellos côr de oiro parecem a propria luz. E os olhos fechados parece que evitam vêr o seu destino...

As lagrimas brotam dos meus porque me lembro de Ti e, si um dia me roubassem o teu corpo como esse homem bruto, eu nunca mais me consolaria...

A data natalicia do rei da Noruega, que passou no ultimo sabbado, foi commemorada festivamente na legação daquelle paiz, onde o sr. ministro Michelet e sua exma. senhora offereceram, por tão grato motivo, brilhante recepção ao mundo official, ao corpo diplomatico e á nossa alta sociedade.

Gostas tanto do mar!
E eu me fico tão triste,
Tão triste!
Só em pensar
Que tu gostas, assim, tanto do mar!

Tu gostas mais do mar do que de mim!
Porque dizes que o mar é verde
E que as sereias têm verdes as tranças...
Mas, tu não vês
Que eu tenho
A alma toda verde de esperanças!

Tu gostas mais do mar do que de mim!
Porque dizes que o mar
Te embala o somno
Como a tua mãezinha
Te embalava em menino
Numa eterna canção...
Mas, tu não sentes
Que sou eu que te embalo, agora com os meus versos,
Que sou eu que te nino
Com agrado o coração?!

Tu gostas mais do mar do que de mim!
Porque dizes
Que o mar comtigo brinca sem enfado!
Mas, tu não brincas commigo, toda vida
De namorado?

Tu gostas mais do mar do que de mim!
No emtanto,
O mar te engana e eu não te illudo!...
Eu gosto mais de ti do que de tudo!
Do que da luz, do que do céo, do que do sol:
Do que da matta verde amanhecida,
Mais do que da clareira
A cheirar toda em flôr...
Porque tu és para mim a Natureza inteira!
Porque tu és para mim o rythmo da vida!
Porque tu és o amor!

PALMYRA Wanderley é uma poetisa nortista, que, pouco a pouco, vae conseguindo projectar a irradiação de seu nome além das fronteiras de seu Estado. Nasceu no Rio Grande do Norte, em agosto de 1904. Filha do dr. Celestino Wanderley e de d. Anna Wanderley, educou-se no collegio da Immaculada Conceição.

Tendo feito a sua iniciação literaria, fundou e dirigiu, com successo, durante algum tempo, uma revista feminina, em Natal, intitulada «Via Lactea».

Publicou «Esmeraldas», livro de versos, e, mais tarde, uma conferencia sobre assumptos femininos. Escreveu uma opereta, «A festa das côres», que foi levada, com successo, em Natal e manteve, durante dois annos, n'«A Republica», do Rio Grande do Norte, uma secção denominada: «Subtilezas femininas». E' collaboradora de diversos jornaes do paiz e possue, como «diseuse», uma technica pessoal, que a torna inconfundivel no turbilhão das suas collegas.

Versos de Palmyra Wanderley

Vanidade...

Dialogo entre uma Rosa e uma Estrella

Por uma dessas noites friorentas, ouvindo um rumor estranho, semelhante a um sussurro de beijos, que vinha do jardim adormecido, abri a janella do meu quarto, e tive um grande pasmo: uma estrella, inundando tudo de luz, conversava com uma rosa muito pallida e aljofrada de orvalho. Era este o dialogo:

A Estrella — ...francamente, não suppuz que a Terra fosse esse encanto que aqui vejo. Flores, nevoas, montanhas, que parecem feitas de esmeralda... Que maravilha! E você, como se chama?

A Rosa — Rosa.

A Estrella — E' lindo. E esse perfume, é seu mesmo? E' natural?

A Rosa, admirada — Claro que sim. As rosas da Terra são creaturas de élite.

A Estrella — Creaturas?

A Rosa — Perfeitamente. Creaturas, seres racionaes. Amamos, soffremos, sentimos todas as emoções humanas... E você, será alguma estrella cadente?

A Estrella, insultada — Estrella cadente? Não vê logo! Sou estrella de primeira grandeza. Chamo-me Sirio.

A Rosa — Sirio? Que lindo nome! Ah, então você mora no sul do Zodiaco, na constellação de Orion...

A Estrella — Orion! não, o Grande Cão. Não sabe cosmographia?

A Rosa — Nós, as flores, não nos preoccupamos com essas coisas aridas, de sciencia. Vivemos para o encanto dos crepusculos, a alegria do sol, o beijo dos luares e o lindo alvorecer dos dias cheios de abelhas, de borboletas e colibris...

A Estrella — Que bom o viver de uma rosa!

A Rosa — A nossa vida não é má. Mas não é das melhores.

A Estrella — Que egoista! E quer vida melhor?

A Rosa — Vida bôa é a sua. Então, viver nos céos, perto dos anjos e das nuvens, não é um encanto? Nuvens e anjos! Duas purezas! Conhece aquelle poemeto de Baudelaire, em que a sua arte maravilhosa louva a nuvem que passa lá no alto? Oh, eu amo as nuvens como o poeta das Flores do Mal!...

A Estrella, desolada — No emtanto, a minha vida é tão monotona, lá naquelle eterno silencio sideral! Sempre o mesmo deserto, o mesmo giro das espheras incandescentes, no abysmo profundo, ad vitam æternam... As estrellas não se amam. Nós não conhecemos o amor. Entre nós, ha o eterno orgulho do esplendor: cada qual que deseje supplantar á outra, com o seu fulgor dourado e faiscante.

A Rosa, rindo, admirada — Que pensa, você, Sirio? Julga que aqui na Terra a vaidade das flores é menos irritante que a das estrellas? Vocês ainda têm uma certa razão para esse orgulho — porque são immortaes.

A Estrella — Immortaes? Nós nos fragmentamos como as pedras preciosas e tudo quanto é material, fiel á lei de Lavoisier.

A Rosa — Mas, mesmo depois de mortas, vocês ainda illuminam, através das trevas eternas dos abysmos azues... Ao passo que nós vivemos apenas "l'espace d'un matin", no verso de Malherbe...

A Estrella — Mas possuem o perfume... Esse divino perfume que é o mais poderoso excitante da memoria. Lembra-se dos versos de Samain:

> Et que notre amour se prolonge
> Dans les parfums exasperés...

A Rosa — Oh, muito obrigada, Sirio. Isso é quasi

Senhora Aristeu de Aguiar, esposa do presidente do Estado do Espirito Santo. D. Nair de Aguiar preside, com rara bondade e intelligencia, a todas as iniciativas de caracter beneficente e altruistico, na terra espiritosantense. Victoria vae dever-lhe a reconstrucção da egreja de São Gonçalo, uma das mais lindas e tradicionaes do Brasil. Encabeça, para esse fim, uma commissão de senhoras, das mais illustres da sociedade de Victoria. E, em breve, tambem uma «crèche», a primeira que se funda naquella capital, assignalará a efficiencia dessa cruzada do bem, na qual a illustre senhora põe o melhor da sua mocidade gloriosa e do seu coração generoso. Todas as acções altruisticas têm, na terra capichaba, a collaboração prestimosa e humanitaria da grande dama, que é d. Nair de Aguiar.

um *galanteio*. Talvez você tenha razão. A *Terra*, si não fossem os homens, seria bôa, e nós não teriamos necessidade de possuir espinhos, para a nossa defesa; só possuiriamos perfume. Mas, de qualquer modo, eu trocaria a *Terra* pelo céo. Vocês têm prestigio para os poetas. Não vê o que diz Heredia, em "Maris stellae?"

L'Etoile sainte, espoir de
marins en péril...

Nisso a flor observa que vem nascendo a madrugada. Pallidos fulgores de rosa e de ouro se espraiam no horizonte longinquo. E emquanto a filha da roseira eleva o seu calice para Sirio, offerecendo-lhe o seu perfume, doce, a estrella divina foge para o firmamento deserto, projectando um raio branco sobre o perfil da rosa solitaria...

MELANCOLIA — Eis-me aqui, de penna em punho, seguramente ha meia hora. Que hei de escrever? Por acaso só aquella palavra — melancolia — já não basta? Melancolia! Ella diz tudo, na eloquencia das suas cinco syllabas.

E quando um homem sente que a sua alma está pesada de tristeza, póde renunciar a essa alegria intima de tradu-duzir o que sente...

Eu hoje estou assim — nesse estado de nervos que nos parece um estado neutro — entre a vida e a morte. Num sentido figurado, quer isto dizer que estou entre as vibrações da vida, com todo o seu cortejo de soffrimentos, e a serenidade fria da morte.

Seria inutil tentar definir o que sinto dentro da alma. Quando muito, posso reproduzir as emoções de outras almas sensiveis. Afinal, ellas são as minhas mesmas emoções.

Penso em Verlaine:

Je me souviens
des jours anciens
et je pleure...

Como diz bem com a minha melancolia, nesta noite deserta, a melancolia desses versos!

Afinal, a minha desolação tem uma causa: um amor impossivel.

E' verdade que não ha amores impossiveis. Todos os amores são faceis ao coração dos que amam. Mas justamente porque o nosso é facil, é que o considero impossivel. Facil para ella, impossivel para mim.

Comprehende-se: ella é uma borboleta fugitiva; uma creatura, "de gli angeli sorella"... bate as azas de anjo, e foge...

E' em vão que o meu delirio a persegue.

Assim, todos os queixumes das almas desoladas, que amaram e soffreram, tambem são um pouco meus; tambem são um pouco da minha alma.

Ai de mim!

Foi Alphonse Daudet quem affirmou, pela bocca de um dos seus personagens, que, para se assegurar, definitivamente, do amôr de uma mulher, era necessario fazer uso de tres palavras magicas: alma, flôr e estrella.

Já usei de todas as palavras de amôr. Mas não consegui abrir-lhe as portas do coração.

E no silencio da minha melancolia profunda, eu me limito a murmurar, como Amado Nervo, de mim para mim: "Adonde fuiste, Amór, adonde fuiste?"

BLAGUE — Perversidade... Perversidade ou *blague*? Uma coisa alliada á outra... O certo é que a piada sahiu com muita propriedade, provocando risos a todos os presentes.

A roda era grande. Compunha-se de intellectuaes, na sua maioria melindrosas e matronas. Uma roda chic, aliás.

Palestrava-se sobre coisas de arte, literatura, etc. Citaram-se nomes de escriptores, poetas, artistas, emfim todos os representantes da intelligencia.

As opiniões variavam sobre o merito deste ou daquelle. Houve alguem que ponderou:

— A popularidade de certos intellectuaes depende, muitas vezes, da sympathia que inspiram.

— E nisso entram por muito as caracteristicas physicas — atalhou uma senhorita de cabello côr de fogo.

— Está claro — apoiou uma matrona — Um homem feio não pode conquistar a sympathia dos seus leitores. Encontrará mais difficuldade para vencer do que um bonito.

— E George Ohnet?

— Era um romancista de "concierge".

— E Balzac? — rebateu um poeta passadista.

Por muito tempo, a palestra se manteve neste diapasão.

Depois, um circumstante se referiu a certos escriptores, casados com escriptoras, e que viviam do prestigio destas. E vice-versa: escriptoras que viviam á sombra do prestigio intellectual dos esposos.

— E' mais bonito!

— Ambos devem ter a sua personalidade! — protestou uma poetisa, accusada, aliás, de assignar os versos que o esposo escrevia.

Foi quando uma joven

QUATRO formosas brasileiras assistindo ás corridas em Longchamps, em Paris. São as sras. Affonso Bandeira de Mello, H. Armbrust, João de Mello Franco e mlle. Lucy Monteiro de Barros. Sente-se bem que, nesse momento, não são grandes as suas saudades do Brasil...

trouxe á baila o nome de uma senhora.

— Essa não é escriptora, — informou um jornalista. E' professora.

Quem era? Quem não era? Ninguem a conhecia... Não a conheciam? Era de admirar, — espantou-se uma senhora da alta sociedade...

Physicamente, como era essa dama?

E alguem, com ar de perfidia:

— E' do tamanho de um bonde.

— E' casada?

— Sim. E seu marido é do tamanho de uma bicycleta.

GRAND - GUIGNOL. — De Yves — O sr. Ferrabraz era um velho commerciante de costumes rigidos e austeros. Não era homem para brincadeiras. No emtanto, — não se sabe por que — tivera a má idéa de casar com uma senhorita levada da carépa. Era mesmo uma dessas senhoritas que têm foguete dentro da alma. Da alma e do coração.

Tinha apenas 22 annos — idade de uma mariposa irrequieta, que andava a doidejar em torno á chamma ardente do amôr. (Deixem passar essa imagem, velha como a terra...)

Elle estava na idade perigosa, em que os homens vão perdendo a energia, para se tornarem uns fantoches nas mãos perversas das esposas.

Sussurrava-se a proposito da conducta de madame Ferrabraz. O marido, porém, raciocinava: "Ora essa! Maricota é uma criatura que desfructa o maior conforto possivel. Que póde ella desejar fóra do lar?" E concluia com um dôce optimismo: "Não, não creio que ella me seja infiel"...

Tantas, porém, foram as provas apresentadas contra a honestidade da esposa, que o commendador Ferrabraz, (elle era commendador — gordo e rolliço), acabou por tomar a resolução de espional-a.

Convenceu-se, em breve, de que ella não era a mulher virtuosa que suppunha.

Um bello dia, chegou á casa mais cêdo que de costume. Interrogou os creados:

— O' Fidelis, onde está a patrôa?

— Sahiu, commendador.

— Não disse aonde ia?

— Foi á e g r e j a de Santa Therezinha de Jesus pagar uma promessa. Disse ella que anda cheia de peccados. Tantos e tão velhos que até já estão cheirando a môfo.

O commendador Ferrabraz vociferou:

— Conheça o seu logar! Não admitto pilherias! Suma-se da minha vista!

Entrou para o seu gabinete e meditou no que vira algumas horas antes. A mulher passára por elle na baratinha do dr. Pinto Calçudo. Justamente o homem a quem apontaram como responsavel da sua deshonra...

Não, elle saberia vingar-se. E esperou...

Quando mme. Ferrabraz chegou, com um sorriso de quem fôra feliz, muito feliz, o commerciante saltou para ella:

— Infame! Eu sei de tudo! Vaes morrer.

— Marido! Não sejas louco! Ouve-me, primeiro!

— Não te quero ouvir mais! E's uma esposa infiel!

A mulher desatou em soluços. O marido reflectiu. Nesse momento, estalou um trovão. Depois outro; e a seguir uma tempestade.

— Bem! — gritou elle. Não te mato! Mas não ficarás sob o meu tecto! Vae-te embora! Já e já!

— Mas, com esta chuva, marido! — gemeu ella.

— Ah! é verdade! Nem me lembrava!

E deixando-se cahir em uma cadeira, n'um desalento invencivel:

— Está bem! Espera que a chuva passe... Senão, pódes apanhar um resfriado...

OS HOMENS... AS MULHERES... — O senhor não dança?

— Já dancei muito mal.

— Não é isso que pergunto.

— Hoje danço menos mal.

— Ah! O senhor está fazendo pilheria?

— Não. Estou respondendo á sua pergunta.

— Estava brincando. Não fique zangada. Eu não danço. Ou por outra, para não me parecer com toda gente, costumo esperar que as damas me tirem...

A minha interlocutora deu um salto na cadeira, e fez uma cara de espanto.

— Que disse o senhor?

Sorri. O sobrolho franzido, um ar "moquer", pernas cruzadas, um modo displicente, reaffirmei:

— Espero que as damas

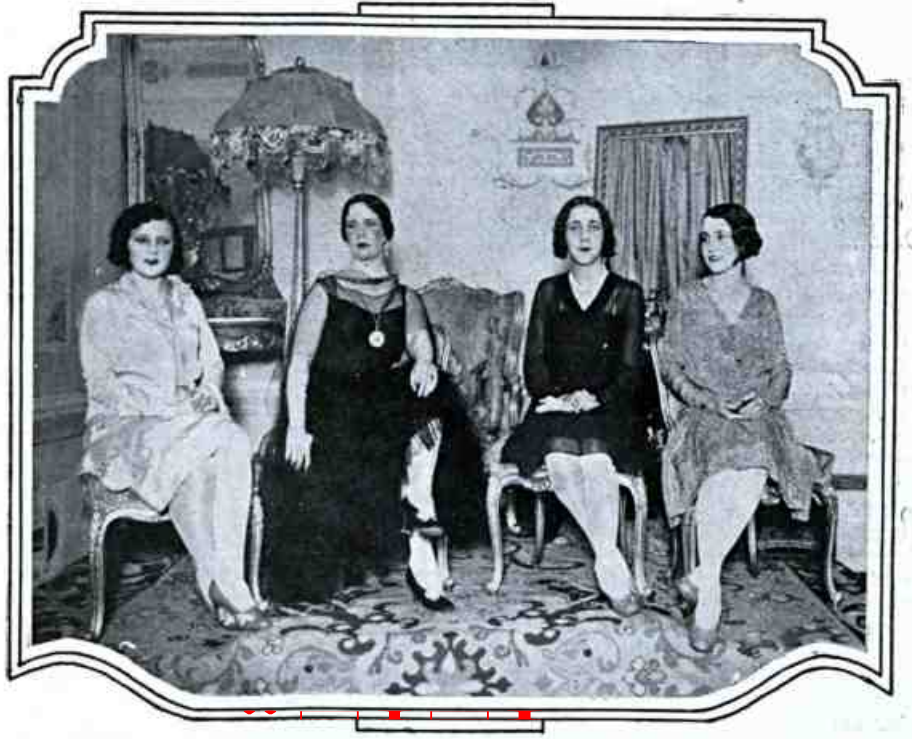
Celina, muito elegante, no seu vestido rosa-pallido, leve como a sua silhueta fragil, de junquilho, teve um gesto de enfado, e declarou:

— Si não responde com educação, eu me retiro.

— Educação? E' muito forte.

O *jazz* continuava a sacolejar as notas compassadas do *Meu sonho azul*, o fox lento, que é tão cheio de ondulações e plangencias, quanto nos incita a dançar.

Celina repetiu, convictamente:

— Si não responde, eu me retiro.

MLLE. Nair Werneck Dickens, a festejada declamadora que ensaiou as senhoritas Nelly Cavalcanti, Cecy Cardoso e Lucia Lobo na representação do «Abat-Jour», de Maria Eugenia Celso, e que foi interpretado na festa de arte, realizada na residencia do nosso companheiro Lelio Vieira Machado. Na photographia vêem-se, ainda, «Miss Minas Geraes» (mlle. Jesuina Pimenta)) e Heloisa e Elizette Leclair.

me tirem para dançar...

— E qual é a dama que iria pedir-lhe o prazer de dançar com o senhor?...

Expliquei-lhe que havia muitas maneiras de se convidar alguem para dançar. A's vezes, um simples sorriso valia por um convite. Outras vezes, esse mesmo sorriso, correspondia a uma recusa decidida.

E ajuntei:

— A dança é um prazer, é um encanto, é um jubilo indizivel, é quasi affecto que se sente, no momento em que a gente trepida aos bamboleios de um fox...

— E' quasi affecto? — interrompeu Celina.

— Sim. E' quasi affecto pelo nosso par...

— E si este não nos agrada? Que é que se sente por elle?

— Repulsa.

— Repulsa? Não é muito?

— Não. E' o termo. Eu creio na attracção magnetica dos corpos. O desejo de aproximação, de contacto, a vontade de que nos sentimos animados para enlaçar o corpo de alguem, tudo tem uma explicação na lei da sympathia das substancias chimicas que se contêm na materia...

— Ih! — gracejou a endiabrada Celina. O senhor foi muito longe, com essa sciencia das "lições de coisas", para explicar a theoria dos prazeres choreographicos. No emtanto...

E Celina, maliciosa, accentuou com um sorriso:

— No emtanto, eu não necessito de tanta sciencia... infusa para adivinhar que o senhor tem vontade de dançar commigo...

— Adivinhou, sim...

O *jazz* iniciava um novo fox. Eu amo os foxs. Celina disse:

— Si não tem repulsão por mim...

— Attracção... Attracção...

E os meus braços estreitaram o busto decotado de Celina, que vibrava, nervosamente, como um passaro assustado. E que perfume entontecedor!

CHARLA — Os senhores já repararam como um grande affecto pode, ás vezes, depender de um detalhe minimo? E esse detalhe é sempre observado num primeiro encontro, numa primeira entrevista... Si esse detalhe não é de ridiculo, é claro que o cavalheiro se elevará, no conceito da dama; si, porém, é grotesco — está tudo perdido. Perdido para elle, já se vê.

Quem emprega esses meios de conquistas, deve ter um cuidado muito sério, para evitar uma *débacle*. E' o methodo sentimental. "Ceux qui emploient la methode sentimentale — observa um escriptor francez — marchent avec noblesse... Ils redoutent le ridicule".

E assim é.

Vejamos, agora, que é que pode ser ridiculo.

Um homem que vae a uma primeira entrevista com a barba grande, ou a roupa assignalada por manchas de gordura, não deixará senão uma pessima impressão de sua pessôa.

Si apparece armado de guarda-chuva e galochas, está no mesmo caso.

As botas devem estar bem engraxadas a roupa alinhada e o bolso contendo, no minimo, cem mil réis. (Verba que fica sob a rubrica: "Eventuaes").

Um mau perfume recommenda mal o cavalheiro. O lenço sujo, o collarinho amarrotado, a gravata esfiapada, tudo isso depõe contra elle.

As mulheres são dotadas de uma visão perspicaz e possuem o instincto da minucia. Ellas tudo vêm e descobrem. E' um perigo.

Quando se trata de correspondencia epistolar o que o cavalheiro deve evitar são as cartas chorosas, pingando lagrimas ou rescendendo a lyrismo.

A tristeza é inimiga do amôr elegante.

Em toda carta de amôr deve haver um pouco de sentimentalismo, é verdade, mas com dois terços de *blague*, de perfidia e veneno.

A dama que recebe a carta de um homem, que lhe diz: "Queridinha", tem todo o direito de motejar como aquella musa de Paul Géraldy: "Ce n'est rien... Ce n'est-... Je lirai ça plus tard..."

Uma correspondencia amorosa deve ser breve, imprecisa, um tanto "moqueuse", dando sempre a impressão de que as suas linhas são mais um favor do que uma homenagem. E nada de ciumes — mesmo quando houver razão para elle.

Si ha razão para alludir a alguem, que inspire esses ciumes, o cavalheiro deve insinuar: "Que noticias me dás do teu ultimo *béguin*, si é que não ha uma razão muito forte, para conservar em segredo tudo que tem decorrido, entre ambos, depois que appareci na tua vida..." Ella comprehenderá a perfidia, e dirá: "Elle vae bem". E' uma prova de despeito. Ou, si fôr ingenua, responderá: "Não me fales em tal indesejavel. Só penso em ti..."

Em summa, meus senhores, é preciso ter cuidado, para não dar uma impressão má á dama que vê, ou suppõe vêr em nós, um super-homem, um semi-deus...

• • •

BRANCO

De Ide Blumenschein.
(COLOMBINA)

E's nuvem lá na abóbada infinita,
Nas entranhas da terra és o diamante!
E és a flôr mais bonita
Do meu rincão: a flôr que os cafezaes enfeita!
E's a geada que vem do céo distante
Dizimar a colheita.

Branco dos lirios dos nenuphares!
Tu, que és todo o esplendor do marmor de Carrara,
De onde virias?... Da espuma dos mares?
De um raio de luar? Ou da magia clara
Das estrellas vespertinas?
E's tão pura que vives nas cortinas
Dos berços, e nas toalhas dos altares!
Symbolo da innocencia e da candura,
Ergueste a tua tenda na alma pura
Das crianças, que Christo abençoara.
Côr das perolas... dos cysnes e do arminho!
D'aquelle lindo e manso cordeirinho
Nos braços do menino Deus.
Branco!
Macia côr, que lembra um barco se afastando,
E lá longe... no cáes... alvo lenço acenando
Adeus... adeus...
Côr da neve que cáe pelas longinquas terras
Dos meus antepassados!
E's o manto que cobre as nossas serras
Como uma mortalha
Que o inverno talha;
Côr das azas dos anjos pequeninos
E d'aquelles tão finos
E longos véos nupciaes...
Côr do leite nos seios abençoados
Das mães! Tu és a paz e és o perdão;
E's tudo o que ha de nobre e bello e santo
No humano coração.
E's luz! E's claridade! E's todo o brilho
Das noites tropicaes!
Côr do impossivel! Côr dos beijos nunca dados...
Branco! Tu não gritas jamais, nem feres
Os olhos que te seguem encantados...
E's mais que bella, és pura! E eu te amo tanto,
Porque tu me suggeres
Os sorrisos bemditos de meu filho,
E os cabellos sagrados de meus paes!

• • •

O hippodromo do Itamaraty vestiu-se de galas, domingo passado, para commemorar, com a sua grande corrida annual, a data do Derby Club. Uma grande festa, com grandes premios e grande concorrencia. Estiveram presentes o chefe da Nação e madame Washington Luis, além de outras pessoas gradas.

REVÉRBEROS

Sómente um theatro está presentemente funccionando em São Paulo: o Bôa Vista, com uma companhia de revistas, a cinco mil réis o ingresso...

E, ainda assim... vasantes e mais vasantes.

Quanto ao cinema falado: mais duas inaugurações, o do Republica e o do Braz Polytheama, que vêm, assim, augmentar para cinco, o numero de "movietones" e "vitaphones" existentes em São Paulo. Ha outras inaugurações annunciadas para breve.

Uma onda de esperança, porém, anima os paulistas, com a noticia da breve estréa da Companhia de Opera Russa. A assignatura para os espectaculos desse notavel elenco tem alcançado pleno exito.

A Paulicéa irá apreciar, tambem, um pouco da arte brejeira e fina da incomparavel capital austriaca, nos espectaculos que dentro em pouco lhe proporcionará a Companhia de Operetas Viennenses, no Casino Antarctica.

E' pouco... mas é bom.

Os brasileiros que aprendam: só se vencerá o cinema com as qualidades do cinema: [illegible] artistas, bom gosto e luxo.

O mais, são "hist[illegible]s" inoffensivas.

Um instantaneo da disputa do grande premio «Dr. Frontin», no prado do Derby Club, domingo á tarde.

LANTERNAS DE PAPEL

LUZ E PO'

Ha gente que vive no presente e gente que vive no passado. Para uns, somente vale o tempo que se foi, em que a distancia esfuma as chatices, e o esmorecimento das paixões dá um tom delicioso a tudo. Então, tudo era bom e bello, gentil e puro, nobre e desinteressado. O que lhe succedeu nada vale e nem merece as honras da comparação senão para que resalte sua inferioridade. Para outros, o presente é tudo e tudo mais é nada. Os seculos de outróra são escuros e frios. Os povos, barbaros. As usanças, detestaveis. A falta de conforto, horripilante. O presente trouxe todos os gosos e todas as vantagens, todas as bondades e todos os progressos.

Entretanto, não vive quem vive no passado, e não vive quem vive no presente. A verdadeira, completa, integral vida dum individuo é como uma arvore: tem raizes e tem folhas. Mergulha aquellas no que foi. Agita estas no que é. E procura attingir ainda o que será.

Não ha homem verdadeiramente digno desse nome sem olhar para traz, sem contemplar o que o rodeia e sem fitar o que ha de vir. A personalidade moral e mental do individuo vem do que passou e caminha para o que surgirá. Projecta-se com a sympathia e o estudo nas idades mortas, observa os factos que se desenrolam em sua presença com aquella calma intuição e aquelle equilibrio admiravel que Carlyle descobria em Emerson, e sorri ante o porvir com a intuição calma que sabe vêr além da casca apparente das coisas.

Tambem ha gente que unicamente vê o lado máu da vida, como ha gente que só enxerga o lado bom. São como pessôas que somente vissem a luz ou a sombra. Faltar-lhes-ia o relevo de tudo. Ou negro, ou claro. E' necessario, para ser de verdade homem, sentimentos e a grandeza das aspirações humanas. Louvemos o esforço e o trabalho. Reconheçamos a evolução das coisas e dos séres. Bemdigamos o prazer, mas não amaldiçoemos a dôr, que é a unica razão delle existir. E' necessario ser equilibradamente h u m a n o.

tir ambas. Uma não póde existir sem a outra. Que seria do bem, si não fôsse o mal? Que seria do mal, si não fôsse o bem? Capacitemo-nos da fealdade do mundo, da estreiteza dos ambientes sociaes, da mesquinharia das almas; porém não esqueçamos a opulencia das emoções, a riqueza dos amando a vida no que ella dá de puro e de impuro, de nobre e de ignobil, de grande e de pequeno, de máu e de bom. Porque as duas faces do deus Janus devem coexistir. Porque Aquelle que, no mysterio insondavel, organizou tudo o que vemos e tudo o que sentimos assim o ordenou por uma razão logica, embora insondavel. E tudo nada mais é do que a instavel, impermanente manifestação do eterno absoluto em eterno relatividade.

Na mais alta ordem do pensamento, não ha nada que seja inutil ou prejudicial. Tudo corresponde a uma finalidade incognoscivel que devemos admittir como emanada duma organização perfeita e acceitar como se apresenta, sem perder tempo em querer discutir quando devemos obedecer. Coração na verdade humano é o que sorri em face dos aspectos crueis ou suaves da existencia. Voz de verdade humana é a que não vibra em revolta, mas ecôa em palavras de consolo, de prudencia e de perdão. Espirito em verdade humano é o que se interessa, ao mesmo tempo, pela mais antiga das theologias e pela mais moderna das invenções radiotelegraphicas, pois que ambas provêm do mesmo berço em que elle por sua vez nasceu. Essa synthonização, integrando o homem dentro da humanidade e do planeta, dá-lhe a vida interior que, quanto mais intensa e mais profunda, maior felicidade concede ao que a possue. Vivamos dentro de nós mesmos, em presença do universo; erijamos a torre de marfim do nosso microcosmo; e desafiemos desta sorte o pessimismo e a dôr.

Lembra-te, homem, que és pó e em pó te tornarás; porém lembra-te, ao mesmo tempo, que és luz e que luz tornarás a ser. Porque a luz e o pó nasceram no mesmo dia e da mesma semente.

CLAUDIO FRANCA

O NOVO VICE-PRESIDENTE DO CEARA'

O dr. Benedicto Augusto Carvalho dos Santos, que as forças politicas do Ceará, por indicação do presidente Mattos Peixoto, acabam de escolher para o alto posto de vice-presidente do Estado, é um dos nomes mais representativos da alta intellectualidade de sua terra, neste momento. Professor cathedratico da Faculdade de Direito e do Collegio Militar do Ceará, Beni Carvalho, que possue uma cultura solida e variada, é, tambem, o escriptor primoroso e elegante estylista, que, mais de uma vez, tem honrado as paginas de FON-FON com a sua brilhante collaboração. A escolha do seu nome para o posto honrosissimo de vice-presidente do Ceará foi, por isso mesmo, recebida com justos motivos de jubilo e, com ella, tambem muito folgam os que aqui trabalham, amigos e admiradores do illustre escriptor e notavel professor.

* * *

A MULHER CHIC

Uma linda «toilette» em musselina branca. O bolero é enfeitado de «strass» branco. Modelo de Lucien Lelong.

(Photo Scaioni — Paris — Especial para FON-FON).

Poema da saudade

MINH'ALMA clama por ti, como o sedento por uma gotta d'agua.

Porque tu foste em verdade, na minha vida, o principio viril que a dominou.

Tu te ergueste para o zenith do meu amor, como o astro soberbo adorado pelas turbas.

E absorveste, em teu fulgor, a fonte da minha alegria.

Tudo é calmaria em torno de mim: nem o mais leve fremito põe uma vibração nas horas inermes...

Teu olhar, mesmo de longe, entorpece minha natureza vencida.

E eu suspiro por uma caricia tua como o sedento por uma gotta d'agua.

Piedade! Sobre minha alma paira o ardente deslumbramento de teu amor; elle subjuga, requeima e despetala o florescer suave das recordações...

Ergo, para o fulgor do teu desejo, meus braços exhaustos.

E adoro-te, de longe, como as turbas do passado adoravam a gloria estuante do sol...

Piedade! As lagrimas sobem do fundo de minhas horas solitarias como os vagalhões do imo do oceano na hora ansiosa do preamar...

Quando virá o occaso deste intermino dia de separação?

Então, inclinarás sobre o meu regaço a fronte carinhosa e grave, como o astro diurno se deita no seio do poente...

E o fulgor de tua paixão, velada pela volupia como o astro candente pela neblina da tarde, não será maior que o oceano de meu desejo, feito de todas as lagrimas que tenho vertido nas horas da saudade...

Canção da maternidade

MULHER, por que assim vaes, indifferente e rigida, os olhos vitreos, os pés sangrando?

Calas, mas eu vejo que as lagrimas te escorrem das palpebras riscadas de roxo como lirios magoados...

E apertas, contra teus seios que pendem, um pouco tuas mãos vazias e angustiadas...

Mulher, que é do teu filhinho?

Por que assim vaes com os olhos vitreos e os pés sangrando?...

Mulher, disseram-me que tu deixaste o teu filho?

Lembras-te de quando elle ainda não existia para ninguem e só tu o amavas e o trazias em ti com a veneração com que o sacerdote leva a sagrada especie?...

Recordas do quanto sonhaste com elle, quando abençoavas o cansaço immenso que te martyrizava o corpo deformado?...

Já esqueceste de quando lhe davas a essencia de tua vida e de tua belleza pela fonte paciente de teus seios tyrannizados?...

Não te lembras mais de quando, pequenino e frágil, o embalavas pela noite a dentro, afugentando o somno que te acabrunhava a fonte lassa?...

Tanto sacrificio, tanto!

Tanto desvelo, tanto!

Mulher, onde está teu filhinho?

Contaram-me que tu o deixaste... mas eu respondi: "E' mentira!"

Porque só eu vi, só eu sei que t'o arrancaram, e que, por isso, assim vaes... com pés sangrando nos sapatos de setim... com as lagrimas escorrendo sobre os labios carminados...

PETITE SOURCE

Um vulto inesquecivel e uma pintora de talento

A pintora brasileira Sarah Villela Figueiredo. Em baixo: Retrato do dr. Amaury de Medeiros, por Sarah Villela.

MAIS do que as outras artes, dão, a pintura e a esculptura, vida ás suas creações, si como vida artistica devemos entender entidade propria, personalidade da obra independente até do proprio espirito que a creou.

Infinitamente mais subjectivas são a musica e a literatura. A primeira é letra morta, alma que se não revela sem o braço do artista, o mesmo que a compoz, ou outro que a interprete. A segunda, si bem que muito mais ao alcance de qualquer pessoa, nem por isso deixa de relembrar a cada linha a personalidade do autor através de pensamentos, sensações e expressões.

Na pintura, a individualidade do artista apparece bem mais discreta; são precisos olhos experimentados para a descobrir. O vulgo somente vê a obra realizada; vivendo com sua vida propria, embora a admire ás vezes intensamente, chega a esquecer, talvez por isso mesmo, a natural curiosidade de saber quem a idealizou e executou.

E' bem possivel que muitos amigos e admiradores do jamais esquecido dr. Amaury de Medeiros tenham contemplado com attenção, em varias occasiões, o magnifico quadro existente em sua residencia, hoje tão dolorosamente enlutada. Aquella silhueta de lutador e de sonhador, com sua physionomia alegre e pensativa, meiga e maliciosa ao mesmo tempo, com uns olhos esplendidos, onde faiscava a intelligencia dominadora e irrequieta, e onde se condensava toda a sua alma extraordinariamente vibrante — aquella silhueta inconfundivel até em suas attitudes, vive, resurge na tela. A semelhança é perfeita, o traço do pincel é largo e poderoso, o olhar tem prodigiosa expressão. E agora, que a lousa fria do tumulo para sempre occultou o vulto dynamico daquelle homem antes que elle houvesse podido realizar, numa acção definitiva e acabada, a rutilante magia das promessas que sua personalidade forte continha, agora, que parece uma suprema ironia do não ser que tanta vida se tenha irremediavelmente apagado nas cinzas do tempo, o quadro que existe no lar da viuva Amaury de Medeiros adquiriu um relevo e um valor incalculaveis.

Entretanto, nem todos os amigos e admiradores do fallecido repararam, talvez, na assignatura, e sabem que o autor do retrato magnifico, o pintor de traço largo e viril é uma mulher joven, que ao seu grande talento artistico junta uma formosura cujos traços, doces e serenos, têm a maxima expressão de verdadeira feminilidade. Chama-se ella Sarah Villela Figueiredo.

Nas vesperas da abertura do Salão annual, é justo que se relembre seu nome, o qual, dentro de alguns annos, será uma das maiores glorias da nossa pintura.

Este anno, concorrerá a sra. Sarah Villela Figueiredo ao premio de viagem com um «Retrato de Miss Espirito Santo». Dadas as extraordinarias aptidões da artista e a belleza e graça do modelo, esse quadro será, por certo, uma esplendida obra de arte.

Além desse, apresentará Sarah (esse é o nome com que rubrica seus quadros) um «Retrato do dr. Theodoreto do Nascimento», o illustre medico tão conhecido em Caxambú e tambem aqui no Rio.

Completando os tres quadros a que, por novas regras da Escola de Bellas Artes, se deve cifrar o direito de cada um expôr, figurará na collecção da distincta pintora uma «Cabeça a pastel».

ODILON Negrão, que assigna esta pagina de FON-FON, é um escriptor paranaense que conta, apenas, 21 annos. Nasceu na Freguezia de S. Pedro do Anhaya (municipio de Morretes, Estado do Paraná), a 22 de maio de 1903. Muito moço, como se vê. Estudou no Lyceu Salesiano, de S. Paulo, e foi concluir seu curso de humanidades no Gymnasio Paranaense, em Curityba. Desde 1922 que reside na capital do seu Estado. Ali chegou aos quatorze annos. Menino ainda. Aos dezoito annos começou a escrever literatura, collaborando em todos os jornaes e revistas de Curityba. Foi redactor, naquella capital, da «Prata de Casa» e da «Illustração Paranaense». Actualmente, é director artistico e literario do «Diario da Tarde». Ainda não publicou nenhum livro. Mas tem promptos para o prelo dois: «Anhaya» (versos) e «Eu fui o amante da mulher de meu pae» (novella). Odilon Negrão figura, desde hoje, na galeria dos collaboradores do FON-FON, que o apresenta a seus leitores com esta paizagem paranaense, do joven e brilhante literato da terra dos trigaes de ouro e dos pinheiros verdoengos.

POEMA DE VERDE E OIRO

COIVARA!... Cinza de troncos carbonizados pelo *furor* avassalante das queimadas.

Terrenos, que o fogo, barbaramente, desvirginára.

Um dia, o estrangeiro de olhos azues e *grandes*, de cabellos flavos e encaracolados, empunhou o cabo rustico do arado e arroteou aquella *gleba fertil*. Depois, plantou o grão no solo immenso e amigo.

A terra reuniu todas as energias *productivas*, todos os seus elementos telluricos, e aqueceu, acarinhou a semente em seu regaço mórno, *para fazel-a surgir*, verde como a esperança, n'uma anthese de tons impressionistas.

Os olhos embevecidos do Semeador, *por toda a parte*, poisavam n'um estendal tremulante de esmeraldas vivas!

Parecia que a campina do trigal verdoengo era um pedaço allucinante do sonho de Fernão Dias!...

E o *trigo* cresceu, *glauco*, ansioso de ostentar o doirado-libra das espigas maduras.

Porém, n'uma *tarde* de outomno, sêcca e merencorea, a guilhotina desapiedada da *ceifadora*, matou a illusão millionaria do trigal reverberante.

E a seara, que *fôra* uma orgia de riquezas deslumbrantes, loira como as madeixas das mulheres lindas de minha terra, tornou-se uma camara ardente, onde os cirios das estrellas illuminavam o cadaver do *trigal abatido!*

Ah! o lamento litanico das carrinholas mortuarias, carregando o esplendor *fenecido* das espigas!

Ah! o sangue-violaceo dos poentes melancolicos, que entristeciam a plethora verde das montanhas tropicaes! E a dubiedade da semeia, as esperanças da germinação, a riqueza mileumanoitesca do assazonamento, a morte tristissima da seara, tudo isso, todo esse desenrolar de ansias, *prazeres* e agonias, passou, rapido, deante dos olhos azues e grandes do estrangeiro laborioso e bom.

Mas os seus labios revelaram um sorriso de bonança, uma nesga luminosa de amor e de misericordia...

— E' que o trigal hoje morto, amanhã, depois, seria pão!

E os *lares pobres ficariam* alegres, e as almas tristes *ficariam* sadias!... E a *fome* não *faria* mais brilhar a lagrima nos olhos dos *infelizes!*...

E tudo bemdiria o labor do seu braço, a *faina* do seu emprehendimento, o massacre piedoso do trigal!

Porque havia de nascer uma nova seara de alegrias e *felicidades* nas almas dos pobrezinhos!...

Porque o doirado das espigas loiras se transformaria, elle tinha a certeza, no milagre eucharistico do pão!

Odilon Negrão.

BAZAR DE BONECAS

FEIRA DE VAIDADE E DE ELEGANCIA

BALCÃO FLORIDO

O amôr? A psychologia do amôr? Um velho thema sobre um motivo sempre novo, pelo infinito das suas manifestações e tambem das suas variações.

Agora mesmo, um livro publicado já ha annos — *La teoria del Amor*, do sr. Carlos Baires, me faz voltar para o *Balcão Florido*, desta pagina, o velho e debatido thema, tão velho como o peccado original, como a humanidade e como o coração da gente.

E como a mulher, que foi quem accendeu esse fogo — o diabo — dizem — é quem atiça adeante alguém a seu lado... um *blaguer comme il faut*, porque não ha sentimento, na vida, que se preste mais para *blagues* e para os temas mais deliciosos do que *ce vieux bon amour*.

O autor a que me refiro não é, porém, um psychologo *blaguer*, nem mesmo um *psychologue de ruelle*, como diria Nietszche. Seu livro é um interessante trabalho de investigação sobre a psychologia sexual.

O amor, sentimento unico, na sua complexidade; o amor instincto de procreação; ou o amor puro platonismo, sem a febre, a sua palpitação e o seu sensualismo — tudo isso, que os psychologos de toda a parte já têm apreciado e estudado, tambem estuda e analysa o autor de *La teoria del Amor*, que começa por distinguir, na estranha e prodiga phenomenalidade do amor, varios sentimentos perfeitamente differenciados, como sejam: o amor conjugal, ou o sentimento despertado pelo instincto de paternidade; o sensualismo, ou o sentimento provocado pelo amor physico; a affeição, sentimento derivado da sensibilidade affectivo-moral, e, emfim, o amor propriamente dito, ou sentimento creado pela attracção esthetico-sexual, a obsessão, a paixão, etc....

Dahi, então, os matizes, as tonalidades desta gamma que, ao infinito, multiplicam-se conforme as almas e os corações e, tambem, os sexos. Porque o amor … homem é differente do amor nas mulheres. "Os homens que, em geral, possuem uma rica affectividade sexual, alimentam, ao mesmo tempo, varios deses sentimentos, como o amor conjugal e o sensualismo, ou seja tambem o amor tal qual é. As mulheres, em compensação, que, de ordinario, são frias e, não raro, insensiveis, não nutrem geralmente senão um desses sentimentos: quasi sempre o amor conjugal ou a affeição. Raramente o sensualismo e quasi nunca o... amor - paixão."

MLLE. You-You Sanchez Basséres, que é uma graciosa figurinha do «grand monde» carioca, vae dizer versos na festa de caridade que se realiza hoje, no Hotel Gloria, em beneficio do Sanatorio São Paulo. Sem duvida, mlle. You-You, cujo nome é uma gracinha por si, será muito applaudida por todos os que tiverem o prazer de ouvil-a.

(Photo Nicolas)

E, de analyse em analyse, de observação em observação, chega o autor a esta conclusão, bem legitima e verdadeira, embora muito pouco do agrado das mulheres: d'ahi a razão por que o homem é geralmente polygamo, isto é, procura em diversas mulheres o que uma só não lhe póde dar juntamente. E, por esse mesmo motivo, é que a mulher se contenta e satisfaz com um só homem, que é mais do que bastante para encher a medida da sua affectividade. Isso tudo parece *blague*, mas não é. Porque, na realidade, nem sempre a mulher entende a coisa assim... Porque em materia de variedade, cá e lá mais... tentação ha. Não; continúo a pensar de accordo com o pessimismo mais humano e tambem mais verdadeiro de Thomas Hardy: o amor, instincto bestial aqui; elevação purissima ali; paixão; ternura; dedicação sublime; posse brutal, devoção ou bizarro jogo de orgulho e de vaidade, só tem, nessa gamma variada, apenas uma unica realidade — o engano, a illusão que o alimenta e que é a sua graça e o seu encanto. O amor tem tambem, para o escriptor inglez, horas deliciosas de encanto e de esquecimento; doces tormentos de esperança e de duvida, mas não triumpha nunca num senso physico de felicidade. Quando triumpha, não é mais amor — é boa e serena amizade. Quando, porém, uma feliz circumstancia permitte a fusão desses dois sentimentos, o sentimento combinado que resulta — diz Hardy — é, emfim, o unico, o só amor forte como a morte—"aquelle amor que a agua não póde extinguir ou o soffrimento abalar, deante do qual aquillo a que commummente chamamos paixão se torna uma coisa evanescente como o vapor". E é com esse amor que te amo, querida, minha adorada Boneca que estás a sortir para mim, no balcão florido de meu coração...

ESTRELLAS CADENTES

Aquella silhueta de mulher — uma silhueta que, poder-se-ia dizer, fôra traçada, fôra moldada por uma da *Mater Dolorosa* — chamava, attrahia a attenção geral.

Ali, no recolhimento e na paz do ambiente daquelle templo, aquella mulher de olhos negros e cavados parecia um symbolo vivo da angustia, de toda a angustia humana, que ella, sózinha, concentrasse e reflectisse.

E era bella ainda, apezar da sombra, da nuvem de tristeza que descerrava sobre ella o velario da sua dôr, do seu silencioso soffrimento interior.

Uma desilludida? Um coração a sangrar a sua paixão, a caminho do seu calvario?

Quem poderia sabel-o?...

Aquella prece talvez traduzisse, talvez dissesse todo o seu desespero — o desespero que a fazia, de certo, recordar, como o poeta,

Il ben passato e la presente noia.

Deante daquella estatua da dôr, tambem eu me senti, subitamente, tomado de tristeza e de angustia.

E recordei. E evoquei. E lembrei-me de ti, distante, lá, bem longe, de ti, que foste, um dia, o meu grande e doloroso amor, de ti, que me amavas até o sacrificio, até a adoração, até a loucura!

E si te dissesse que nunca te esqueci, que tambem eu tenho soffrido muito, intensa e loucamente, talvez já não me acreditasses.

A fatalidade, os mãos designios que vêm dirigindo o meu e o teu destino, entenderam, porém, separar-nos. E separaram-nos, um para cada lado, cada qual a sorver, a esgotar o calice de amargura que lhe coube no "banquete da vida".

O dolcezze perdutte! O memorie
D'un amplesso che mai non s'oblia!

Talvez te venha aos labios esse grito de soffrimento de teu pobre coração desilludido, a que o éco da minha dôr te responderá com este trecho do *Othello*:

Ora e sempre addio, sante memorie!

SORRINDO...

A utilidade das desillusões.

Ninguem dirá que as desillusões, quasi sempre tão amargas e dolorosas, possam ter a sua utilidade, sejam bemfazejas, e, mesmo, necessarias á vida.

Tão habituados estamos a recebel-as sempre mal, como hospedes importunas e indesejaveis do nosso coração, que lhes damos, como gazalhado, geralmente, o peor recanto que ahi temos. No emtanto, si as acolhessemos sempre com o nosso melhor sorriso, como quem acolhe uma irmã triste e desconsolada, bem outro seria o valor que dariamos a essas pobres desilludidas.

Foi pensando assim, talvez, que Maeterlinck escreveu: *on est souvent injuste envers les désillusions. On leur donne un visage chagrin, pâle, découragé; elles, au contraire, sont les premiers sourires de la verité.*

E adianta: "no amor, como na vida, é quasi inutil esperar, porque é amando que se aprende a amar e é com as chammas das desillusões dos pequenos amores que se alimenta, naturalmente, e com maior segurança, a chamma inextinguivel do grande amor que virá, talvez, illuminar o resto da nossa vida."

Sorrio para ti, agora, querida, a abençoar todas as desillusões, as suaves ou amargas desillusões que vieram, até hoje, alimentando a chamma do grande amor com que illuminas o resto da minha vida...

PETIT BLEU

Dizes que sou orgulhoso e egoista, que a minha apparente doçura tem, ás vezes, a rudeza de uma aresta a cortar teu coração, teu coração que eu não comprehendo tão só porque o vejo do alto do meu orgulho, despotico e dominador, fazendo-te soffrer com a frieza dos meus gestos, das minhas attitudes, e, até, do meu... carinho...

Dizes e escreves isso, tu, minha filha, tu, que és o unico raio de sol, brincalhão e festivo, que ainda enche de alegria e consolação a minha vida!

Orgulhoso, eu? Sim, si queres dizer com isso que tenho orgulho de ti e do teu amor. Egoista, isso, sim, talvez: tenho o egoismo de tudo que é teu: de teus sorrisos, de teus olhares, do teu carinho, das tuas palavras, do teu beijo, da caricia morna de tuas mãos, e até dos teus pensamentos. Mas, o amor é assim, e alguem já o definiu "um egoismo a dois"...

Orgulho? Não. Orgulho só tenho dois — o de teu amor, de hoje, e o de meu soffrimento de hontem.

Escuta: conheceste e amaste um homem intensa e continuadamente trabalhado pelo soffrimento. Um homem que só encontrou, na vida, uma fonte de agua fresca e pura onde se desalterar: a fonte de carinho da tua bocca.

A poeira dos desertos palmilhados, a amargura do desconforto e a tortura das decepções mais crueis — tudo isso, talvez, ainda me trave nos labios e te dê a impressão de que ainda ha no meu beijo uma gotta de fél do soffrimento do passado.

Adoça-a, porém, cada vez mais, e sempre mais, com a suavidade de teu carinho, e, um dia, desapparecerá esse resaibo e, com elle, o "orgulho" que me faz rude e mau ás vezes.

SOCIEDADE

Visitas — Innocencia da Rocha, a joven, formosa e notavel pianista patricia, que vem de fazer uma *tournée* triumphal pela Europa, principalmente na Italia, distinguiu-nos, segunda-feira ultima, com a captivante gentileza da sua visita pessoal a FON-FON, fazendo-se acompanhar de seu digno progenitor, applaudida e festeja-

SENHORITA Mercêdes Cunha Salgado, figura gentil da nossa sociedade.

(Photo Annunciato)

pianista proporcionou-nos alguns encantadores momentos de fina e distincta palestra.

Innocencia da Rocha, com os cumprimentos que nos trazia, vinha tambem agradecer ao FON-FON as sympathias com que acompanhámos sempre a sua brilhante carreira artistica. E nós é que lhe ficamos duplamente gratos: gratos pela gentileza da sua visita e, mais, ainda, por termos tido motivo de exalçar-lhe os meritos e applaudir-lhe o nome victorioso.

AS SEMENTEIRAS DO BEM

Externato São José — A obra fecunda e bemfazeja da boa e saudosa Irmã Paula, ora afastada do Brasil, da terra carioca, onde ella semeou o bem a mancheias, com uma suave e miraculosa prodigalidade de santa, tem tido as suas continuadoras. Pela Estrada de Damasco da Caridade, que ella abriu e encheu de sombras e de flores — sombra e gazalhado para os pobres, e flores espirituaes para conforto dos corações — outras servas de Deus vêm fazendo tambem o seu caminho, perseguindo e realizando os mesmos nobres e altos ideaes da sua querida antecessora.

E' o que está fazendo, ainda agora, a Irmã Eugenia, collocada á frente de quão fecunda nos objectivos de uma obra tão elevada que inspiram a sua finalidade: a construcção de um amplo e confortavel edificio para nelle ser installado um externato modelo onde será ministrada, officializando-se o ensino, um curso de instrucção, de educação completa e efficiente das nossas moças, capaz de attender ás necessidades da educação da mulher na sociedade moderna.

O edificio do novo externato, já bem adeantado, está sendo construido á rua Pereira da Silva, junto ao Collegio da Providencia.

Nelle funccionarão um curso primario com cinco classes para meninas e cinco outras para meninos, além dos cursos domesticos, sendo destinado um para moças da alta sociedade e dois para moças pobres. As vantagens decorrentes da introducção desses cursos domesticos no amplo programma do Externato São José, annexo ao Collegio da Providencia, são inestimaveis.

E' essa a obra, é esse o grandioso emprehendimento a que a Irmã Eugenia vem dedicando o seu esforço e a sua bemfazeja operosidade, uma obra de caridade que merece o applauso, as sympathias e o valioso concurso da população carioca.

MLLE. Marieta Relvas, a mais linda fluminense, apresenta-se aqui numa bella pose. Suggere o «estudo» de um pintor e algo de um disfarce, numa fantasia artistica de «cigana». (Photo De los Rios)

Escola de Enfermeiras D. Anna Nery — Pedem-nos a publicação do seguinte: "Com a recente inauguração do novo edificio de aulas, a Escola de Enfermeiras D. Anna Nery concluiu as suas installações modelares, offerecendo, agora, ás jovens patricias, o maximo conforto, desde as esplendidas commodidades da casa de residencia de alumnas, no edificio do ex-hotel Sete de Setembro, á avenida Ruy Barbosa 12, até as modernas salas de conferencias, laboratorios e salas de descanso do lindo pavilhão de aulas, nos fundos do Hospital S. Francisco de Assis.

Como se sabe, ás alumnas da Escola de Enfermeiras D. Anna Nery são dispensados o ensino e a manutenção inteiramente gratis, recebendo ainda, para suas pequenas despesas pessoaes, a quantia de cento e sessenta mil réis mensaes, de sorte que ás nossas jovens patricias, aquella Escola official offerece todas as facilidades para se prepararem convenientemente para o exercicio de uma das mais nobilitantes e bem remuneradas profissões femininas.

Sendo uma profissão relativamente nova em nosso paiz, a Escola de Enfermeiras D. Anna Nery não poude ainda fornecer o numero de profissionaes competentes para as necessidades da propria Saude Publica, para hospitaes, casas de saude e particulares, e escolas municipaes, onde são requisitadas para a assistencia hygienica das crianças.

Para a matricula exige-se da candidata que seja brasileira, que tenha certificado de exames preparatorios ou diploma de uma escola normal do paiz, que goze de boa saude e que tenha de 20 a 35 annos.

As candidatas devem apresentar-se á directora da Escola de Enfermeiras D. Anna Nery, nos dias uteis, das 10 ás 12 horas, á rua Visconde de Itaúna, 375, Hospital S. Francisco de Assis, onde lhes serão dadas todas as informações necessarias."

TREPAÇÕES

NOTAS INFANTIS

ARMANDO e Zelinda, filhinhos do sr. Leoncio Castro e de d. Rosemira Machado Castro, residentes em S. Luis do Maranhão, e sobrinhos do nosso confrade de imprensa Walfredo Machado.

O deputado ficou com a *onda* liberal e vae perder a sua confortavel cadeira, que rende apenas duzentos mil réis por dia.

Isto não teria grande sabor, si pudesse continuar a disputar o aconchego de um ninho côr de rosa, situado magnificamente em um dos arranhacéos da cidade.

Elle vae perder, tambem, a alegria de uma companhia galante, muito mais interessante que a dos seus collegas da Camara, e que não póde ir para a provincia.

Vamos lamentar a pouca sorte do *pae da Patria*, mas convenhamos que isto é da vida, e ás vezes acontece...

UM casal de sonhadores, em pleno seculo de utilitarismos torpes!

E' assim que elles surgem, todas tardes, pelas calçadas ermas que orlam a praia de Copacabana, logar improprio para passeios nos dias de inverno.

O casal que não teme o vento frio das pneumonias, nem a curiosidade dos passageiros dos omnibus, que se debruçam para apreciar as scenas de carinho mutuo, que elle e ella vão desenrolando aos nossos olhos, como si estivessem isolados no mundo...

Entretanto, ella devia receiar o inesperado apparecimento do marido, por aquellas bandas, e elle devia, igualmente, suppôr que é perigoso affrontar a ira de uma esposa ciumenta...

Não se deve abusar da liberdade, porque, muitas vezes, casos como este acabam no pretorio ou na mesa do necroterio...

A principio, ella dizia que experimentava pelo rapaz uma simples sympathia. E para afastar a hypothese de que essa sympathia pudesse ser interpretada de modo diverso, a linda morena declarava ás suas amigas: "Bem sabem que sou noiva..."

Depois, o noivo foi para fóra. A sympathia pelo rapaz continuou, como dantes. Um dia, ella veio a saber que o rapaz estava todo inclinado para uma sua rival ou ex-rival.

— Será possivel? — admirou-se.
E a pessoa informante:

— Mais que possivel. No chá-dançante de tal obra de caridade ella só dançou com elle.

A morena mordeu os labios e as suas palpebras tremeram.

Pediu-lhe explicações. O moço ficou boquiaberto.

Agora, o resto é vertiginoso: ella rompeu com o noivo, que estava fóra; o rapaz brigou com a ex-rival da morena. E, já agora, segundo se murmura, nas rodas de arte e elegancia, elles dois estão constituindo um "caso serio"...

A viuvinha parece que resolveu esquecer, de vez, o defunto marido. Moça e bonita, não deve certamente ficar no borralho, chorando as magoas da vida, eternamente. O companheiro, não faz muito tempo, partiu para a viagem desconhecida...

Ella ficou só, e resolveu espantar as tristezas do seu isolamento de viuva, voltando á sociedade onde a gente se diverte...

E, com um lindo sorriso brincando-lhe nos labios, viva, mui galante, a viuvinha dança, faz cina, prende corações, dando a impressão de que é a creatura mais feliz do elegante bairro aristocratico.

QUANDO o conhecido medico chegava em casa, cansado de attender aos numerosos doentes que o procuravam, Madame logo lhe ia perguntando se tivera muitas consultas, se tinha tido tambem alguma cliente...

— Mulheres, não, filhinha, nem uma; mesmo: Que tolice, a tua!

— Sim, é o que tu sempre me dizias e eu, tola, acreditava. Hoje, porém, posso desmascarar-te!

O travesso Francisco José, filhinho do sr. Gervasio Pires de Castro, de Parnahyba, Piauhy.

— Desmascarar-me? Como? Estarás louca, minha querida?

— Louca?! Sim: antes o estivesse. Uma "doente" que hoje te procurou e a quem acabaste querendo beijar..., era uma pessoa contractada por mim e agiu de accordo commigo. Sei tudo! Ella contou-me tudo! (Cáe o panno)

A MULHER CHIC — Miss Juliette Compton é quem ostenta essa linda «toque» em fita de setim, numa nuance «vison». O modelo é de Jean Patou.

(Photo Luigi Diaz — Paris — Especial para FON-FON)

O sr. Carlos Salgado e sua exma. esposa, d. Laura Gurgel do Amaral Salgado, commemorando o 25.° anniversario de seu enlace, fizeram celebrar uma missa em acção de graças, que se realizou na egreja de Nossa Senhora do Carmo. Esta photographia foi tomada após essa cerimonia religiosa.

FILIGRANAS

As encyclopedias contam que o duque de Wellington podia passar varios dias sem dormir. Com o inventor Edison, na sua mocidade, dava-se a mesma coisa. O phenomeno é tanto mais notavel quando se sabe que resistir ao somno é muito mais difficil do que resistir á fome ou a séde. E até foi supplicio applicadissimo na antiguidade a privação de dormir.

Entretanto, seria optimo para a humanidade si não dormisse, pois não perderia tanto tempo util ao trabalho e á acção. Seria optimo si não perdêsse ella com o somno algumas das mais deliciosas horas da vida: a do esquecimento...

A disputa do campeonato de xadrez em São Paulo. Um expressivo flagrante da partida que se realizou no Club Commercial, daquella capital.

UMA ADMINISTRAÇÃO OPEROSA E FECUNDA

O GOVERNO DO CEARÁ ATRAVÉS DA RECENTE MENSAGEM DO PRESIDENTE MATTOS PEIXOTO

UM espirito novo, uma orientação mais esclarecida, mais consentanea e condizente com os interesses geraes dos Estados e da Republica, anima e norteia, em algumas unidades da federação brasileira, a acção intelligente, patriotica e fecunda dos seus dirigentes. E' o que se observa na actual administração cearense, confiada ás inspirações e ás luzes de um estadista novo, que se vem revelando ao paiz um homem publico "comme il faut" — o sr. Mattos Peixoto. Seus actos, toda a sua intelligente actuação no exercicio das elevadas funcções que lhe foram, em bôa hora, conferidas, reflectem a melhor e a mais completa affirmação de que a confiança de seus conterrâneos teve em s. excia. o mais legitimo e autorizado depositario.

S. excia. o sr. dr. J. Carlos de Mattos Peixoto, presidente do Estado do Ceará

Collocando-se á altura das responsabilidades que lhe foram commettidas, o presidente Mattos Peixoto vem offerecendo aos homens publicos patricios um exemplo digno de ser imitado. A impressão que se tem da leitura da recente mensagem apresentada por s. excia., em 11 de junho ultimo por occasião da 1a. sessão ordinaria da decima legislatura do Ceará, autoriza essa conclusão. Essa importante peça politica, fugindo ás normas communs do palavrorio ôco, do artificio pyrotechnico que enfeita, geralmente, os documentos dessa natureza, chama, desde logo, a attenção, pela exposição franca, succinta, clara e despretenciosa, que faz, de todos os actos da administração cearense no ultimo exercicio.

Do que tem sido a salutar politica de reconstituição financeira e estimulo economico, adoptada e praticada, sem alarde, pelo illustre chefe do executivo cearense, nos varios departamentos da actividade estadual, dizem bem os seguintes trechos da sua mensagem:

SITUAÇÃO ECONOMICA

Agricultura — E' a agricultura o maior factor da riqueza do Estado e a melhor fonte das rendas publicas. Os dados estatisticos que se seguem, demonstram cabalmente esta affirmativa.

Annos	Total da exportação	Contribuição agricola	Perct. da C. A.
1919	32.400:977$144	22.719:407$884	70,1
1920	24.787:350$527	17.487:669$353	70,7
1921	28.370:815$629	23.091:839$961	81,3
1922	49.554:430$791	41.611:223$295	83,9
1923	87.256:615$006	78.735:692$976	90,0
1924	54.227:788$974	49.392:717$839	91,0
1925	61.801:013$093	54.683:036$893	88,3
1926	42.120:456$887	35.510:913$527	84,2
1927	56.040:593$563	47.101:796$558	84,1
1928	61.722:192$302	49.239:268$550	79,7

São estes os dados referentes á contribuição da pecuaria na exportação estadual, nos dez ultimos annos:

Annos	Total da exportação	Contribuição da pecuaria	Porct. da contrib.
1919	32.400:977$144	9.631:807$900	29,7
1920	24.787:350$527	6.699:823$559	27,0
1921	28.370:815$629	4.616:183$514	16,2
1922	49.554:430$791	6.616:659$252	3,3
1923	87.256:615$006	7.781:714$110	8,9
1924	54.227:788$974	4.261:918$805	7,8
1925	61.801:013$093	7.100:704$950	11,4
1926	42.120:456$887	6.605:141$260	15,0
1927	56.040:593$563	8.934:590$010	15,9
1928	61.722:192$302	12.480:822$952	20,2

SITUAÇÃO FINANCEIRA

A receita do exercicio financeiro de 1928 foi orçada em 12.849:961$391; a arrecadada foi de 14.381:085$614. Houve, portanto, um excesso de arrecadação de 1.531:124$283.

Os diversos titulos da receita, em geral, apresentam, em 1928, augmento, si comparados com os de 1927, como se vê:

TITULOS	Arrecadação de 1927	Arrecadação de 1928
Exportação	5.360:712$115	5.686:559$050
Industria e profissão	1.760:980$106	1.896:861$234
Consumo	910:012$480	1.003:525$890
Predial	884:966$080	897:505$800
Gado abatido	794:873$800	849:407$800
Agua e esgôto	181:973$191	633:327$899
Transmissão de propriedade	583:186$817	607:131$048
Sellos	301:084$186	375:594$950

....

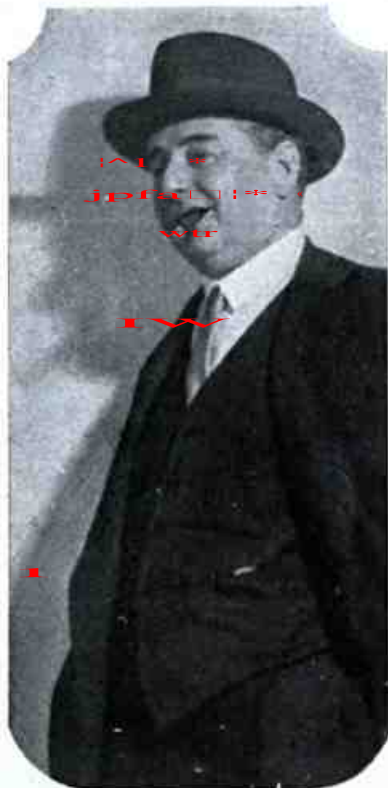
A importancia destes algarismos avulta, se não esquecermos que o anno de 1928 em nada foi superior ao de 1927, sob o ponto de vista economico; antes, lhe foi inferior."

Os quadros acima são um demonstrativo irrecusavel de que a acção economico-financeira do actual governo cearense vem se realizando não só com segurança mas tambem de modo efficiente á vida geral do Estado.

Varios outros departamentos da actividade publica do Ceará têem merecido do illustre chefe do Estado a mais solicita e cuidadosa attenção: a instrucção publica primaria, por exemplo, que tem sido objecto das melhores preoccupações do seu governo.

Ultimamente, conforme autorização legislativa, foram creadas cem novas escolas no Estado e é com justo desvanecimento que o presidente Mattos Peixoto assignala, na sua mensagem, o seguinte:

"Cumpre pôr em relevo que o Ceará se tem collocado á vanguarda dos Estados que mais se interessam pela instrucção, pois só com o ensino primario despende annualmente mais de um decimo de suas rendas."

::: PAINEL DE AZULEJOS :::

ADOLPHO Rothkoff é um velho conhecido nosso, porque todos os annos nos traz uma novidade theatral de Paris. Pela sua mão nos visitaram, entre outros grandes nomes do cartaz, Anna Pavlowa, Signoret, Dorziat, Randall, Mistinguett, Maud Loty, Betty Daussmond, Paul Andrel, André Dubosc, Milton, Alice Cocea, Christiane Dor, Marguerite Thibault. Agora, Adolpho Rothkoff nos traz a grande companhia de Opera Russa, que dentro de breves dias deverá estrear no Municipal. Uma nota interessante: Rothkoff, que além de empresario, é jornalista, já escreveu um livro sobre o nosso paiz, do qual é grande amigo.

OS SEMEADORES DE CINZAS

Olhando com um sorriso de ironia a paisagem da vida, Charles Guérin escreveu estes versos no portico do seu admiravel Le Semeur de cendres:

Moi, je suivrai l'exemple heureux [d'un laboureur
qui va, portant de cendre une [besace pleine:
il la lance aux sillons luisants, [et son labeur
avant d'ensemencer fertilise la [plaine.

E' o que fazem todos os homens de espirito que descem a ladeira final da existencia. Com as suas dores, as suas amargas experiencias, os seus desencantos, as suas tristezas e desillusões, elles vão semeando cinzas, somente cinzas sobre seu caminho. Porém ellas adubarão a gleba da vida e, por causa dellas, germinarão melhor as sementes que os annos ainda cheios de esperanças e illusões vêm atirando ás mancheias nas leiras abertas, com aquelle gesto augusto que se estendia ás estrellas e Victor Hugo magistralmente cantou num crepusculo sombrio...

Bemditos, pois, os semeadores de cinzas!

* * *

Mas é dentro, bem lá dentro do seu coração que essas cinzas fertilizam melhor o sólo onde cahem. Eis porque o poeta rimou esta quadra:

Et si tendresse, amour, douleur, [revolte et foi,
si dans mes vers un peu de [l'homme se resume,
un jour j'aurai l'orgueil d'enten- [dre autour de moi
des fils puissants monter de ma [pauvre amertume.

O homem integralmente se resume na ternura e no amor que espalhou, na tortura e na dôr que soffreu, na revolta e no desespero que o agitaram, e na fé e na esperança que o animaram. E das cinzas fertilizantes de tudo isso é que nasce, vigorosa, a vida interior — apanagio dos fortes, orgulho dos incomprehendidos, consolação e defesa dos desencantados.

Bemditos, pois, os semeadores de cinzas!

* * *

Cinzas da Vida! Recordações, experiencia, saudades, gratidão e enlêvo. São ellas o unico thesouro dos sensiveis, dos sentimentaes. Como é delicioso possuil-as aos montões, para tiral-as de dentro de si mesmo e espalhal-as no ar luminoso, á hora do seu crepusculo, ás mancheias, orgulhosamente sorrindo como o queria o grande poeta do Centauro:

Ainsi mon age ardent ayant mar- [qué sa fin
par un flocon d'azur, là-haut, qui [s'évapore,
j'en crible la poussière acre et [douce, et ma main
dans les coeurs large ouverts la [repand, chaude encore.

Bemditos os que, assim, podem fertilizar as almas com o pollen gris do seu espirito!

Bemditos, pois, os semeadores de cinzas!

As cinzas das nossas aspirações e dos nossos desejos, dos nossos odios e das nossas ternuras, dos nossos pensamentos e dos nossos sentimentos não são como as dos cadaveres, que a mão ciosa da familia encerra nas urnas funebres de lioz, de onyx ou de bronze. Empilhadas no coração, á menor brisa sussurrante da emoção, ellas rodamoinham, voluteam, farandolam e se espalham, indo cahir em outros corações que possam recebel-as. E vão, assim, pelo mundo a fertilizar almas, fazendo florir risos nos labios e marejar aguas nos olhos com um estranho poder de evocação que nada iguala. Poetas e prosadores, artistas de toda a especie, raça luminosa de Apollo, os semeadores de cinzas não as guardam egoisticamente no fundo do seu eu. Antes, generosamente, as gastam para, orgulhosas das messes produzidas, reviverem seu espirito no espirito dos outros.

Bemditos, pois, os semeadores de cinzas.

D. JAYME

O dr. Eugenio Pirajá Esquerdo Curty, residente em Além Parahyba, Minas, é advogado e industrial. Naquella cidade, é uma figura de destaque, que se impõe á admiração de todos os que o conhecem. E uma prova disso teve s. s., por occasião do seu anniversario, que transcorreu no dia 7 do corrente. O dr. Curty, que foi muito homenageado, está indicado para exercer na politica de sua terra um logar proeminente e attendendo ao seu grande prestigio e ás suas nobres qualidades moraes e de espirito.

DO MEU DIARIO

De Marilda Palinia

Estás longe, é verdade, mas nunca te sinto mais perto, mais presente, como quando meus olhos te buscam em vão.

E' que, longe de ti, já não vivo por mim, nem para mim. E's tu que vives em mim, dentro do meu coração; és tu que me transformas e animas, debruçando-te nos meus olhos nostalgicos, para contemplar a vida e as cousas através a bruma lilás das recordações.

E a saudade tua fica á espreita, alerta e vigilante, nas portas dos meus cinco sentidos, para que nada, nada, perturbe o silencio de minh'alma triste, que é como um templo deserto e fechado, onde as sombras amortalham a dourada imagem de um idolo.

*

Volta logo, bem amado; volta, que eu definho de saudades minhas: saudades da minha Alegria, saudades da minha Liberdade!

*

Volta logo, bem amado; volta, para que minh'alma, liberta de tua Saudade, possa, emfim, gozar o prazer de vêr, ouvir, sentir...

Porque, longe de ti, só sei amar... o meu Amor e viver... a minha Saudade!

. . .

CANDIDO Duarte acaba de nos dar o seu primeiro livro: «Quem é o Pae?» Trata-se de uma novella movimentada e moderna, escripta com graça, singularmente interessante.

Candido Duarte, publicando o seu livro de estréa, firmou-se definitivamente entre as escriptores da geração nova, que mais se destacam pelo tallento e pelo conhecimento da lingua.

«FON-FON» EM PARIS

O dr. Pauchet, com alguns medicos brasileiros, na «Clinique Saint Michel», em Paris. Entre outros, apparecem ahi os drs. Abel Porto, Arsenio Tavares, Nelson Pereira, Edmundo Berchon, Darcy Xavier, Costa Campos, Fonseca Lima, Aristides Ferreira, Homero Fleck e Victorino Soares Condeixa Filho.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo-film da Cidade

MELINDROSA zangou-se commigo — zangou-se e parece que brigou para sempre — porque disse, nesta secção, que a fidelidade della era como a das folhinhas de hera que ella, como vendeuse, ia pregando a todas as lapellas que encontrava.

Ora, como vêem os senhores e as senhoras que não são nem almofadas nem melindres, o motivo para ce fachement não existia. Ahi está o que se poderá chamar um excessivo melindre de sensitiva: Melindrosa zangada, amuada, jururú, etc., somente porque eu tivesse dito (tivesse dito, não, escripto, que é coisa bem differente) que ella é fiel como uma folha secca e colla ao vento. O grande insulto, o grande desaforo dizer-se a uma mulher que a variedade é o seu genero!

E isso no papel, que foi feito para aguentar tudo!

Emfim, a verdade nem sempre deve ser dita ou mesmo escripta...

* * *

A certeza, porém, a prova provada de que não adeantei uma inverdade, de que acertei no alvo, no ponto sensivel, é que ella deu o estrillo e rompeu commigo e anda a procurar captar as sympathias de Jacob, numa positiva e franca demonstração de despeito.

E' uma mulher despeitada, segundo apurei nas minhas observações psychologicas, é como quem diz... uma mulher revelada, uma mulher que está com a alma e o coração em trajes de Adão e Eva.

* * *

NÃO duvidem. Provoquem uma mulher até o despeito, se querem descobrir o que ella é... na sua realidade mais concreta, positiva e palpavel.

Uma mulher em estrillo, é uma mulher em forme de nudité de alma e de coração, em optimas condições de observação psychologica.

* * *

E já que esta questão de toque está em moda, o toque de Asuero, por que toda mulher se revela e grita o que ella é, está na razão directa da sua idade, da sua belleza e da sua sinceridade. Sobre esses tres pontos sensiveis assenta todo o mecanismo da sua complicada psyché: diga-se-lhe tudo que vier á cabeça, que ella permanecerá insensivel ou indifferente, desde que não se tenha dito que ella é velha, ou feia, ou voluvel como "uma folha ao vento". Ahi, então, ella estrilla, quer queira, quer não, porque é da sua naturaleza assim proceder, e está na massa do seu sangue, no seu instincto mais profundo e primitivo, o repellir, desabridamente, qualquer verdade que lhe fira, mesmo de leve, a pelle sensibilissima da vaidade de sempre querer ser o que raramente é...

* * *

ORA, meu bom Deus de Abrahão, por onde vou eu enveredando — eu, Esaú, que só amo Melindre por ella ser assim, como é impulsiva, leviana, mariposa — mulher, emfim, uma coisa com quem a gente conta hoje e adormece quasi certo de não mais a encontrar amanhã!

* * *

MELINDRE, meu amor, tudo isso que estou a dizer é dos labios para fóra; é apenas da ponta indiscreta desta penna para este pedaço de papel, uma conversa fiada como outra qualquer, que eu repito por ter ouvido dos outros, como este que escrevi em latim: ... Varium et mutabile semper femina, que quer dizer, mais ou menos, que a mulher sempre é inconstante e dá a vida por uma variaçãozinha, e este outro, que ainda disse mais, em italiano:

Femina é cosa garrula e
[fallace.
Vuole e disvuole: é folle
[uom che sen fida.

O que, traduzido, significa mais ou menos isto: mulher é coisa garrula e fallaz, que quer e não quer, e é louco o homem que nella se fiar...

ESAÚ & JACOB.

Dr. José Pires Sexto.

* * *

O FUTURO GOVERNO DO MARANHÃO

JA' foram escolhidos os candidatos á successão presidencial do Maranhão no quadriennio que se inicia em 1930. O nobre Estado do Norte, que está sendo administrado pelo illustre commandante Magalhães de Almeida, terá como futuro director dos seus destinos o dr. José Pires Sexto, moço de 38 annos, magistrado de valor, cuja brilhante carreira publica se tem processado dentro da sua terra natal. Para vice-presidente foi indicado o senador Bricio de Araujo, ora prefeito de São Luis. A chapa maranhense, constituida por nomes notaveis na politica daquella grande terra, recommenda-se á opinião publica.

* * *

Senador Bricio de Araujo.

O Circulo de Paes e Professores do Grupo Escolar Affonso Penna promoveu, domingo passado, nos salões do America F. C., uma vesperal artistica e dançante em beneficio de sua Caixa de Soccorros. Entre as figuras que tomaram parte na hora de arte que deu inicio á festa, sobresahiram, com um numero desopilante, o grande e popular Procopio Ferreira, que apparece numa das photographias aqui estampadas, e a illustre poetisa sra. Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça.

Tentação Chineza

Amo-te pela belleza,
Que é toda do meu agrado,
Dos teus olhos de chineza
De recorte amendoado.

Desses olhos, debil preso,
Vivo desassocegado;
E acabarei, com certeza,
Chinez naturalizado...

E como em frege chinez,
Chupo laranjas da China
E escrevo a tinta Nankin...

E sou constante freguez
Do chim que vende, na esquina,
Tijolos de amendoim...

J. V. Martins

LINDA, sob todos os aspectos, foi a hora da arte que se realizou na ultima terça-feira, nos salões do Atlantico Club. Nessa «soirée» artistica, que foi organizada pela escriptora Mercedes Dantas, tomaram parte varias figurinhas da nossa alta sociedade, como: senhoritas Fiordalina Guimarães, Hettia Barroso, Ayrde Martins Costa, Maria Antonia Cortez, Alda Martins, e o nosso companheiro Bastos Portella, Raul Machado e Bento Martins.

PROFESSORINHAS...

Menina de olhos redondos
e labios "rouge"-coral,
que aprendeste inglez, francez,
geographia
geometria,
sociologia, talvez,
talvez, moral
e outros misteres "hediondos"
do curso educacional
desse delicioso apiario,
ou casa de maribondos
que é a nossa Escola Normal,
menina, minha belleza,
céo dos meus olhos, calvario
dos meus desejos, menina,
você não viu, com certeza,
nem mesmo agora imagina
(e isso é o menos, não faz mal)
que aquelle mocinho abstracto,
que no "omnibus," outro dia,
foi com você, da Avenida
á curva da Amendoeira
— Já se lembra? facto é facto...
tanto olhou para você
com olhos de uncção sentida
que tirou o seu retrato
e o gravou (que brincadeira!)
na alma, para toda a vida.

Sim. E' dessas brincadeiras
que nasce o amor... Deus nos livre!
— Um mirada... Ou s' ennivre...
Deixemos de bebedeiras.
Você ia distrahida
lendo (e lê o de que gosta)
as "Paginas Brasileiras"
victoriosa anthologia
com que mestre Nelson Costa
joven mestre-professor
reuniu e poz em dia
numa excellente selecta
— prosa e verso — una e completa
num resumo encantador
tudo o que em literatura
vale e perdura
pelo seu proprio valor.

Quando chegou a uma pagina
em que meu nome está escripto,
você tremeu, ficou pallida,
ia quasi dando um grito,
cahiu-lhe o livro das mãos...
Quiz intervir. Mas, arisco,
timido, ousei gestos vãos.
Acordei... era o Mourisco
e ouvi o recebedor:
— si segue viagem, senhor,
pague mais "quatro tostões"...

LEÓ FÁBIO

A Escola Normal de São Paulo acaba de commemorar o 49.º anniversario de sua fundação. E as jovens paulistas que cursam aquelle estabelecimento, solennizando a grande data, reuniram-se numa festa rutilante de sorrisos e espiritualidade.

FELICIDADE

Estava um pobre velho a chorar amargamente, sentado á beira de uma estrada.

Nisto, approximou-se delle um vulto aureolado de luz. E perguntou-lhe, docemente, com vóz mais suave do que o trinado dos passaros:

— Que tens? Por que choras?

O pobre velho ergueu a cabeça,

ELY, filhinha do sr. Sylvio Gusmão e de d. Maria Amelia Lassance.

* * *

e fitou o vulto aureolado de luz. E respondeu, entre soluços:

— Eu ando á procura da Felicidade. Busco-a, sem descanso, ha muito tempo. Percorri longas estradas. Atravessei innumeras cidades. Venci distancias consideraveis.

Nunca pude, entretanto, encontrar a Felicidade. Andei muito. A jornada foi longa. E agora estou fatigado, exhausto...

O pobre velho enxugou as lagrimas que lhe corriam pelas faces engelhadas. O vulto aureolado de luz perguntou-lhe:

— E pretendes continuar a jornada?

— Ah! receio que não poderei ir mais adeante — respondeu o pobre velho. Sinto-me tão desanimado! E, além de tudo, já me faltam as forças. Parece, até, que tenho um grande peso sobre os hombros...

Só então, reparando melhor, o pobre velho reconheceu o vulto aureolado de luz. E fitou-o, deslumbrado.

Muito meigo, com a voz mais suave do que o trinado dos passaros, Jesus (o vulto aureolado de luz era o filho de Deus...) assim falou, então, ao pobre velho:

— Andaste muito, bem se vê...

JUVENAL Pimentel, nosso collega de imprensa e chefe da propaganda do Moinho Inglez, será homenageado pelos seus amigos, no proximo dia 13, por motivo de sua data natalicia.

POR occasião da solennidade inaugural da «Casa Yankee», novo estabelecimento commercial que a firma J. Dutra & Carvalho acaba de installar magnificamente á rua Gonçalves Dias, 9, nesta capital, o menino Celio de Carvalho Dutra, filho de um dos chefes da mesma firma — o sr. J. Dutra — recitou as duas quadras que publicamos a seguir, e que revelam uma admiravel precocidade de espirito numa criança de apenas tres annos e meio de idade:

Resurgiu a «Casa Yankee»
No logar da «Macahé».
Uma «Yankee» toda chic
Do papae, do ti' José...

Parabéns! Q'uisto progrida
O prazer é todo meu...
Quero ver, d'aqui a uns annos,
Uma «Yankee» arranha céo...

Cansaste-te, porém, inutilmente. Aqui, na terra, procurarás em vão a Felicidade. Tu nunca a encontrarás! Mas, levanta-te daHi. Vem commigo! Eu te levarei aonde existe a Felicidade. A unica e verdadeira Felicidade a que os sêres humanos podem aspirar...

Ergueu-se o pobre velho, dispondo-se a seguir Jesus. E este, num halo de esplendor, arrastou-o do cemente para o espaço.

RONALDO, filhinho do sr. Jayme de Azevedo e de d. Luisa Gonçalves de Azevedo.

* * *

E foram ambos a caminho do céo por uma estrada de luar, através da noite cheia de estrellas...

MANOEL MOREYRA

FILIGRANAS

Conversando uma feita com o grande Ticiano na ponte do Rialto, o "divino" Aretino mostrou-lhe alguns populares que espalhavam pamphletos contra o imperador da Allemanha, que tinha grandes e graves interesses na Italia. E disse-lhe:

— Sua Majestade, vae dar-me uma baixella de oiro macisso.

— Como!? indagou o pintor, espantado na sua ingenuidade de artista, si o atacas nesses papeis?...

O pamphletario sorriu e replicou:

— Sua Majestade dará o oiro para que essa distribuição se não reproduza...

Olhemos para o Brasil hoje e veremos que os jornalistas aprenderam muito bem a lição de Aretino, o *flagello dos principes*, e são, pelos mesmos processos, os flagellos dos erarios municipaes, estadoaes e federaes...

Um flagrante da cerimonia inaugural das usinas da Companhia Salicola Fluminense, em Araruama.

UM ACONTECIMENTO EM ARARUAMA

COMO A COMPANHIA SALICOLA FLUMINENSE INAUGUROU SUAS USINAS DE BENEFICIAMENTO

COMPARECERAM O PRESIDENTE MANOEL DUARTE E SEUS AUXILIARES DE GOVERNO

* * *

INAUGURARAM-SE, ha dias, em Araruama, no Estado do Rio, as usinas de beneficiamento da Companhia Salicola Fluminense, melhoramento notável não somente para uma zona, sinão para toda a terra fluminense. Serão, assim, aproveitadas convenientemente as grandes salinas alli existentes e que constituem a immensa riqueza daquella rica região do Estado do Rio.

O presidente Manoel Duarte, cujo governo se vem assignalando pelo interesse com que s. ex. vem acompanhando e auxiliando os surtos da industria fluminense, esteve em Araruama, especialmente, para assistir e presidir á cerimonia inaugural das importantes usinas de beneficiamento de sal da Companhia Salicola Fluminense. Um trem especial conduziu s. ex. até aquella cidade. S. ex. e mais cerca de 150 convidados, inclusive seus auxiliares de governo, e que formavam a comitiva do presidente Manoel Duarte.

Chegados alli o chefe do executivo fluminense e sua comitiva, foram prestadas varias homenagens ao dr. Manoel Duarte, que, respondendo a discursos, salientou o grande progresso que verificou em Araruama e enalteceu os promotores daquelle excepcional desenvolvimento, referindo-se notadamente ás realizações da Companhia Salicola Fluminense.

E' foi assim que Araruama, a prospera cidade fluminense, assistindo á inauguração das usinas da Companhia Salicola Fluminense, teve um dia festivo com esse acontecimento e com a visita do presidente do Estado do Rio, dr. Manoel Duarte.

Aspecto do grande banquete que os directores da Companhia Salicola Fluminense offereceram ao presidente Manoel Duarte e comitiva, na residencia do prefeito de Araruama.

O SIGNAL

HENRY DUVERNOIS

notícia correu logo todo o sanatorio, nos cochichos das enfermeiras.

— O marido da moça do 19 está ahi!...

— O senhor Mulette?...

— Sim. O senhor Mulette.

— Santo Deus! O director já sabe?

— E' preciso arranjar tudo immediatamente... Senhora Honorata, si lhe perguntar, diga-lhe que se trata de um kisto.

O senhor Mulette esperava no salão, fumando para dominar sua impaciencia. Era um homem vigoroso, de uns cincoenta annos, um pouco calvo e com bigode grisalho. Parecia o burguez mais pacifico do mundo si sua pelle não estivesse queimada pelo ardente sol africano. Regressava inesperadamente, depois de uma ausencia de quatorze mezes, e só encontrára em sua casa a criada, que apenas soube dizer-lhe, embaraçada: "A patrôa adoeceu e levaram-na daqui."

Elle teve que se exaltar, ameaçar, chegar quasi á violencia, para que lhe dessem o nome e o endereço do sanatorio, para onde se dirigiu sem demora, tremendo de inquietude. Fizeram-no passar ao salão e alli entretinha sua angustia olhando, sem ver, o jarro de máo gosto, com sua planta rachitica, os moveis pretenciosos forrados com velludo vermelho, as revistas espalhadas sobre a mesa, aquella decoração de hotel, vulgar e triste.

Não mais podendo supportar a espera, sahiu e chamou um enfermeiro:

— Quero ver minha esposa!... Ouviu?

E batia com a bengala o mosaico do vestibulo.

— Chame o director — ordenou.

O director appareceu em pouco e, inclinando-se cortezmente, disse:

— Quer seguir-me, senhor?

Mulette interrogou-o, com um ligeiro tremor na voz:

— Que ha, doutor? Ella já está curada?

O medico deu explicações: a senhora Mulette soffria de um kisto e houvera necessidade de operal-a urgentemente. Agora, já passou o perigo e póde estar tranquillo: a convalescença segue seu curso normal.

— E' verdade, doutor? O senhor não me occulta nada?

— Absolutamente.

— E eu posso vêl-a?

— Agora mesmo. Mas não lhe permitto mais de dez minutos de conversação. A enferma está ainda muito fraca.

Uma especie de canastro com rodas, cheio de instrumentos cirurgicos, os obrigou a afastar-se. O senhor Mulette novamente falou:

— Ah!... E' o mais doloroso dessas longas viagens. Não se sabe nada. Fica-se tranquillo. Entretanto, chove uma catastrophe sobre a familia. E não ha mesmo perigo, doutor? Está certo disso?

— Absolutamente nenhum... Vamos ver... Numero 19... E' aqui.

O medico bateu e logo a porta se abriu:

— Senhora, seu marido está aqui. Não quiz que a senhora deixasse de vêl-o, mas lhe recommendo que fale pouco, e não se agite... Entre, senhor Mulette.

— Minha Lucia! — exclamou Mulette, enternecido.

Entretanto, o doutor chamava a enfermeira e dizia-lhe:

— Alerta!... Maldito homem!... Que necessidade tinha de cahir-nos em cima, quando menos se esperava?... Não será preciso receiar algum descuido?

— Não, doutor. Todos estão convenientemente avisados e tudo irá muito bem. De resto, esse homem parece de boa fé e não desconfiará. Mas, si o senhor a visse quando lhe annunciei que seu marido estava aqui!... Julguei que ia ter uma syncope. E dizia: "Elle tem um genio violentissimo. Matar-me-á na certa!..." Claro!... Si é joven, si joga sem prever as consequencias e depois...

Mulette permanecia ao lado da esposa, impressionado pela penumbra e estreiteza da alcova.

— Como te encontras, Lucia?

— Bastante melhor... E tu, Fernando, quando voltaste?

— Cheguei hoje... Não podia mais... Um presentimento!... Quiz dar-te uma surpresa e apressei a viagem. Pobre Lucia!... E isso te deu assim, de repente?... Por que não me avisaste, em tua ultima carta, que te sentias mal?... Chego em casa e encontro tudo desordenado. Essa idiota da Hortensia não queria dizer-me o endereço do sanatorio... Emfim, já estás melhor e isso é o essencial. Trago-te cousas muito bonitas, sabes?... Um cofrezinho cheio de perolas... Fazendas bordadas... Plumas maravilhosas... Has de ver, quando estivermos em casa. Soffreste muito, meu amor?

— Sim.

— Bem. Não se deve pensar mais nisso. Agora, é encommendar vestidos e chapéos, é deitar a casa pela janella... Ganhei muito dinheiro... Mudar-nos-emos... Um montão de projectos! Posso beijar-te... suavemente... assim, na fronte?... Ah, minha querida!

Levantou-se, sorvendo lagrimas de emoção, gaguejando phrases ternas. De repente, calou-se e empallideceu: acabava de ver, sobre um movel, um biberão meio vazio de leite. E não podia afastar seu olhar daquillo, esquecido ali em um instante de precipitação. A senhora Mulette lançou um suspiro suffocado. Seus olhos supplicantes, cheios de remorsos, de temor, de impotencia, iam de seu marido áquella prova accusadora... O senhor Mulette ficou rigido, e exclamou:

— Vamos!... Então só tomas leite?... E em um biberão!... Não sabem mais o que inventar esses medicos de agora!... Aliás, não me parece má idéa... Tens sêde?

Percebeu um sim suffocado. Tomou o biberão com suas mãos tremulas e o levou aos labios exangues da esposa. Mas a enferma não poude beber: seus dentes castanheteavam.

— Deixo-to ahi perto de ti. Assim o encontrarás sem difficuldade... Bem. Não quero abusar pela primeira vez. O doutor não ficaria satisfeito... Portanto, me vou já! Como estás nervosa, minha Lucia! Toma! Depois de uma operação, não é de estranhar...

— Voltarás?

— Naturalmente... Pensas, então, que te vou deixar, minha queridinha?... Nunca! Até á volta...

— Não me dás um beijo?

— Sim.

Elle inclinou-se. Beijou a fronte humida da enferma. Depois, apertou-lhe as mãos pequenas, geladas...

— Até amanhã.

Fechou suavemente a porta. Gritou á enfermeira:

— Acho que a enferma precisa da senhora!

E sahiu em disparada, esquecendo-se de pôr o chapéo. Desceu aos saltos a escada, passou sem corresponder ao cumprimento inquieto do director, enfiou por um interminavel "boulevard" e, por fim, se deixou cahir em um banco. Um sobresalto de furor o ergueu. Pensou em voltar á cabeceira de Lucia, interrogal-a. Saberia... E depois...

Os transeuntes o olharam. Agora, mais calmo, se accusava: em suas perpetuas viagens, não houvera apenas o desejo de ganhar dinheiro, de proporcionar a Lucia uma existencia faustosa e dourada. Não. Houvera, tambem, outra cousa: nostalgia de aventuras e ainda uma ansia de solidão que o atirava fóra do lar, a despeito da doçura e da belleza daquella companheira, escolhida numa tarde de lassidão em que elle acreditára poder, afinal, assentar seu espirito e viver a vida dos outros. Sózinha, ella devia ter tido necessidade de lutar. E não cedeu sinão ás astucias pacientes de algum malvado sem escrupulo. Adivinhava um triste prazer, amargurado

O SIGNAL

(Conclusão)

pelas lagrimas, pelos remorsos e, afinal, pela surpresa, quando lhe annunciaram a chegada do esposo, quando o proprio esposo vira aquelle biberão esquecido...

Ora! Iria outra vez. Já se havia dominado. Continuaria. Não seria elle um marido como outros. Com o coração tranzido, repetia: "Minha queridinha, minha queridinha!", como si realmente ella não tivesse culpa alguma. Só soffria de piedade. Sua dôr, com muito de fraternal, fazia mais do que perdoar: desculpava.

Quando Lucia se restabeleceu, elle annunciou uma nova viagem de dois annos. Installou sua mulher em um hotel discreto, occulto entre bellas arvores. "Ali ella poderá receber seu filho" — pensou. De repente, quiz correr, abrir-lhe os braços, receber sua confissão. Mas ella morreria de vergonha. Não teve coragem para perturbal-a no momento em que ella recuperava a confiança. Deixou-a mais bella que nunca, deslumbradora de saude, louca de gratidão. Quando partiu, ella, num impulso instinctivo, lhe beijou a mão.

E em quatro annos elle não voltou sinão duas vezes, nem se deteve mais de tres semanas, pretextando importantes negocios. No emtanto, havia envelhecido. Sentia-se fatigado, pesado, com todo o peso de um segredo. Mas elle esperava, para regressar definitivamente, que toda paixão fosse afugentada de seu coração. Finalmente, um dia, disse a Lucia:

— Parece-me que vou fazer minha ultima viagem. Somos já bastante ricos, e, podes crer, já tenho vontade de descansar...

Foi ao armario da roupa branca, afim de preparar suas malas. Lançou em torno de si esse olhar de quem se vae de má vontade. Esse olhar circular que diz até á vista aos logares amados. Subito, viu, na parede, muitos e bem pequenos riscos de lapis. Não se enganou. Lucia, segundo o costume das mães, marcava, com orgulho, o crescimento de seu filho. Havia muitos. O senhor Mulette lembrou-se de que sua propria mãe marcava tambem assim seu crescimento na parede. Mas aquelles signaes não eram nem imperceptiveis nem vergonhosos: todo o mundo os admirava e os celebrava. Emquanto que para este outro, para o pobre menino desconhecido levado ali em segredo...

Quiz falar... Mas falava tão mal... Uma carta? Nunca saberia expressar o que sentia...

Então, tomou seu lapis e, ao lado do ultimo signal, escreveu estas palavras: "Que esteja bem crescido quando eu voltar!... — F. M."

VARINHA DE CONDÃO

SPORT: Manhãs luminosas de nosso inverno! Vibra no ar transparente e fino a alegria sonora de cantantes crystaes de luxo... A trama alvinitente da luz é leve e macia, o céo é uma caricia immensa perpassando sobre nossos olhos... Ha um fluido fresco e juvenil por sobre tudo... e o exercicio é então para o corpo remoçado e bembem disposto a suprema alegria. Correr, galgar impecilhos, deixar transbordar a espontaneidade dos gestos, deixar subir na atmosphera pura gritos de desafio e de triumpho... é a tentação que empolga toda creatura sadia... Mas a civilização, por toda parte, está a nossa espreita, fria, compassada como uma velha *miss*...

Felizmente, o moderno gosto pelo *sport* vem salvar da atrophia os impetos de revolta dos musculos e do sangue...

Moças de minha terra, si não quereis guiar automoveis nem remar, ao menos jogae o tennis... dae ao menos aos vossos vida sedentaria, ao vosso corpos enfraquecidos pela espirito obsedado pela futilidade de festas e de *flirts*, a alegria sadia e moralizadora de algumas horas de exercicio despreoccupado, de infantil contentamento.

E' um crime que os paes commettem, por ignorancia e incomprehensão, prohibir ás moças a salvadora expansão do exercicio physico...

Quizera que estas linhas que ahi vão pelo Brasil afóra, pudessem decidir muitas, de minhas patricias que ainda não praticam *sport* algum, a mandar fazer um desses dois galantes vestidos da figura 1 e 2 e iniciar em muito breve sua cultura physica, aproveitando a luminosa alegria de nossas manhãs de inverno.

O da figura 1 é composto de uma saia de lã verde com pregas fundas, e de um "jumper" de gersey crême, com barra de jersey verde. O casaco é de lã verde listado de verde escuro. Cinto de couro neste ultimo tom. Echarpe de séda crême, com bonito monogramma bordado de sêda verde escuro.

O da figura 2 tem a saia de chantung azul inteiramente plissada com blusa do mesmo tecido e côr. Completa-o um casaco de kasha azul marinho, genero *tailleur*, graciosamente masculino, apezar da fantasia dos grandes bolsos enviezados e do monogramma bordado sobre o lado, com sêda mais clara que o tecido. Lenço estampado de azul marinho sobre fundo azul no tom do chantung; fita azul marinho prendendo o cabello.

Figs. 1 e 2

♣

ACCESSORIOS ELEGANTES Cada vez mais, as pequenas fantasias de pedras falsas, a graça imprevista de uma fivella e de um berloque, apparecem completando os trajes de rua, de *sport* ou de *soirées*. Na fig. 3 nº. 1 nós vemos um pegador, feito de dois camafeus e de uma borla de sêda, que termina graciosamente o vieze de um vestido singelo para o dia. E' um modelo de Worth. Para a rua, uma echarpe listada de Chanel (figura II), é completada por uma delicada flôr de pluma nos mesmos tons branco e cinza do tecido. Emquanto que, na figura III Lanvin apresenta uma folhagem de tule, cortada por delicadas cor... verde, originalmente en... rentes de prata sustentando tres pedras verdes, que pendem como gottas de chlorophyla sobre o rosa sêcco de um vestido de noite.

Fig. 3

ARTE DO MOBILIARIO: Para a doçura da visão, no lar, não basta a esthetica da construcção, a belleza do soalho de mosaico, tal requer o gosto moderno, a graça da pintura, o arranjo das cortinas e o luxo dos moveis caros. E' preciso ainda a bôa collocação desses moveis e sua escolha de accordo com a sala que vão adornar.

Um dos erros muito communs é o do excesso dos moveis. Principalmente quem vive em moradias de aluguel, não repara nos inconvenientes praticos e estheticos dos quartos cheios demais. Succede commumente que habitando uma familia uma casa ampla, seja obrigada a mudar para aposentos mais acanhados. A arrumação dos trastes se torna difficil e a preoccupação da harmonia é posta de parte. Além desta, existe, porém o mau estar innegavel que decorre da falta de espaço para as pessoas se moverem. E' preferivel reduzir o numero de moveis, embora sacrificando a quantidade dos objectos do uso, porque, na vida, deve de haver sempre uma linha de equilibrio entre a moradia, as vestes, os habitos, e não devemos pretender conservar numa habitação modesta e pequena os mesmos costumes que tinhamos n'outra espaçosa e de mais luxo.

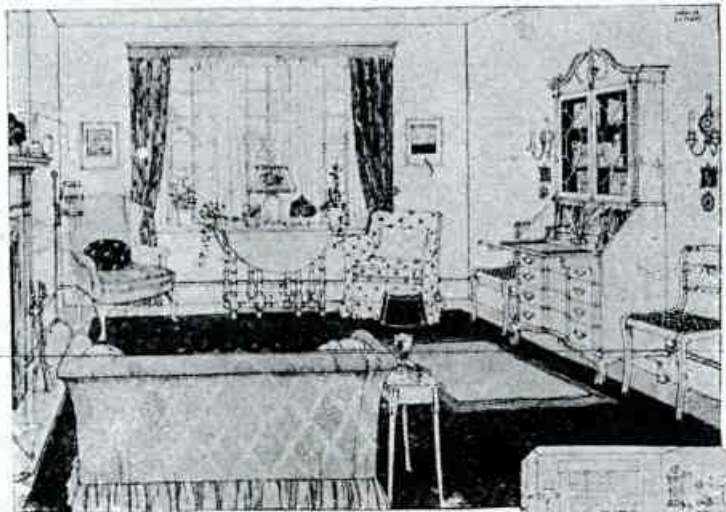
Fig. 4

Assim, vemos na figura 4 dois aspectos de uma mesma sala. No quadro pequenino, além do sofá, das duas cadeiras, da livraria-secretária, nota-se ainda uma estante singela. O aposento está positivamente sobrecarregado de moveis. Ficando a estante e a livraria-secretária no mesmo panno de muro, a mesinha foi posta de angulo, quasi sobre a janella, o sofá tambem de canto, avança muito para o meio da sala: uma das cadeiras está em frente á estante, atrapalhando a retirada dos livros e impedindo a passagem. Sacrificada a estante, guardados os livros no armario da livraria-secretária, esta parecerá melhor no centro da parede, ladeada por duas cadeiras e o resto dos moveis mais harmoniosamente ficará destribuido, segundo se vê no quadro maior.

Fig. 5

A figura 5 estuda um caso contrario de pobreza de moveis, para uma sala relativamente espaçosa. A suggestão do sofá, posto no centro apoiado á pequena mesa em semi-circulo, é original e confortavel. Sobre a mesa, uma lampada moderna convida á leitura: no macio sofá de panno, sobre o qual as almofadas põem a alegria de seus tons vivos e variados.

A diversidade das chitas que forram as cadeiras, augmenta o encanto do aposento: só uma apresenta o mesmo tecido da cortina da janella, e é collocada longe desta, emquanto as outras quebram a monotonia com suas cores mais claras.

Todas essas idéas são americanas, mas nós podemos aproveitala nos nossos interiores, no que ellas têm de adaptavel aos nossos habitos e ao nosso clima.

OS DOIS MODELOS

(Continuação da pagina 24)

. . .

docemente linda!... E que graça no andar, e que meiguice na voz!... E seus beijos?!... Mas, para que te falar nelles, si só te sabem bem os de gentil gazella, que...

— Carlos!

— Gracejo, apenas! Anda, vamos!

— Não, não sinto prazer algum em sahir. Perdôa-me!

— Estás te tornando grandemente intratavel! Pois então, vou indo, que a loura já deve estar á minha espera.

— Não te prendo; calculo o que sejam essas entrevistas!...

— Então, decididamente, não vens!

— Não, desculpa-me!

— Neste caso, adeus, eterno sonhadôr!

— Adeus, até amanhã, bohemio incorrigivel!

* *

Chegára, finalmente, o grande dia. E os dois amigos, ali, muito unidos, naquella grande sala, tremulos, apertam ansiosamente as mãos.

Silencio sepulchral pesa sobre o ambiente... Tudo quedo, tudo suspenso... Subito, o presidente da commissão julgadora se ergue. Dir-se-ia, se possivel fôra, que o proprio silencio emmudecêra.

Finalmente, o julgamento; e os concurrentes todos fremem e fremem mesmo os que o não são.

E a voz forte do presidente quebra o pesado silencia da sala. Dois são os victoriosos, agraciados ambos com o 1.º premio: Paulo e Carlos. E os dois amigos, ali mesmo ante aquelle jury severo, ante aquella multidão que freneticamente applaude, se lançam um nos braços do outro. E'-lhes muito grato que, sem distincção de qualidades, a gloria os envolva num mesmo abraço, fortificando-lhes ainda mais a amizade.

E é fremindo de emoção, que sobem ao palanque a receber as condecorações.

E applausos, sempre applausos... Mas a voz do presidente, sobrepujando-os, ordena que sejam franqueadas as portas da galeria nobre, onde estão expostos os quadros.

Um fremito, um alvoroço... Cada qual procura mais apressar-se, ansioso de vêr. E param todos ante aquelles dois quadros, postos em logar de destaque, lindos ambos, ambos maravilhosos; e, cousa interessante, a ambos, servira o mesmo modelo: em ambos, a mesma mulher loura sorri! Apenas, num ha a candura da innocencia, e noutro, a impudicicia da luxuria.

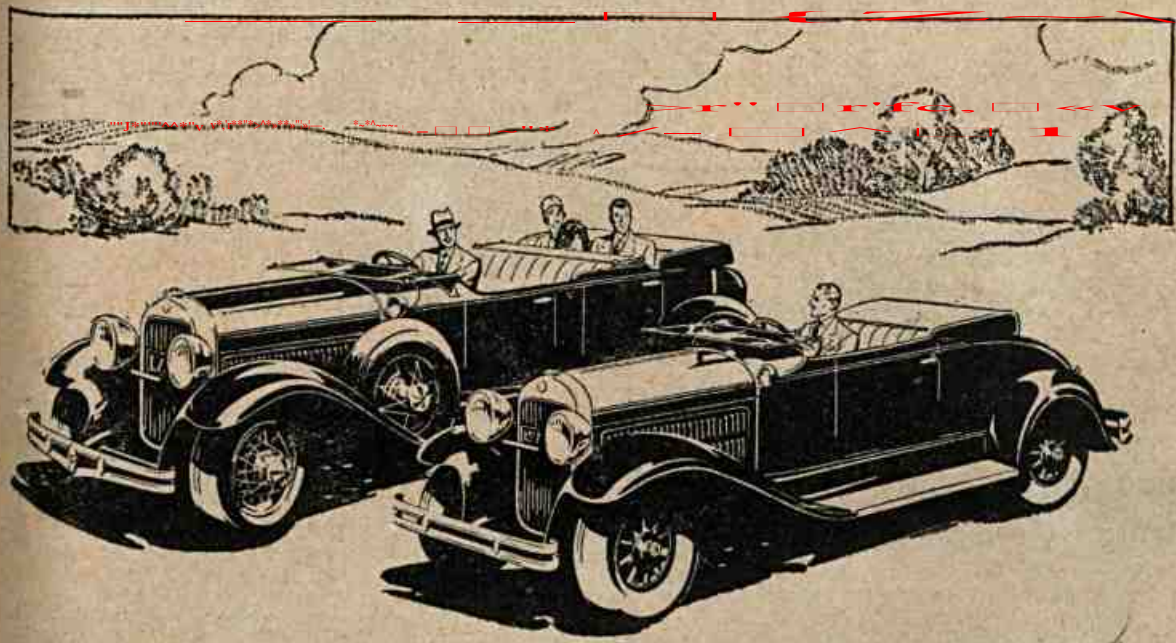
Um grito de enthusiasmo sáe de todas as boccas; e aquella massa de gente acotovella-se, indaga, procura, quer, de mais perto, felicitar os dois contemplados, quando um grito terrivel, grito de dôr, sahido das entranhas da alma, ecôa lugubremente no salão, vencendo toda a bulha, e um homem, Paulo, se precipita sobre a sua obra, fal-a em pedaços, num desespero sempre crescente, e cáe, após, a chorar e a rir, louco, completamente louco, sobre as ruinas do seu sonho...

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

O **EUCALOL**, *confesso, logra*
Um milagre surprehendente.
Domestiquei minha sogra,
Dando-lhe alguns, de presente.

Helena Pitanga.
Visc. Pirajá 239 — Rio

Automobilistas acclamaram o HUDSON *grandioso* e ESSEX *O Desafiador*

OS AUTOMOBILISTAS acclamaram Essex, o Desafiador, e o Grandioso Hudson como os carros de maior merito em toda a industria de automoveis. Em ambos este carros encontram belleza, facilidade de conducção, interiores espaçosos e luxuosamente guarnecidos, como geralmente, só se encontram em carros de preços muito mais elevados.

Revendedores estão hoje ricos e centenas de novos revendedores acabam de receber confiança a concessão Hudson-Essex. Talvez haja alguma vaga nessa localidade. Dirija-se V. S. ao distribuidor Hudson-Essex mais proximo ou sirva-se telegraphar directamente ã fabrica, pedindo pormenores.

HUDSON MOTOR CAR COMPANY
DETROIT, E. U. A.

Endereço Telegraphico: HUDSONCAR

T. L. WRIGHT & CIA. LTDA.

Exposição e vendas — RUA EVARISTO DA VEIGA, 142

Posto de Serviço e Secção de Peças — RUA SANTA LUZIA, 202

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

MAL DE AMOR

Da First-National

Cinema GLORIA — O enredo é excessivamente piegas. Não deixa, porém, de ser humano. Em questões de amôr, estas pieguices, por mais inverosimeis, são sempre logicas. E', por conseguinte, um film agua flôr de laranja. Mas no meio das extravagancias... faladas, é um bello trabalho de scena muda, que hoje se admira e aprecia com um grande prazer. Quando mesmo o seu argumento trouxesse uma certa fraqueza, a interpretação d'essa encantadora artista que é Corinne Griffith, nos faria esquecer todos os pontos falsos. E' uma artista que tem grande poder de nos emocionar nos encanta com a verdade realista da sua arte. Gram Withers é um bom artista, emquanto trabalha na scena muda. Em trabalho de mais arte queremos crêr que falhará. A direcção é bôa, de uma grande verdade nas scenas naturaes. Soffrivel a parte technica. Ha scenas demasiado extensas.

Cotação — SOFFRIVEL

AMOR CUBANO

Da Fox-Film

Cinema PATHE'-PALACE — A psychologia da mulher da America Central é alguma cousa original e estranha, derivado logico do mixto de raças que entram na formação da sua alma.

"Tangos argentinos"

. . . as melhores orchestras typicas argentinas gravam exclusivamente em discos

"ODEON"

CASA EDISON

Rua 7 Setem., 90 - Ouvidor, 135
RIO DE JANEIRO

CASA ODEON Ltd.

Rua de S. Bento, 54
S. PAULO

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

[illegible] LOBO, 115
Telephone: [illegible] Villa

DIARIAS DESDE 15$000

NOS CINEMAS DA AVENIDA —— (Continuação)

Neste film da Fox, a interpretação esplendida de Dolores del Rio muito se approxima do caracter da americana. O enredo d'este film é d'uma intensidade de paixão verdadeiramente communicativa. Poderá encontrar-se uma certa falta de verdade no espirito de vingança com que essa mulher se entrega ao homem que não ama, para se vingar do homem a quem idolatra. Mas esta observação é errada, desde que se considere o temperamento racial d'essa creatura. Dolores del Rio, n'esta obra realizada ha muito tempo, e só agora exhibida no Brasil, é a Dolores del Rio anterior a muitas obras, de relevo realizadas posteriormente. E' no emtanto admiravel de belleza e de emoção. Don-Alvarado é, como sempre, um artista affectadissimo. Muito superior, na interpretação, Ben Bard. Encantadora a photographia d'esta pellicula. Alguma cousa em que a palavra arte póde-se com justiça, empregar.

Cotação — BOM

O CAVALLEIRO OUSADO

DA DE MILLE PICTURES

Cinema CAPITOLIO — Isto de fazer films historicos já tem dado muito dissabor aos directores americanos, sobretudo quando se trata da historia da velha Europa. Rex Ingram já apanhou uma lição com "Escaramouche", que devia ser um exemplo para os directores incultos que trabalham a especialidade. Este, para não fugir á regra, atira para a téla um porção de disparates. Talleyrand apparece-nos sob o aspecto d'uma baixeza de caracter de que nunca ninguem o julgou capaz, apesar de se saber que não era um caracter. Como tem acontecido varias vezes, n'estes films historicos americanos, tem de collocar-se de lado a lição falsa da historia, para tão sómente vermos o lado artistico da realização cinematographica. Aqui temos de considerar bôa a interpretação, regular a direcção (abusou-se muito da inverdade) e excellente a parte technica.

Cotação — BOM

DEUS BRANCO

DA METRO

Cinema PALACIO — Film sonoro. Abstrahimo-nos d'esta qualidade, para só considerarmos o film como uma obra da arte muda. A sonoridade d'esta pellicula da Metro é apenas o ruido dos objectos e curtos dialogos que não se prolongam, e ainda alguns pedaços de musica sem grande relevo. Superior a tudo isso é o film... como film. E' um trabalho de muito merito pela belleza e originalidade do argumento; pela direcção cuidada, meticulosa, sequente, tanto mais que o ambiente em que decorre a acção é cousa nada vulgar, o que mais salienta o merito da obra tanto mais que a multidão de "extras", de difficil composição individual e collectiva, torna este film d'uma difficilima realização. Mas, mais acima de tudo isto, que é muito, está a interpretação de Monte Blue e Raquel Torres. Podem os dois admiraveis artistas marcar esta pellicula como uma das suas melhores realizações.

Cotação — BOM

GLORIAS DA MOCIDADE

DA TIFFANY-STAHL (*Programma Serrador*)

Cinema GLORIA — Films em ambientes de gente do mar á têm vindo varios ás télas do Rio. Uns com côres de dramaticidade profunda; outros, os melhores, destinados a dar-nos uns minutos de alegria. "Glorias da Mocidade" é um hymno á vida moça, alegre, despreoccupada. Diga-se, desde já, que é uma bôa pellicula no sentido geral, este trabalho da Tiffany. E' um film silencioso, dos que vão faltando nas télas e constituem a paixão do devotados da

Que differença!

COM O USO DO

Cilion

MOURA BRASIL

Podeis obter esta transformação

CILION escurece as Pestanas, dá brilho ás palpebras, desenvolve os CILIOS, combate os Terçóes e todas as inflammações

Pedir nas boas Perfumarias, Pharmacias e Drogarias

DEPOSITO Pharmacia Moura Brasil - Rua Uruguayana, 35

Vers la Joie..

parfum de grand luxe

RIGAUD

16 rue de la Paix

paris

OS CINEMAS DA AVENIDA — (Continuação)

scena muda. Essa encantadora, formosissima Dorothy Sebastian, faz o diabo n'este enredo delicado e alegre, com a sua arte cheia de espirito e de graça. Bom o trabalho de Larry Kent, que é um galã excellente para estes rapazinhos bravios. O film é bem dirigido, merecendo ser visto, especialmente, pelos apaixonados da arte do "box", em que a direcção nos proporcionou scenas de um grande realismo e verdade.

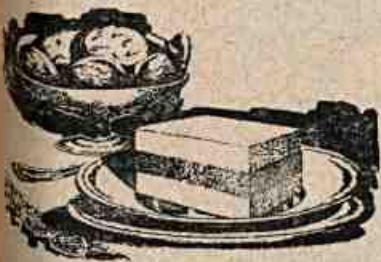
Cotação — BOM

A RAINHA LUISA E NAPOLEÃO

Da Ufa

Cinema RIALTO — E' um film de accentuada propaganda patriotica. Desculpe-se. A Allemanha, após o seu tremendo desastre bellico de 1918, necessita d'este incentivo á energia civica dos seus filhos, para que no seu coração não se apague a luz d'uma esperança. Esperança de grandeza ou de "revanche"? O final do film, recordando as victorias de 70, é accentuadamente fraco. Este aspecto da obra de arte (toda a arte serve ao patriotismo) escapa á emoção das platéas brasileiras. Como se diz vulgarmente, não temos nada com o peixe. Observemos a obra de arte... como obra de arte. E' um film de bôas e victoriosas emoções. Evitou-se grande movimento de massas, o que traria, além de grande trabalho para a direcção, muitas despesas. Com um tal ou qual rigor historico, as scenas desenrolam-se, na sua maior parte, em interiores. D'ahi, a par d'um grande cuidado de indumentaria e ambiente, o relevo psychologico das figuras. Dentre ellas, as duas principaes, Napoleão e a rainha Luisa da Prussia. Esta, que teve uma interpretação admiravel, foi entregue a Mady Christians. A grande estrella germanica esteve nos seus dias mais felizes. E' alguma cousa de superior á alma que ella emprestou á personalidade historica. As scenas como Napoleão, antes da paz com a Russia, são scenas magistraes. O film para quem, como nós, adora estas reconstituições quando honestas e perfeitas, é um trabalho que merece a

Cotação — BOM

O Complemento de Uma Boa Refeição

O bom gosto determina que o jantar seja rematado com um doce delicioso, nutritivo e de facil digestão. Os pratos preparados com a Maizena Duryea offerecem estas optimas propriedades, dahi a crescente popularidade de que gozam. Da proxima vez que V. tiver convivas, ou que preparar uma refeição para a familia, experimente o seguinte, saboroso

2½ Taças de leite quente
1 Colhér de extracto de baunilha
1 Pitada de sal
4 Colhéres rasas de Maizena Duryea
½ Chicara de assucar

Misture-se a Maizena Duryea com ½ da taça de leite frio. Deite-se o sal e mexa-se bem, addicionando o resto do leite quente aos poucos e o assucar para lhe dár o sabor desejado. Leve-se ao banho-Maria por 12 minutos, mexendo-se constantemente, até engrossar. Accrescente-se a baunilha, misturando-a bem. Em seguida verta-se tudo numa fôrma mergulhada em agua fria, até endurecer. Enfeite-se com fructas da estação.

Esta receita foi extrahida do precioso livro de Receitas de Cozinha da Maizena Duryea, que lhe enviaremos com o maximo prazer se V. S. nol-o pedir.

M. BARBOSA NETTO & C.
C. Postal 2938
RIO

Carta de Mãe:

"Minha filha: O maior numero das molestias das Senhoras tem origem no utero. Facil é evital-as tomando o

ELIXIR FERRO ERGOTE MANNET

TONICO GERAL REGULADOR UTERINO

1.° — Contém ferro em estado de ser perfeitamente incorporado ao organismo.
2.° — Contém cornutina-ergotinina em dose adequada para regularizar os incommodos das Senhoras.
3.° — Possue efficacia curativa na Anemia, na Chlorose, em todos os incommodos uterinos (Suppressão de Regras, Regras em Demasia, Menorrhagias, Metrorrhagias).
4.° — Sua acção rapida e certa se manifesta logo nos primeiros dias de uso.

SPECIA

Société Parisienne d'Expansion Chimique

Marcas : POULENC FRERES e USINES du RHONE

Nas DROGARIAS e PHARMACIAS

Comparação

de Frederico Boutet

UMA luz opaca alumiava o salãozinho mobiliado com gosto.

Alto, esbelto e com um *smocking* de córte irreprehensivel, Alberto Dervinier estava apoiado junto á chaminé. Um sorriso animava sua physionomia, habitualmente grave. Olhava com orgulho sua filha Suzana, que de pé lhe servia o café.

— Como te pareces com tua pobre mãe! — exclamou.

— Gosto que digas isso, papae.

— Digo-te porque é verdade, filhinha.

Tomou a chicara que sua filha lhe extendia e ficou um momento silencioso, recordando sua mulher. Nunca, em toda sua vida, ella lhe havia dado o menor desgosto. E elle passára dezesete annos ao lado de uma companheira dôce e bôa, a quem não fizéra feliz.

Elle, entretanto, fôra um sêr privilegiado. Filho unico de paes ricos, sua infancia correu entre mimos e commodidades. Mais tarde, graças a suas grandes faculdades, fez estudos brilhantes. Aos trinta annos se casou com uma mulher joven, seductora, rica e loucamente apaixonada por elle. Depois de dois annos de vida conjugal, nasceu Suzana, e esse acontecimento, em vez de attrahir Alberto Dervinier, o tinha, pelo contrario, afastado de seu lar. Sua indifferença fez madame Dervinier soffrer muito. E ella teve a virtude de não se queixar nunca, nem mesmo nos ultimos momentos de sua vida. Ao pensar nisso, Alberto sentia grandes remorsos.

Quando morreu sua mulher, M. Dervinier se consagrou a sua filha, a quem apenas conhecia, e começou a descobrir suas qualidades, que o enchiam de orgulho. Gostava de falar com ella, de mimal-a, de proporcionar-lhe distracções. Evitava que ella tivesse uma vida livre e modernista. Numa palavra: exigia que não fosse como elle havia sido.

— Mandei vir o auto ás dez, filhinha. Está bem? Assim chegaremos á festa dos Furtil ás dez e um quarto...

— Sim, papae.

Suzana pareceu duvidar um momento. Depois falou:

— Pae, eu queria dizer-te...

— Que, filha?

— Que esta noite, em casa dos Furtil... encontraremos uma pessôa que quer falar-te... Isto é... pedir-te... minha mão.

— Até agora não recebeste bem os que vieram com essa pretenção...

— E' que nenhum delles me agradava... Além disso, eu era tão joven!

— Pois não és, agora, muito mais velha do que ha tres semanas atrás, quando repelliste o filho dos Heurtefeuille!... E quem é o feliz mortal?...

— João Castier.

— João Castier! ?

Alberto Dervinier franziu o cenho.

— Olha, filhinha, João Castier não acho que te convenha.

— Por que, pae?

— Porque... (M. Dervinier hesitou um momento), não é que não seja de bôa familia, e que sua posição não seja invejavel... Mas é que o casamento para uma joven como tu, bôa, sincera, sensivel... é uma cousa muito seria, e não creio que João Castier...

— Mas... por que? Que fez elle? Dize-me, papae!... Eu gosto delle e elle gosta de mim... Que póde haver para que eu não possa casar com elle?

Monsieur Dervinier ficou um instante em silencio. Conhecia João Castier. Sabia que elle era seductor, elegante e educado. Mas era um homem que gostava de se divertir. Um homem como elle o fôra. E, assim, temia que fizesse desgraçada Suzana... como elle havia feito desgraçada sua mãe.

— Escuta, minha filha — exclamou. — João Castier tem grandes qualidades exteriores, mas isso não é o bastante para que seja um bom marido. Eu tenho experiencia da vida e só desejo tua felicidade. Queria para ti um homem mais tranquillo, embora não fosse tão intelligente...

— Pae! Como queres que tua filha seja feliz com um homem assim? E' impossivel! Desde a morte de minha mamãe vivi intimamente comtigo e pude apreciar o que é um sêr superior. Pois eu gosto de João porque elle se parece comtigo... Tenho orgulho de ser tua filha, e quero ter orgulho de tel-o por marido!

Alberto Derviner olhou sua filha e perguntou-lhe:

— Achas que uma mulher póde ser feliz com um homem como eu?

E calou-se, suppondo ter falado demais. Suzana, porém, tranquillamente, lhe respondeu:

— Por que não, papae?

— Então... achas que tua mãe foi feliz?

— Nunca ella me disse que fôsse desgraçada...

Suzana parecia responder com franqueza... Dissimulava? Monsieur Dervinier não quiz insistir.

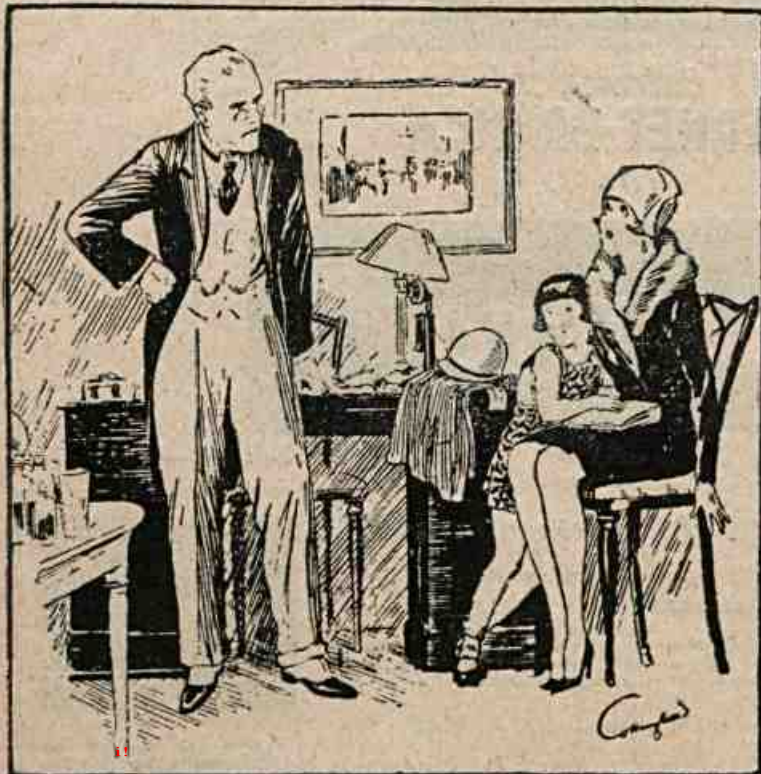
— Pae — disse Suzana — gosto de João Castier e elle gosta de mim... Serei feliz com elle, e saberei defender, si necessario fôr, minha felicidadee.

Não disse mais nada. Alberto Dervinier pensou, para tranquilizar sua consciencia, que madame Dervinier não soubéra defender sua felicidade, e se julgou menos culpado... Pensou que Suzana, que, embora se parecesse com ella, tambem tinha um pouco de seu genio, não seria tão céga nem tão resignada, e, além disso, elle, com sua experiencia, saberia aconselhal-a e defendel-a. De resto, seus terrores eram vãos. Acaso podia comparar-se João Castier com Alberto Dervinier? Não!... Um era infinitamente superior ao outro!

E, sorrindo ante essa idéa, murmurou:

— Bem, filhinha... Consinto... Casa-te com João Castier!

ESPIRITO ALHEIO

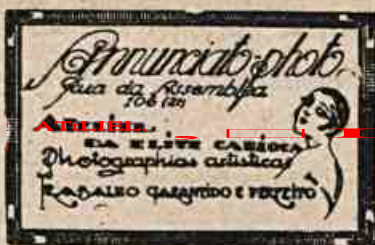
A UNICA SOLUÇÃO

— Como é que, sendo tão pobre, passa todo o dia dormindo?
— Assim, pelo menos economizo os sapatos...

O occulista. — Esta menina soffrerá da vista toda a existencia si a senhora não deixar de leval-a ao cinema.
A mãe. — Mas eu não poderia deixal-a em casa, doutor. Seria uma crueldade.

— Sabe que penso atravessar o Atlântico?
— Em avião?
— Não. Por telephone.

— Gostei de sua novella. Mas, por que não lhe pôz um pouco de Deauville, de San Sebastian, de Biarritz?
— Mas si eu não conheço esses logares...
— Não importa. Os leitores não os conhecem tambem.

Cesse de soffrer do estomago

As doenças chronicas do estomago são muitas vezes a consequencia de uma negligencia prolongada. Se ao primeiro signal de dôr tomar Magnesia Bisurada depois das refeições poderá evitar a si mesmo muito soffrimento. O principio de uma doença estomacal póde ser devido a um excesso de acidez do suco gastrico; a Magnesia Bisurada neutraliza rapidamente esta acidez. Impede ella as flatulencias, pesadume, azia, azedume do estomago, e outras desordens que com o correr do tempo poderão tornar-se doenças graves. Não despreze pois os primeiros signaes da natureza, tome a Magnesia Bisurada que se acha á venda em todas as pharmacias, e note a sua efficacia tão bem conhecida.

UNHAS ARISTOCRATICAS

Pelas unhas se conhecem as pessoas de fino tratamento.

O Esmalte Satan é o preferido pelas mulheres chics. E' empregado e recommendado pelas manicuras dos principaes Institutos de Belleza de Nova York, Paris, Buenos Aires, São Paulo e Rio. Vantagens do Esmalte Satan:

1.° Não mancha as unhas.

2.° Qualquer pessôa póde applical-o.

3.° Resiste á lavagem mesmo com agua quente.

4.° Secca instantaneamente.

5.° Deixa um brilho e colorido inegualaveis que duram por 20 dias.

Peçam Esmalte Satan, nas principaes Perfumarias, Drogarias e Pharmacias.

Nota importante: Devolveremos o dinheiro a quem não ficar plenamente satisfeito.

Alvim & Freitas — Caixa Postal, 1379 — São Paulo

Sob a luz mortiça da lamparina o forró, no emtanto, vae no auge.

Aquillo é de um pittoresco inedito!

Ha gente de todas as côres, desde o negro fulvo, de carapinha enfeitada, o mulato pernostico, de olhos agateados, até o branco. E no meio daquella choreographia barbara, em que ha passos bambos de batuque africano, até as danças modernas, são executadas por pares mais ousados numa emulação atrevida e grotesca.

Dizem da cobra cascavel que, quando sente fome, procura uma vereda, enrosca-se em bote, fica á espreita. De repente, estala uma folha secca — é uma preá. Vem no seu passinho ligeiro, ora interrompendo-se, para farejar, ora avançando, ouvidos attentos, arisca. Aproxima-se da voragem. A cobra, então, distende-se toda como uma molla, laça-a, fisga-a, injectando-lhe a peçonha lethal.

E solta-a.

Emquanto o pobre animalzinho foge apressado, contorcendo-se em dôres, ella, calma, quasi displicente, vae acompanhando-o de longe, certa de que, mais adeante, a sua victima, fatalmente, agoniza e morre.

Assim é o caboclo. Alli encostado na parede, está de alcatéa. De repente, os seus olhos se cruzam com os de uma mulata. Fixam-se rapidamente. Elle faz um gesto, indicando o meio da sala; ella balança a cabeça, num assentimento. Aquillo foi um convite para dançar!

A sanfona vae tocar.

Os pares se alvoroçam. Emquanto os outros lhe disputam a dama preferida, elle, fleugmatico, não se altera. E, calmo, com a mesma displicencia da cobra, deixa que elles corram, certo, convencido de que ella tambem como a preázinha ferida, ficará, fatalmente, á sua espera. Só depois se aproxima, um ligeiro sorriso nos labios, gozando os "contras" que os outros levaram. E, acercando-se, mudo, sem um agradecimento áquella fidelidade espontanea, rude como um apache, enleia-a, e começa a dançar...

O FORRÓ

(Continuação da pagina 5)

*

* * *

* * *

* * *

*

Rondando o sereno, o chapéo cahido de banda, a cacete de jucá na mão, a "parnahyba" na cinta, um individuo suspeito começa a despertar a attenção.

De quando em vez, se aproxima da mesa onde se vende cachaça, sacode um nickel, pede:

— Branquinha...

E retorna á sua ronda, o andar já pesado, os olhos soslaiantes, injectados, um ar sombrio, provocador, no rosto.

E' um valentão. E' um desses typos originaes que não dançam, mas que vão a todas as festas, só pelo prazer de acabal-as.

São conhecidos, apontados; têm fama. Gabam-se, citando *forrós* que "esfriaram" á custa de cacete.

A folhas tantas, quando a "branquinha" já principia a lhe escurecer a vista, invade a sala, a faca numa mão, o cacete na outra:

— Vou acabar com esta festa!

E é na lamparina que desfere a primeira pancada.

No escuro, estabelece-se a confusão. Corre gente para todos os lados. Ha gritos, lamentos, imprecações:

— Ai! ...

— *Segure o bicho, cumpade...*

— *Num mate o home...*

— Conheceu, cachorro?...

Agora, na sala, a luta está reduzida entre uns tres ou quatro, dos mais destemidos, que enfrentaram o bandido.

Subjugado, é arrastado para fóra, vão pelo caminho, altercando ainda, aos trancos, tocado até longe. Lá se

As vozes, porém, na proporção da distancia, se vão tornando amortecidas, até que tudo cae num silencio profundo...

* * *

Na aureola da [illegible], um vulto espreita. Vê tudo calmo, restabelecido, a luz já accesa na sala. Encaminha-se para a casa.

E' o tocador. Foi o primeiro que correu, e é o primeiro que volta. Chega, puxa de novo o tamborete para perto da porta, prevenindo-se, assim, para uma nova arrancada.

Toca.

Dentro da noite, os sons da sanfona são mais plangentes, de uma melancolia saudosa, que enternece.

Nos esconderijos, os convidados apuram os ouvidos, concluem:

— A festa já começou de novo...

Então, vêm vindo, desconfiados, um a um.

Surgem os commentarios; apparecem, agora, muitos valentões que na occasião "não estavam", mas que se propõem a liquidar o "bicho", si tiver o topete de voltar outra vez.

Mas, o horizonte já se purpureja com os primeiros albores da madrugada.

Na camarinha, em promiscuidade, muitos pares cabeceiam de somno. Pelos cantos, acocoradas em attitudes comicas, velhas dormem profundamente, roncando como suinos.

O festeiro, então, bate as palmas, e annuncia:

— O *cumpadr* Victorino mandô avisá que no *sabbo* vae tirá uma novena. E' uma promessa da *mulé*. *Adespois* vae *havê* um baile. Fica todo o mundo *cumvidado*. Agora, a menhã vem nascendo e a festa vae se *acabá*. Vamo dançá o ultimo *intreváu*.

E, virando-se para o tocador:

— *Cumpade*, um onestrepe!

E' a ultima contradança.

A sanfona preludia. Os pares se movimentam. E o tocador, somnolento, apruma-se no tamborete, atacando o one step...

AS MULHERES E OUTRAS FUTILIDADES

Quando foi do dilúvio, n'aquella balburdia, com a pressa de salvarem-se, entrando na arca do velho Noé, as mulheres esqueceram a taboada em terra; durante a viagem recitaram os numeros, baixinho, mas, como a brincadeira durasse quarenta dias, ellas acabaram contando de traz para diante... E' por isso, por hereditariedade, que as mulheres de nosso tempo contam a idade ás avessas.

Nós é que fazemos differente a mulher amada...

Quando eu quero que todos saibam o que penso de determinada pessôa ou cousa, digo-o a u'a mulher e peço-lhe segredo.

O gyrasol é como tantas mulheres que eu conheço: uma flôr apenas vistosa.

Foi Eva que estragou a vida de Adão; e, por um capricho: pela tolice sensaborona de uma fruta; ainda si valesse a pena...

Ha mulheres como caixas de "bon-bons": muita pintura, muita fita e... só.

Quando u'a mulher diz "sim", a gente não sabe si é "não" ou "talvez"...

Ha mulheres que nos enthusiasmam de longe; na intimidade — oh, meu Deus, quanta ignorancia! — são como as pedras falsas!

Eu ainda não sei si foi o diabo que inventou a mulher, ou esta aquelle.

A mulher custou ao primeiro homem uma costella; na época actual, porém, nos custa muito mais do que isso.

Nasceram da "constancia" das mulheres as quatro estações do anno.

Para u'a mulher feia, quasi todos os homens são antipathicos.

Dizem os poetas que as mulheres são flores. Sim! Entre estas, tambem, os cravos de defuntos.

... Que as mulheres falam com o coração á bocca; é por isso que admiro os fabricantes de carmim...

Carlos Madeira

DÔR
GRIPPE
RESFRIADOS
GUARAINA
ENVELLOPPE - $500
TUBO - 3$500
LAB. NUTROTHERAPICO-RIO

Crème Simon
Uma massagem com o Creme Simon é tão agradavel para o rosto como uma caricia. Não seca nem engordura, e pela sua perfeita untuosidade que penetra nos póros da pele,
O CREME SIMON
vivifica a epiderme, amacia-a e faz realçar o seu brilho natural.
MODO DE USAR. - Espalhai-o sobre a pele ainda humida, depois da toilette. Fazei-o penetrar nos póros por meio de uma leve massagem, seccando-o depois com uma toalha. Elle tornará mais aderente o vosso pó...
o PÓ SIMON
PARIS

GLYCÉROPHOSPHATO
ROBIN
Lactação
Gravidez
Crescença
dos creanças
Laboratorios M. ROBIN, 13, rue de Poissy, PARIS

— Mais um desengano para o album das minhas desillusões.... — murmurou Roberto deixando transparecer nas feições a grande magoa que lhe ia n'alma. E ainda conservo nas retinas a significativa expressão do seu olhar que me proporcionou tanta esperança. Aquelle olhar, que me pareceu tão puro, tão sincero, significava para mim a mais fagueira das promessas, a mulher!... Quem póde confiar no amôr desse ente que, reunindo em si tantos encantos, ora nos faz sorrir de ventura, ora nos faz chorar de amarguras?

E após sorver, de um só trago, o resto de *chopp* que continha o seu copo, a sua physionomia tomou a expressão de quem transporta o espirito á região dos sonhos e pronunciou em surdina, com voz sumida:

— *Suas fórmas são primores...*
Que Venus não tinha iguaes...
São encantos tentadores...
São meus suspiros e ais!

— E's um doente de sensibilidade amorosa! Mas, afinal, quem é essa criatura que, possuindo tanta faculdade para illudir, para simular, feriu teu coração assim por esta fórma?

— Quem é ella? E'... é uma linda leviana por cujos encantos me deixei render...

Ora, meu amigo! não te afflijas assim. Sê forte! Olvida essa mulher! Eu tambem tenho tido amargas desillusões do amôr, e por isso trago hoje encerrado em meu peito este lemma de fogo: o amôr da mulher é uma illusão!

— Mas que seria de nós, nesta vida de realidades tão duras, si não fôra as consoladoras illusões?

— Sim... mas... Vou contar-te, em resumo, o ultimo desengano que tive. Foi numa bella tarde de outomno que o acaso me fez encontrar, em um dia de festa, no Jardim Zoologico, uma linda criatura que logo despertou em mim uma

A LEVIANA

J. MONTEIRO GOMES

(O desenrolar desta scena teve por theatro o interior de um "bar", onde, em um recanto discreto, dois jovens conversavam sobre cousas de amor.)

* * *

grande sympathia. Fitei-a e os nossos olhares se fixaram mutuamente; e foi então que eu senti na ternura de seus olhos uma especie de lampejo que traduzia tudo em correspondencia ao meu affecto... E, para impulsionar ainda mais a chamma que abrazou meu coração, um gracioso sorriso floriu seus labios imprimindo em suas faces duas encantadoras covinhas que me pareciam dizer: "sepulta aqui teu coração!" Amei-a, e o nosso amôr foi um delirio que me embalou em deleitosos sonhos... Mas durou tão pouco o meu enlevo... que me deixou, por algum tempo, tristonho, desolado...

— Conta-me, fala-me do teu amôr.

— ...é no dôce enlevo desses sonhos, ella era todo o meu cuidado, era tudo para mim na vida!... Entretanto, antes que completasse um mez, tive a amarga decepção de verificar que a minha dita distribuia o mesmo... leviano amôr com outro homem. Procurei vencer, mas foi debalde. Tornou-se indifferente a principio, depois esquiva.... e por fim o meu amôr morreu!

E nisso o amoroso confidente começou a descrever com detalhes os caracteristicos da formosura de sua bella: e, á proporção que ia narrando os seus encantos, as feições de Roberto se transformavam e os seus olhos deixavam transparecer um brilho fascinante.

— O nome dessa mulher, meu amigo? — indagou Roberto.

— Maria.

— Coincidencia! — exclamou elle.

E, em seguida, concentrando-se, murmurou como uma prece:

"*Os olhos de* ...
Espargem tanto ...
Que traz minh'alma [nada-...]
Meu peito em ansi- [a-do...]

E depois, acossado por um presentimento, perguntou, sofregamente:

— Onde mora ella?

— Esperas, meu Roberto, não te impacientes. Eu tenho aqui a mais flagrante demonstração de sua personalidade, a mais esclarecido attestado de sua identidade, que, aliás, te vem provar que eu, mais do que tu, que te deixaste illudir pela expressão de um olhar apenas, tenho razões para descrêr perpetuamente do amôr da mulher...

E nisto, mettendo a mão no bolso interior do casaco, o confidente tirou uma carteira que continha uma photographia.

— Ella — exclamou elle, collocando o retrato de uma linda moça deante dos olhos de Roberto.

Uma pallidez profunda annuviou o semblante do apaixonado moço, que, num transporte indescriptivel, deixou escapar como um gemido, envolto num suspiro, esta exclamação:

— Ella!

Emquanto o confidente que, num relance, tudo comprehendera, soltou estridente gargalhada.

Ambos tinham sido illudidos pela mesma bella leviana.

S A C H Y K O

Eu tenho dentro em mim uma coisa que diz
Que eu nunca hei-de ser feliz.

Toda a vez, "musumé", que lhe dizia
A minha suspeição,
Como sorria
Você,
Flôr do Japão!...

"Musumé" (quanta vez eu lhe dizia!...)
Meu passado de amor
E' um phantasma que o tempo não apaga
Para martyrizar meu coração;
Todo o instante de gloria e de alegria
E todo o bem que o amor me deu em paga,
Não conseguem banir meu dissabor,
Minha desillusão.

De tudo, emfim, que lhe falava,
Sem descobrir por que,
Sempre sorrindo me fitava
Você.

Quando aquelle vapor
Levou-a do Brasil para o Japão,
N'aquelle dia,
Eu fui, Sachyko, acompanhal-a ao caes.
Era a separação...
Nunca mais eu teria aquelle amor
E aquella linda bocca que sorria,
Nunca mais!...
Eu fui um desditoso sonhador
A mandal-a embora, de verdade,
Sachyko, — flôr do amor,
Dilecta filha da felicidade!

Ha dentro em mim, Sachyko, uma coisa que diz
Que eu nunca hei-de ser feliz!

HORTA MACEDO.

(1) Significa *felicidade*. Pronuncie-se *Satyro*).